



GOVERNADOR GUAZZELLI: LIGAÇÃO IBICUI-JACUI INICIA NO MEU GOVERNO



Texto página 5

Nesta Edição:

Agrícola — Pecuária

Economia — Produção

Técnicas — Ambiente

História — Costumes

A MORTE DO ESCRITOR

De uma síncope, morreu na noite de 28 de novembro, o escritor **Érico Veríssimo**. O Brasil inteiro chorou sua morte. Os intelectuais de Sul a Norte, manifestaram sua dor. Juntamente com o baiano **Jorge Amado**, ele foi o maior escritor brasileiro de renome internacional. Além de dona **Mafalda**, sua esposa e companheira de tantos anos, **Érico** deixou os filhos **Luiz Fernando** e **Clarissa**, seis netos e incontável número de amigos e admiradores. O Rio Grande do Sul está de luto pela perda de sua mais alta voz. No próximo dia 17 de dezembro ele completaria 70 anos. Há poucos meses reuniu sua família para uma visita de recordação a Cruz Alta, sua terra natal.

Ele conservou até os seus quase 70 anos, as recordações do menino "querido e calado", que apesar das andanças pelo mundo não esqueceu sua terra e sua gente. Estas ele retratou em quase toda sua obra fundamentada basicamente no conjunto de tipos e sociedades que constituem sua "Quêrência".

Pouco antes de lançar o primeiro volume de "Solo de Clarinetista", obra autobiográfica, **Érico** dizia: "Depois de Solo de Clarinetista, quero pagar uma dívida que tenho com as crianças: escrever um livro especial para elas. Depois, posso morrer tranquilo. Infelizmente, **Érico** não conseguiu concluir o segundo volume de suas memórias. Mas o que deixou, foi o bastante para ser eternamente lembrado.

Juntamente com **Jorge Amado**, ele formava a dupla de escritores brasileiros de maior renome internacional, com obras traduzidas e editadas em todos os continentes. A lista de prêmios e homenagens que recebeu é longa. Dentre estas, destaca-se o "Prêmio Juca Pato" e a indicação de seu nome para o "Prêmio Nobel de Literatura". Porém, o temperamento tímido e humilde com que enfrentou o sucesso de carreira, não permitiram a **Érico** adaptar-se às manifestações públicas. Levava tranquilamente o adjetivo de "arredio" a tais manifestações. Exatamente por esta característica forte de sua personalidade (extremamente modesto), **Érico** rejeitou sempre com veemência os convites para fazer parte da Academia Brasileira de Letras. O escritor preferia a poltrona de sua casa da rua Felipe de Oliveira, no bairro Petropolis, na qual reunia a família, os netos, os amigos e acolhia a todos os que por lá passavam.

A primeira obra de **Érico**, "Fantoches" (uma coletânea de contos), foi lançada em 1932 pela editora Globo, mas não chegou a alcançar sucesso junto ao grande público. "Clarissa" (1933), obra seguinte, foi que lhe deu o sucesso esperado. Sua projeção como escritor nacional aconteceu em 1935, com "Música no Longe", que lhe deu o prêmio Machado de Assis conferido pela Academia Brasileira de Letras. Pouco depois, naquele mesmo ano, **Érico** confirmava sua consagração com o livro "Caminhos Cruzados".

Em 1938 lançou "Olhai Os Lirios do Campo", obra marcada pelo forte contexto social com que descreveu a luta de classes e injustiças sociais. Mas ainda neste mesmo ano, ele se dedicaria também à literatura infantil, escrevendo para SUAS CRIANÇAS: "Aventuras de Tibicuera"; "A Vida do Elefante Basílio"; "O Urso Com Música Na Barriga"; "Os Três Porquinhos Pobres"; e "Aventuras do Aviãozinho Vermelho". Em 1939 chocaria a sociedade provinciana com o realismo de "Um Lugar Ao Sul". A seguir, dedicou-se a obras didáticas, retornando a literatura, em 1940, com uma análise da Guerra Civil Espanhola. Neste ano aceitou o convite do Departamento de Estado dos Estados Unidos para uma viagem de observações por aquele país, da qual resultaram: "Viagem Através da Literatura Americana"; "Lições da Vida Americana"; e "Gosto Preto em Campo de Neve", todas lançadas em 1941. De volta ao Brasil, lançou nova coletânea de contos intitulados "As Mãos de Meu Filho". Em 1943, lançou "O Resto É Silêncio", romance que marcaria nova fase na carreira do escritor, despertando grande polémica: falava sobre a desagregação e decadência da elite rural.

Nos dois anos seguintes **Érico** viveria em San Francisco e Los Angeles, onde à convite da Universidade de Berkeley lecionou literatura, deu grande número de conferências e escreveu "A Volta do Gato Preto", obra descritiva do tempo em que lá passou. Em 1945, já no Brasil, iniciou a trilogia "O Tempo e o Vento"; "O Continente", concluindo em 49; "O Retrato", em 51; e "O Arquipelago", onze anos depois. Nesse interim, publicou "Noite", recentemente reeditado.

Em 1965, lança "O Senhor Embaixador", obra de contexto político-social que atinge não só o Rio Grande do Sul e Brasil, como toda a América Latina. Em 1967 escreve o "Frisoneiro", livro que retrata sob contexto universal a guerra do sudeste Asiático. Em 1971 surge o seu último romance: "Incidente em Antares", que obteve larga repercussão. Além destas, **Érico** ainda escreveu livros de viagens e outras obras de reminiscência.

MISSÃO CUMPRIDA

Os Governos do Estado e da União, este através do Ministério dos Transportes, assinam a 4 do corrente o protocolo oficial que dará início ao processo de execução das obras que ligarão as bacias dos rios Ibicui e Jacui, no que se constituirá na maior obra hidroviária já programada para o Rio Grande do Sul e das maiores do País.

A significação dessa ligação hidroviária, que será o começo da integração marítima-fluvial-lacustre do Brasil com os demais países sulamericanos, é bastante conhecida dos leitores do COTRIJORNAL, visto que nesta fase a antiga reivindicação foi levantada por nós. A edição de setembro de 1975 dedicou seis páginas à reivindicação da grande obra, lembrando que "desde o Império se fala na ligação Ibicui-Jacui".

Começamos por historiar os fatos relacionados e por manifestar opiniões de autoridades e técnicos, dentre estes o engenheiro **Homero Telmo Molina**, superintendente da AHSUL e o engenheiro **Afonso H. Portugal**, então diretor de Vias Navegáveis do ex-DNPVN, hoje PORTOBRÁS.

Na edição de outubro o COTRIJORNAL dedicou mais seis páginas à reivindicação da obra, quando ouvimos outras autoridades e outros técnicos, bem como mostramos exemplos de países que canalizaram recursos e enfrentaram os desafios do presente para edificarem obras semelhantes. Em novembro retornamos com duas páginas e pormenorizado editorial. Em dezembro focalizamos entrevista com o governador do Estado, sr. **Sinval Guazzelli**, onde sua excelência foi taxativo ao dizer que a ligação Ibicui-Jacui iniciava durante seu período de Governo.

Portanto, ao ser cancelado o documento no dia 4, é justo que fiquemos satisfeitos conosco mesmo, pois sentimos que nosso trabalho encontrou campo fértil na capacidade e tenacidade do governador **Sinval Guazzelli**, que demonstra, ao assumir o problema mais do que secular, elevada tendência para os grandes desafios.

No clichê, uma redução da edição de dezembro do COTRIJORNAL, com a matéria em que divulgamos o compromisso do Governo gaúcho. Aparecem o sr. **Sinval Guazzelli**, o economista **Edgar Irio Simm** e o redator.

Ao COTRIJORNAL cabe dizer, missão cumprida. O presidente da COTRIJUI, **Ruben Ilgenfritz da Silva**, endereçou o seguinte telegrama ao governador **Guazzelli**: "No momento que V. Excia. alcança o objetivo de sensibilizar o Governo Federal na consecução do Projeto Ibicui-Jacui, a par de nossos efusivos cumprimentos, desejamos comunicar a nossa disposição de continuar lutando ao lado de V. Excia. para a consecução total desse objetivo, que consideramos prioritário à capacidade competitiva de nossa produção primária nos mercados interno e externo. Atenciosamente, **Ruben Ilgenfritz da Silva**, diretor-presidente da COTRIJUI.

Texto à página 8.

PRÊMIO ABERJE DE JORNALISMO E A ASSOCIAÇÃO DE IMPRENSA

Correspondência assinada pelo presidente e secretário da Associação Riograndense de Imprensa, jornalistas **Alberto André** e **Eloy Dias dos Anjos**, aplaude o COTRIJORNAL pela conquista do Prêmio Aberje de Jornalismo, outorga concedida pela Associação Brasileira de Editores de Revistas e Jornais de Empresa.

res de Revistas e Jornais de Empresa.

Foi a seguinte a carta endereçada pela entidade estadual dos jornalistas do Rio Grande do Sul, ao editor.

"Ilmo. Sr. Jornalista **Raul Quevedo**. Redator responsável do COTRIJORNAL. Ijuí - RS.

Temos a satisfação de nos dirigirmos ao distinto colega e amigo, a fim de apresentar os cumprimentos da Associação Riograndense de Imprensa pelo recebimento do Prêmio "Aberje" de jornalismo, categoria externo, que lhe foi recentemente entregue em São Paulo. Trata-se de merecida

outorga ao COTRIJORNAL, órgão especializado de jornalismo econômico, que está revolucionando o setor pela sua expressão cultural, informativa e opinativa.

Com a extensão destas congratulações aos dirigentes da COTRIJUI, modelar cooperativa à qual pertence o COTRIJORNAL, abraçamos

mos o colega e amigo e reiteramos-lhe os protestos de admiração e apreço. Cordialmente, **Alberto André**, presidente; **Eloy Dias dos Anjos**, 1º secretário".

Na seção "Jornalismo desta edição apresentamos a repercussão alcançada na imprensa do Estado, pelo prêmio conquistado.



Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre,
Caixa Postal, 111
IJUI - RS.

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRAN Nº 248/73
CGC MF - 90726506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Nelcy Rospide Nunes,
Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Er-
win Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bi-
zarello, Flávio Sperotto e Reinhol-
do Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Itelvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Ama-
ry Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Kohler, Emilio Uhde e
Zeno Foletto.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Mário Euzires de Moura Guterres,
Harry Reisdorfer e Olderge Antonio
Bertol.

Capacidade em Armazenagem

IJUI (Sede)	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.

* Breve mais 66.000 T. de capaci-
dade em Ijuí.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universida-
des e técnicos do setor, no país e ex-
terior. Nossa tiragem, 12.000 exem-
plares.



Associado
da ABERJE
Associação
Brasileira
de Editores
de Revistas
e Jornais
de Empresa

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esq. Av. Porto Ale-
gre, Caixa Postal, 111

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável
- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176,
matricula no SJPPA n. 550, sócio da
Associação Riograndense de Impren-
sa sob n. 1571.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set
no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

EDITORIAIS

ÊXODO RURAL: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Sempre que se realizam encontros cong-
reacionais reunindo a classe do trabalhador rural,
vem a debate a problemática do êxodo do ho-
mem do campo em direção à cidade maior da
região e, não raro, à Capital do Estado.

Durante o Simpósio de Telepromoção Ru-
ral realizado de 20 a 22 últimos, em Porto Ale-
gre, como não poderia deixar de ser, o êxodo, o
despreparo profissional do homem e o chamado
"inchaço urbano", voltaram a ocupar a maior
parte do tempo nos debates.

Disse Philippe Adant, consultor do Ministé-
rio do Trabalho e da Organização Internacio-
nal do Trabalho, que a necessidade de qualifi-
cação para o setor primário no Brasil é da ordem
de 13 milhões de pessoas e não há recursos hu-
manos e capacidade financeira para preencher
essa lacuna a curto prazo.

No mesmo Encontro, o secretário Carlos
Alberto Chiareli, do Trabalho e Ação Social,
disse que o êxodo rural tem aumentado no Rio
Grande do Sul a um índice de 10 por cento a
cada decênio. Sugere, então, programas espe-
ciais para treinamento do setor primário, tenta-
ndo assim fixar o agricultor e evitar as grandes
migrações para os centros urbanos.

Segundo o secretário Chiareli, esse volumo-
so contingente humano é atraído pelas possi-
bilidades de emprego em melhores condições
que as do campo e pelas garantias sociais mais
eficientes nas grandes cidades, entre outros ar-
gumentos apresentados.

Tem razão o culto secretário do Trabalho
do Rio Grande do Sul. Essas causas são notórias,
como existem outras. E nós pedimos licença a
S. Excia. para acrescentá-las.

Muitas pessoas, e principalmente as mais
jóvens, deixam-se levar pelas perspectivas alegó-
ricas da cidade grande. Mas a causa primária; a
causa mestra do êxodo, é o estatuto de proprie-
dade da terra.

O Brasil é um país onde cada vez mais di-
minui o número de proprietários. Seja o fra-
cionamento da propriedade por ordem natural
(sucessão inter-vivos) ou por venda, o fato é que
o grande proprietário aumenta sua herdade na
proporção em que desaparece o pequeno. E es-
te pequeno, no que tange as regiões de trigo e
soja no Rio Grande do Sul, por exemplo, ilhado
pelos grandes lavoureiros mecanizados - forço-
so é reconhecer - não tem outra opção: seu
destino é a periferia da cidade grande, onde aca-
ba por se marginalizar totalmente.

Essa tendência, aliás como muito bem
observou o Secretário do Trabalho, tende a au-
mentar. E aumentará, exatamente, porque não
se toca no estatuto da terra, no regime da pro-
priedade. E enquanto tal não acontecer, o êxodo
será a consequência.

Essa verdade deve passar a ser encarada
com maior realismo por nossas autoridades e por
nossos técnicos e sociólogos, a partir do racio-
cínio de que o Brasil é um país agrícola e deve
continuar a sê-lo, pois o futuro do mundo não
está na indústria, mas na agricultura. Felizes os
povos que podem contar com os frutos da Terra.

COMPRAS BRASILEIRAS DE CEREAIS: EUA

Segundo informe expedido pelo Depart-
mento de Agricultura dos Estados Unidos, o
Brasil foi o país latino-americano que mais com-
prou cereais estadunidenses no biênio 1975/
1976.

Em relação ao biênio 1973/1974, houve
um acréscimo cujo percentual sobressaiu-se
em 323 por cento, conforme o mesmo comuni-
cado. Ressalta que o aumento foi devido, em
grande parte, ao crescimento das importações
brasileiras de trigo e farinha de trigo, com mon-
tantes financeiros de 91 milhões e 348 mil dó-
lares em 1974/75, para 389 milhões e 397 mil
dólares em 1975/76.

O documento do USDA, expedido a 3 de
setembro, mostra que as vendas de cereais dos
Estados Unidos, em nível mundial, atingiram em
1975/1976 um valor recorde de cerca de 12 bi-
lhões de dólares, o equivalente a um aumento de
quase 3 por cento sobre o biênio anterior. As
vendas de cereais in natura constituem agora 54
por cento dos 22 bilhões de dólares em que es-
tão avaliadas as exportações agrícolas da Améri-
ca do Norte para o resto do mundo.

No período em análise, além do Brasil,
subiram as importações de cereais pelo Equa-
dor, República Dominicana, Haiti, Índias Oci-
dentais e Surinã.

O comunicado informa que o país que me-
nos importou cereais norte-americanos foi o
México, que diminuiu o percentual em 220 por
cento. O Canadá, o Panamá, Jamaica, Trinidad-
Tobago, Bolívia, Chile, Colômbia, Guiana, Peru
e Venezuela.

Chega a ser impressionante a preocupação
da maior potência industrial do mundo para com
a produção agrícola e pecuária. Enquanto mui-
tos países sonham aparecer como força emergen-
te no mundo da indústria, sem antes ter consoli-
dado uma infra-estrutura com base agropecuária,
o colosso do norte desponta cada vez com maior
vigor na pauta de maior produtor mundial de
alimentos.

Os norte-americanos sabem que não basta
manter um parque fabril forte e versátil, se o
campo não participar ativamente do progresso
nacional. Aliás, eles continuam lembrando a ad-
vertência de seu compatriota, William Vogt,
que dizia ser o campo a fonte de todas as rique-
zas e bens.

Segundo Vogt: "Se as cidades forem des-
truídas, levando consigo todas as fábricas e
meios de transformação industriais urbanos,
mas os campos produzirem, tudo será recompo-
sto no devido tempo. Mas se ao contrário, os
campos pararem de produzir, então nada salva-
rá as fábricas de sua própria auto-liquidação".

Ai está uma frase que não deve ser esqueci-
da. O solo, inegavelmente, é o maior dos bens.
Com a terra trabalhada racionalmente, respeita-
das as técnicas agrônômicas e de proteção eco-
lógica, tudo se obterá.

Os norte-americanos, apesar da fantástica
produção industrial, continuam hoje tão sensi-
veis aos favores da terra como os pioneiros que
conquistaram o Oeste a golpes de machado, foi-
ce e enxada. Por isso são cada vez mais ricos.

A SUIÇA E O CANAL RENO-RÓDANO

Na edição correspondente a agosto da revista "Portos e Navios", que se edita no Rio de Janeiro, o engenheiro Affonso H. Furtado Portugal, aposentado há pouco do cargo de diretor de Vias Navegáveis do ex-DNPVN, hoje PORTOBRÁS, publicou importante artigo sobre o sistema hidroviário suíço, bem como focaliza as preocupações daquele país em ampliar o sistema e manter em perfeito estado o que já existe, a despeito de sua inexpressão geográfica.

Dado a importância do assunto abordado, que coincide com a assinatura de contrato no dia 4 para a ligação Ibicui-Jacuí, focalizamos neste espaço o artigo do engenheiro A. H. Furtado Portugal.

"A Suíça está na linha de frente dos países que mais valor dão à navegação interior, apesar de ser montanhosa e de ver os navios chegarem apenas pouco além da sua fronteira, em Basiléia. Praticamente, pois, a navegação não se faz em seu território.

Não tendo carvão e outras matérias-primas, a Suíça foi levada a procurar nos fretes baixos, que só a navegação pode proporcionar, um modo compensatório de anular o seu afastamento dos portos marítimos e das regiões mineiras do exterior. Atualmente grande parte das importações de combustíveis líquidos, carvão, cereais, ferragens, madeira, algodão e lã, é feita por navegação.

Da mesma forma, possuindo a Suíça jazidas de ferro, que não têm grande interesse para o mercado interno, dada a natureza da sua indústria, é o minério exportado através do Reno para os países vizinhos.

Assim, a Suíça, apesar das excelentes ferrovias que cruzam o seu território em todos os sentidos, zela extraordinariamente pelo Reno, através da Comissão Central do Reno, de que participa. Pode-se dizer que hoje, cerca de 60% do comércio exterior da Suíça se faz pelo porto de Basiléia.

Não satisfeita com a sua posição atual, a Suíça vem batalhando há anos, junto aos países vizinhos para conseguir novos acessos fluviais.

Desse modo tem insistido com o governo alemão para levar a navegação do Reno até o lago de Constança, trecho esse, em parte, limítrofe entre os dois países. Aspira também a que a Itália leve a navegação do Pó até Locarno, no Lago Maior, e que a França leve a navegação do Ródano até o Lago Lemano, onde está situada Genebra.

Recentemente o presidente da República Francesa, Giscard d'Estaing, em Dijon, anunciou que iniciará a construção do canal Reno-Ródano, a grande gabarito.

Suas declarações provocaram grande sensação e interesse nos meios suíços. Este evento, mais uma vez, pôs em evidência a função primordial do transporte por água e seu caráter inofensivo ao meio-ambiente. A tomada de posição francesa se alia assim a de outros Estados europeus, notadamente a Alemanha e a Rússia, que modernizam e prolongam suas vias, construindo novas. E assim se criará uma rede navegável européia fora da Suíça. Julgam os suíços que a ligação Reno-Ródano não é contrária aos interesses helvéticos e torna mais necessários os seus projetos. Desse modo, o prolongamento da navegação renana até os lagos do Jura é agora urgente e torna atual a canalização do Ródano entre Lyon e Genebra."

FORÇA NUCLEAR NA AGRICULTURA

BONN — Sob a denominação de "Agrotherm", está sendo realizada na República Federal da Alemanha a primeira grande experiência de aproveitar o calor oriundo de uma usina nuclear, em agricultura.

Nessa experiência, a água aquecida é levada para uma área de testes onde se desenvolve a experimentação. O crescimento mais provocado por esse sistema de aquecimento das plantas nessas áreas é demonstrado no exemplo visível desse pé de milho, em comparação com um milharal à sombra.



BOLSA DE OVOS NA HOLANDA

AMSTERDAM — Funciona na Holanda desde 14 de janeiro deste ano, o primeiro mercado a termo para ovos na Europa.

Na primeira hora após a inauguração foram fechados 100 contratos para fornecimento de

ovos no período de maio a dezembro deste ano. Cada contrato se refere a um lote de 72.000 ovos empacotados em 200 caixas contendo 30 dúzias.

A qualidade dos ovos deve satisfazer as exigências legais do

Mercado Comum Europeu. Os contratos de fornecimento foram fechados por comerciantes da Alemanha Ocidental, Bélgica, França e naturalmente os Países Baixos, o que deu um caráter internacional a primeira bolsa.

SERÃO INCREMENTADAS AS VENDAS DE SOJA NO JAPÃO

TÓQUIO — Os compradores de soja aumentarão suas importações do Brasil e Estados Unidos no próximo ano, já que é esperada uma redução nos fornecimentos da China, segundo informou uma empresa comercial.

Os importadores esperam que a China venda cerca de . . . 155.000 toneladas métricas no ano que termina dia 31 de março próximo, quase trinta por cento a menos do que no mesmo período anterior. Um informante disse que para o ano calendário de 1977, as vendas chinesas poderiam diminuir em cerca de 100.000 a 150.000 toneladas em relação a 1976, quando se espera que sejam de entre 150.000 e 170.000 toneladas.

Os especialistas atribuem a diminuição das vendas chinesas ao desejo desse país de acumular estoques.

Segundo alguns especialistas locais, as compras no Brasil poderiam chegar a 120.000 toneladas num período de 12 meses que termina dia 30 deste mês, e poderiam aumentar pa-

ra 200.000 em igual período de 1977.

As compras aos Estados

Unidos no mesmo período poderiam alcançar três milhões de toneladas, segundo os informantes.

PROIBIDO FUMAR NA RÚSSIA

MOSCOU — Os fumantes não poderão acender cigarros nos restaurantes de Moscou, pelo menos se desejarem comer algo. Um porta-voz do Conselho Municipal disse que havia sido aprovada regulamentação proibindo fumar em todas as mesas dos restaurantes moscovitas.

Segundo o mesmo informante, será permitido fumar somente nos banheiros e em salões especiais, a critério dos donos dos restaurantes, caso desejem construí-los para tal fim.

A regulamentação proibitiva foi aprovada por recomendação do Ministro da Saúde. E um porta-voz do Ministério disse que as autoridades ficarão vigilantes para fazer respeitar a proibição.

"Não multaremos, mas os infratores não receberão nada para comer", disse, referindo-se aos fumantes. "É uma questão de saúde, não só da saúde dos fumantes, mas especialmente do pessoal que trabalha nos restaurantes e dos demais fregueses que não fumam"

Há um movimento na Rússia, liderado pelos médicos, para fazer com que as autoridades ajam com maior rigor contra os fumantes em público. A tendência é considerar o fumante um elemento nocivo à saúde pública e ao meio-ambiente; pois não somente carrega em seu organismo venenos mortíferos a médio ou longo prazo, como exala gases altamente poluentes.

ALIMENTOS NATURAIS PODEM EVITAR CÂNCER

Pesquisas que vem sendo desenvolvidas pelo doutor Takeshi Hirayama, do Centro Nacional de Pesquisas Cancerológicas, de Tóquio, indicam ser o leite vacum um excelente antídoto contra doenças do aparelho digestivo e o estômago em geral, prevenindo inclusive, contra o câncer.

Segundo o pesquisador nipônico, tomar dois copos de leite, por dia, diminui o risco do câncer no estômago pelo menos entre os japoneses.

As experiências do dr. Takeshi Hirayama prosseguem, mas o que outros cientistas nipônicos antecipam-se em dizer é que o fato evidencia a influência dos alimentos comuns e naturais na redução das chances do desenvolvimento do câncer. O leite natural, os víveres e cereais em geral caracterizam-se como os principais fatores de saúde do homem.

Falando a 12 de setembro numa conferência sobre "As origens do câncer, no Laboratório do Cold Spring Harbor, de Nova Iorque, o dr. Hirayama disse que o Japão teve, durante muito tempo, uma taxa alta de doentes com câncer no estômago. Mas as taxas de mortalidade devido a esse problema, foram reduzidas para um terço desde 1955, após uma mudança iniciada em 1949, com o consumo de leite e seus derivados, além de outros alimentos típicos naturais.

No período citado, disse o dr. Hirayama, o consumo de leite e seus derivados cresceu de 23 vezes. Outros alimentos naturais, como a carne, ovos, legumes e frutas, cresceram, respectivamente, de 13,7%, 12,9%, 7,8% e 6,6%.

Uma série de estudos realizados com 265 mil adultos "mostrou, claramente, que há um risco muito menor de câncer no estômago entre as pessoas que bebem 2 copos de leite por dia. O risco é menor ainda entre os que, além de tomar dois copos de leite, não fumam".

Os cientistas no entanto advertem que beber mais nata do que todo o leite, isto é, o leite excessivamente gorduroso, como parte de dieta prolongada, pode acelerar a tendência para a arteriosclerose.

Inseticida:

CUIDADOS PARA EVITAR INTOXICAÇÃO

Guardar os defensivos longe de alimentos e afastados do alcance de crianças ou animais. Ao aplicá-lo na lavoura, usar macacão, máscara com óculos apropriados e luvas. Nunca chupar no bico do aparelho, para desintupí-lo. Não fumar, beber, ou se alimentar, enquanto estiver trabalhando com venenos.

Após o trabalho, banhar-se com água corrente e sabão e trocar roupa limpa, tudo isso feito imediatamente.

Sentindo qualquer indisposição durante ou após a aplicação de venenos defensivos procurar imediatamente o médico ou o hospital mais próximo.

RECOMENDAÇÕES GERAIS

Use defensivos somente com recomendação técnica. Evite sempre a mistura de defensivos. Aplique-os somente quando houver necessidade comprovada.

Se em sua lavoura passar córregos, riachos, ou tiver vertentes, ao aplicar o defensivo, o cuidado tem de ser especial, pois qualquer contaminação poderá ser fatal, resultando em morte de pessoas ou animais.

Nunca lave máquinas e utensílios diretamente em rios ou açudes, pois estará contaminando a água que voce mesmo ou outros irão usá-la.

Queime ou enterre em profundidade as embalagens vazias dos venenos. Nunca utilize esse vazilhame para juntar água ou outros fins domésticos nem deixe expostas, pois o veneno se mantém nelas por muito tempo.

Seguindo a risca estas instruções voce estará zelando por sua saúde e a de seus semelhantes.

Lembre-se, vale mais do que o dinheiro; a saúde é nosso maior bem. Tenhamos o máximo cuidado para preservá-la.

PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE

COTRIJUI/UNIMED

Comunicamos que continuam abertas as inscrições nesse plano para todos os associados interessados.

É CRIME FUMAR PERTO DE QUEM NÃO FUMA?

O jornalista Geraldo Moser, gaúcho, encontra-se há anos na Alemanha Ocidental. Mantém ativa participação jornalística, enviando artigos e reportagens para jornais brasileiros. O comentário a seguir de sua autoria. Transcrevemo-lo por nossa identidade de princípios e porque o mesmo se enquadra nesta seção que aborda assuntos de saúde.

Ei-lo, numa síntese:

"Pela primeira vez o clássico e surrado aviso — que ninguém levava muito a sério: "É proibido fumar", ganhou dimensões novas na Alemanha Ocidental.

Num tribunal de Bremen o juiz deu ganho de causa a um funcionário do Serviço de Controle e Segurança de Vão, que moveu processo contra seus colegas, que fumam durante o trabalho.

Assim, doravante, esses fumantes estão proibidos de fumar perto daquele colega, que consideram um legítimo boicorneta.

Acontece que esse funcionário, por certo impressionado pelos perigos do "fuman-

te passivo", obrigado a inalar toda a nicotina espalhada pela sala de trabalho, não quis ariscar por mais tempo a sua saúde. E apelou à Justiça para resguardar o seu direito de não fumante.

A sentença de Bremen é um aspecto novo na jurisprudência alemã, embora baseado num princípio tão antigo como o Direito Romano. E, como se afirma aqui, não ser inconstitucional.

Tudo parece reduzir-se a fórmula simples e um tanto cínica: fica a critério de cada um criar o seu próprio câncer pulmonar, mas cabe à justiça defender, por sentença, a saúde daqueles que se sentem em perigo. E isso tanto mais se as intensas campanhas do Ministério da Saúde contra o cigarro, contra o álcool, contra os tóxicos, não estão alcançando os resultados desejados.

Já há algum tempo é de bom tom não se oferecer cigarros ao interlocutor. Além do preço stupidamente alto de cada cigarro, a gente não sabe se o interlocutor está fazendo esforço tremendo para deixar

de fumar. Oferecendo-se-lhe um cigarro (considerado por alguns como um gesto de cavalheirismo, e de certa forma uma demonstração de simpatia), pode-se estar jogando por terra todo o esforço daquele. Para evitar isso, o certo é não oferecer cigarros, nunca.

De qualquer forma, os fumantes — incorrigíveis ou ainda nem tanto — devem ter em mente sempre a justificativa daquele juiz de Bremen, em sua respeitável sentença: consciente ou inconscientemente, por certo nunca de propósito, o fato é que fumando estamos coagindo as pessoas à nossa volta a aspirarem a fumaça envenenada de nicotina e outras impurezas que lançamos no ar. Dessa forma, nos transformamos num perigo à saúde alheia.

N. da R. — Oxalá que a moda pegue, e se estenda rapidamente ao Brasil, país onde os fumantes baforam despreocupadamente seus venenos tóxicos por sobre os não fumantes, senhoras e crianças, como se a fumaça tivesse valores medicinais...

A REPERCUSSÃO DE UM ARTIGO

Revoltado com a publicidade que se faz no país para o maior consumo do vício do cigarro, usando-se os recursos modernos da tecnologia eletrônica e motivado pelo trabalho de médicos, através da AMIRGS, e de outros jornalistas, dentre eles o Mendes Ribeiro no Jornal "Zero Hora", o editor do COTRIJORNAL assinou artigo na nossa edição correspondente ao mês de agosto, verberando contra a citada propaganda.

A repercussão do artigo foi imediata. Cartas e telefonemas chegaram à redação, aplaudindo seus termos. De outro lado, diversos jornais e revistas transcreveram-no numa demonstração inequívoca da sua receptividade.

Dentre as publicações que transcreveram o artigo "O Cigarro", e que tivemos conhecimento até aqui, citamos o "Correio do Povo", o sóbrio e equilibrado veículo maior da Companhia Jornalística Caldas Júnior; o "Diário Popular", de Pelotas; o "Diário Serrano", da cidade de Cruz Alta; o "Pioneiro", de Caxias do Sul; o "Eco-Cotrirosa", de Santa Rosa; o jornal "Coamo", de Campo Mourão, estado do Paraná e as revistas Agricultura & Pecuária Brasileira e "Parlamento", da Editorial Consórcio, ambas editadas em Porto Alegre.

Solicitamos a todos os jornais e revistas que tenham

publicado referido artigo ou que venham a publicá-lo ainda, que nos remetam um exemplar

para registro de agradecimento neste espaço do COTRIJORNAL, dedicado à saúde.

Use a cabeça
como Figueroa
NÃO FUME!



Um conselho da Associação Médica do Rio Grande do Sul
Secretaria de Saúde
Secretaria de Educação e Cultura
APLUB - Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil



Pesquisa prova: BRASILEIRO LÊ POUCO

Brasileiro lê pouco, brasileiro lê mal, brasileiro não lê jornais. Quando o faz, limita-se às páginas de polícia e futebol. O problema — sim, o problema! — deve preocupar-nos. O termo não lê jornais pode ser generalizado para o seu sentido amplo: brasileiro não lê, simplesmente.

Todos sabemos que as tiragens no Brasil são mais ou menos simbólicas. Livros, então, nem se fale. É preciso que o escritor tenha nome do porte de um Érico Veríssimo, de um Graciliano Ramos ou Guimarães Rosa, para citar apenas três desaparecidos, para que se fale em tiragens de bom porte.

O Jornal da Semana de São Paulo acaba de publicar, sob o título "Imprensa Hoje", um suplemento especial no qual apresenta uma radiografia do jornalismo brasileiro — tendo como ponto de partida o Estado bandeirante — em comparação com outros países americanos.

Importante o enfoque dado ao assunto pelo jornal paulista. Do contexto, que é amplo (o suplemento tem 28 páginas), destacamos a matéria de pesquisa, "Quem lê o quê", assinada pelos jornalistas Edson Higo do Prado, Luiz Roberto Clauzet e Silvia Campolim. Na pesquisa, os jornalistas paulistanos cotejam tiragens de jornais brasileiros em confronto com os argentinos, mexicanos e de outros países; analisam o porquê do "desinteresse" e da chamada "falta de tempo para ler"; mostram o que lêem as operárias no Brasil, segundo uma pesquisa elaborada pela Marplan, e contam outros fatos deveras importantes.

O capítulo referente às tiragens mostra que, enquanto em Buenos Aires — cidade que rivaliza em população com São Paulo — há pelo menos quatro jornais diários (La Razón, La Nación, Clarín e La Prensa) com tiragem superior a 300 mil exemplares cada um, em São Paulo, soma da tiragem de todos os jornais diários (15) não ultrapassa atualmente os 700 mil exemplares. Outra comparação foi feita com a cidade do México, também situada na América Latina e com uma população de 8,6 milhões de habitantes. Lá, segundo o Europa Year Book, edição de 1976, a tiragem média dos 18

jornais diários atingiu no ano passado a soma de 2.145.603 exemplares por dia. Isso sem falar nos países desenvolvidos, onde um só jornal chega a tirar 10 milhões de exemplares por dia, como é o caso do "Nippak Shim-bun", de Tóquio.

Pesquisas realizadas em São Paulo pela agência Marplan, nos anos de 1960, 1965, 1970 e 1975, mostram que não houve aumento algum no índice de leitores de jornais durante esses períodos. Mas pelo contrário, tem-se registrado retrocessos. Enquanto na pesquisa feita em 1960 cerca de 54% dos entrevistados responderam ter lido jornal em determinado dia da semana, em 1965 essa percentagem caiu para 38%. Em 1970 a situação permaneceu praticamente inalterada, com 40% e em 1975 registrou queda acentuada, fixando-se em apenas 33%.

A pesquisa preocupou-se em analisar o por quê do indivíduo indiferente à leitura de jornais, e a conclusão que chegou implica em fator econômico, em poder aquisitivo. Mesmo numa cidade industrializada como São Paulo, ler é quase um privilégio das classes alta e média da sociedade. Assim, conforme a mesma pesquisa, em 1960, 83% dos entrevistados da classe A responderam que liam jornal, contra 63% da classe B e 42% da classe C. Em 1965 e 1970, como resultado da diminuição do índice de leitores, as percentagens diminuíram mas as diferenças continuaram inalteradas: 68% da classe A e 48% da classe B liam jornal em 1965, contra 26% da classe C, e, em 1970, 69% da classe A e 52% da classe B, contra apenas 24% da classe C. Mas na última pesquisa, 1975, as percentagens atingiram 52% na classe A, 42% na classe B e somente 22% na classe C.

O QUE LÊ O OPERÁRIO?

Pesquisa feita por uma socióloga da Universidade de São Paulo, Ecléa Bosi, a respeito de hábitos de leitura de operários, discriminou o seguinte: a maioria concluiu o curso primário e suas idades variavam entre 19 a 35 anos. Dos entrevistados, 17% declararam-se leitores habituais e

50% irregulares. Mesmo assim, apenas 8% compram jornal; o restante fica na dependência de ler os títulos maiores, as manchetes, enquanto o jornal é manuseado pelo vizinho de banco nos ônibus e trens suburbanos enquanto se transporta de casa para a fábrica, e vice-versa. Embora citassem vários títulos de jornais diários, a pesquisadora constatou pela evolução das respostas que o jornal mais lido, ou pelo menos "visto" com maior regularidade, é o distribuído pelas próprias empresas (jornais de empresa), gratuitamente.

A CAPACIDADE, O INTELLECTO, O NIVEL

O trabalho de um jornalista vale muito, mas ninguém sabe quanto. A conclusão foi resultante de pesquisa elaborada pelo professor João Bosco Lodi, da Fundação Getúlio Vargas. Resultado da pesquisa: não há preocupação em se medir o valor e a rentabilidade do trabalho do jornalista.

Na opinião do professor Lodi, a característica fundamental do trabalho do jornalista é o impacto sobre o leitor ou, dito de outra forma, é a percepção do sentimento histórico de um fato para transformá-lo em notícia. E esta característica não é mensurável.

E por que não chega a ser mensurável? Simplesmente porque esse julgamento depende do próprio leitor, e este muitas vezes não dispõe de intelecto próprio para julgar o que está lendo, que é o trabalho do jornalista. Por isto o imensurável do tema.

No importante estudo do Jornal da Semana paulista, outros itens de estudo com enfoques de temas inéditos pelo menos em relação do nosso país. O jornal analisa: "Quem lê o quê", estuda a infra-estrutura das empresas jornalísticas brasileiras, mostra o "Quanto custa manter o nível" e a imprensa como fator de cultura, dentre outros importantes temas debatidos em alto nível.

Nos clichês, capas de jornais paulistas editados no mesmo dia. Veja-se como cada um interpretou os fatos, pelas manchetes expostas.

PRÊMIO "ABERJE" TEVE REPERCUSSÃO ESTADUAL

Tão logo foi conhecida a conquista do Prêmio Aberje de Jornalismo Empresarial pelo COTRIJORNAL, edição 1976, diversos órgãos de comunicação do Estado passaram a noticiá-lo, numa demonstração de carinho e admiração para com nosso jornal, que não podemos deixar de agradecer, neste espaço.

Primeiro foram os jornais e emissoras de rádio de Ijuí. O "Jornal da Manhã, em sua edição

de 4.9.76, com manchete de alto de página, escreveu: "Cotrijornal distinguido com prêmio nacional ABERJE". O "Correio Serrano", em sua edição do dia 2 escreveu por título, "Cotrijornal ganha prêmio em São Paulo". As rádios emissoras "Progresso" e "Repórter", ambas de Ijuí e "Municipal" de Tenente Portela, também deram destaque ao nosso prêmio.

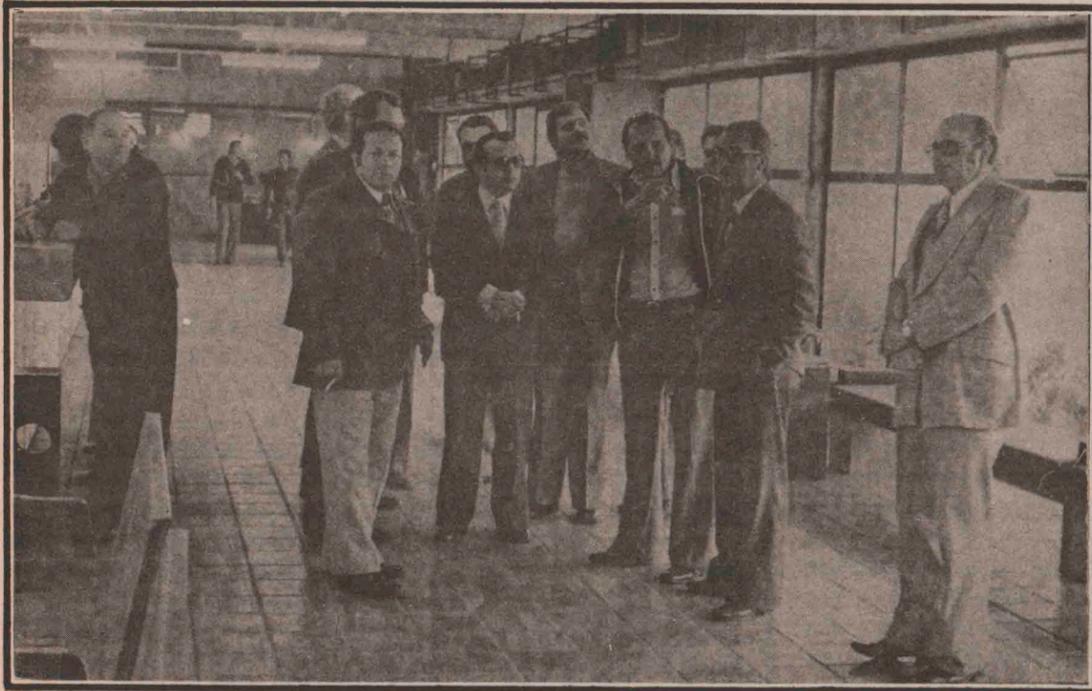
O "Correio do Povo" de Porto Alegre, edição de 18; o "Interior", de Carazinho, edição do mesmo dia 18 e o "Diário Serrano", de Cruz Alta, foram outros órgãos da imprensa gaúcha a comentar o fato. Também a TV-Gaúcha de Porto Alegre, canal 12, noticiou o prêmio no seu programa dominical Campo e Lavoura.

Homenagem especial foi prestada ao COTRIJORNAL e seu editor pelo Clube de Imprensa "Hipólito José da Costa", que conistou de um galetto servido na sede da AFUCOTRI, no dia 11 de setembro, com a presença dos associados do Clube e de todos os funcionários gráficos que colaboram na feitura do COTRIJORNAL.

Falaram, na oportunidade, o diretor-vice-presidente do COTRIJUI, sr. Arnaldo Oscar Drews, o presidente do CIHJC, Valmir Beck da Rosa, o funcionário da gráfica, Ayrton Bittencourt, tendo agradecido o editor do COTRIJORNAL, Raul Quevedo.



ESPÍRITO DE ECONOMIA DEVE SER ESTIMULADO



Os agricultores devem ser mais comedidos em seus gastos e se preocuparem mais com o futuro, economizando os resultados das boas safras para se auto-manter independentes de financiamentos quando as safras não vão bem. A advertência é do diretor do Banco do Estado do Rio Grande do Sul - BANRISUL - sr. Ricardo Leônidas Ri-

bas, que esteve em Ijuí juntamente com diversos outros diretores do estabelecimento de crédito. Durante visita feita a COTRIJUI, seguida de almoço servido na sede dos funcionários - AFUCOTRI - na Linha 3-Oeste, disse o diretor do BANRISUL que "o produtor está desviando recursos para atividades que não dizem respeito à lavou-

ra". A afirmativa do banqueiro teve o efeito de responder, indiretamente, as medidas de restrição do crédito impostas pelo Governo.

Na foto os dirigentes do BANRISUL quando da visita feita a COTRIJUI na manhã do dia 10, onde foram recebidos pelo diretor-vice-presidente, sr. Arnaldo Oscar Drews.

ESPECIALISTAS DA FAO

Acompanhados pelo dr. J. C. Santiago, fitopatologista da FAO (Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e o Desenvolvimento), adido a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), em Passo Fundo, estiveram em visita a COTRIJUI a 18 de setembro último vários técnicos de ambos aqueles organismos. Dentre os técnicos, espe-

cialistas que atuam na Itália, França, Estados Unidos, Inglaterra, Argentina, Uruguai e Chile. Esse especialistas estiveram promovendo um curso junto a EMBRAPA, unidade de Passo Fundo, ao qual participaram cerca de 50 técnicos da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias procedentes de vários Estados brasileiros.

Após visita feita às instalações da sede da COTRIJUI, os visitantes foram recepcionados com um churrasco servido na sede da Associação dos Funcionários da cooperativa - AFUCOTRI - na Linha 3-Oeste. Falaram na oportunidade o fitopatologista J.C. Santiago, (na foto), em nome dos visitantes, e o diretor-presidente da COTRIJUI.



COOPERATIVISTAS ARGENTINOS

Dirigentes da Cooperativa Agrícola de Picada Libertad, localizada em Leandro Alem, província de Misiones, Argentina, estiveram no dia 16 último em visita a COTRIJUI. Eram os srs. Helmud Markwart, Fernando Scheske, Raúl Orlando Verri e Carlos Pianove, que foram

recepcionados pelo bacharel Rui Polidoro Pinto.

O interesse maior dos cooperativistas do país vizinho era observar fábricas de óleo de soja mantidas por cooperativas. Eles haviam estado antes em Guarani das Missões e Santo Ângelo.

INSTRUTORES DA CIPA

Estiveram em visita ao COTRIJORNAL, acompanhados pelo coordenador da Fundação Gaúcha do Trabalho em Ijuí, sr. Valdenor Flores da Fonseca, o jornalista Alfredo Luttmeyer e professor Osvaldo Vanin, instrutores do Ministério do Trabalho e Assistência Social. Vieram comunicar a realização, no período de 20 a 22 de setembro último, de cur-

so de prevenção e acidentes no trabalho para dirigentes sindicais e trabalhadores sindicalizados além de membros de CIPAS.

O resultado do curso foi dos melhores e a atuação da CIPA-454 excepcional, conforme estamos divulgando com amplos detalhes na seção Segurança, desta mesma edição.

COOPAGRO VEIO VER OBRAS

O diretor do Departamento de Construções da Cooperativa Agrícola Oeste do Paraná, com sede em Toledo, sr. Romeu Weiler, esteve em visita a COTRIJUI, no último dia 17.

O sr. Romeu Weiler, que é gaúcho, natural de Santa Rosa, dis-

se que a COOPAGRO está empenhada na ampliação da capacidade recebedora de cereais. E sua vinda a COTRIJUI teve o efeito de observar as obras em andamento nesse setor.

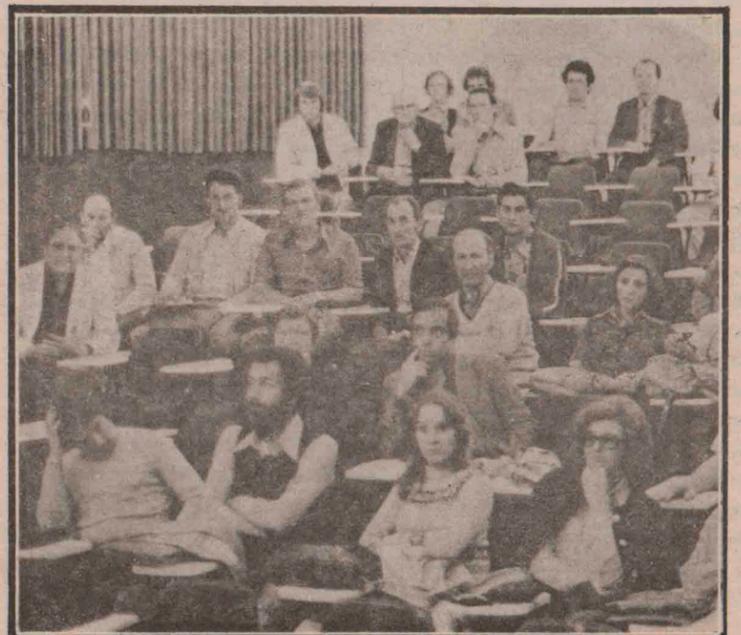
MÉDICOS PORTOALEGRENSES

Esteve na região de 1º a 3 do corrente, uma equipe de médicos da Secretaria da Saúde, pertencentes ao setor de Assistência Social São José do Murialdo, de Porto Alegre, que desenvolve um trabalho de medicina comunitária em vilas periféricas da Capital do Estado. Os médicos porto-alegrenses, que vieram acompanhados pelo dr. Solon Gonçalves da Silva, coordenador do Convênio de Saúde COTRIJUI/UNIMED, visitaram as instalações da sede da cooperativa, onde tiveram oportunidade de debater assuntos relacionados com médicos de Ijuí e as lideranças sindicais reunidas no auditório da cooperativa e o hospital

Santa Teresinha, de Santo Augusto, de propriedade da COTRIJUI.

Os objetivos principais da vinda da equipe foi levantar subsídios para a implantação na região, a partir de 1977, da prática da medicina comunitária, trabalho semelhante ao que já é feito pela equipe da Secretaria da Saúde, nas vilas da Capital.

Durante o desenrolar dos debates travados no auditório da cooperativa, foram repassadas as necessidades do homem do interior, dependente do FUNRURAL, e o que se faz necessário para diminuir os problemas dessa área social.



FESTEJADA A SEMANA DA ÁRVORE

De 21 a 27 de setembro, coincidindo com a primeira semana de primavera, foi lembrada a Semana da Árvore em todo o território nacional.

Trata-se de uma festa em homenagem à árvore, ou melhor, ao pouco que resta desse ele-

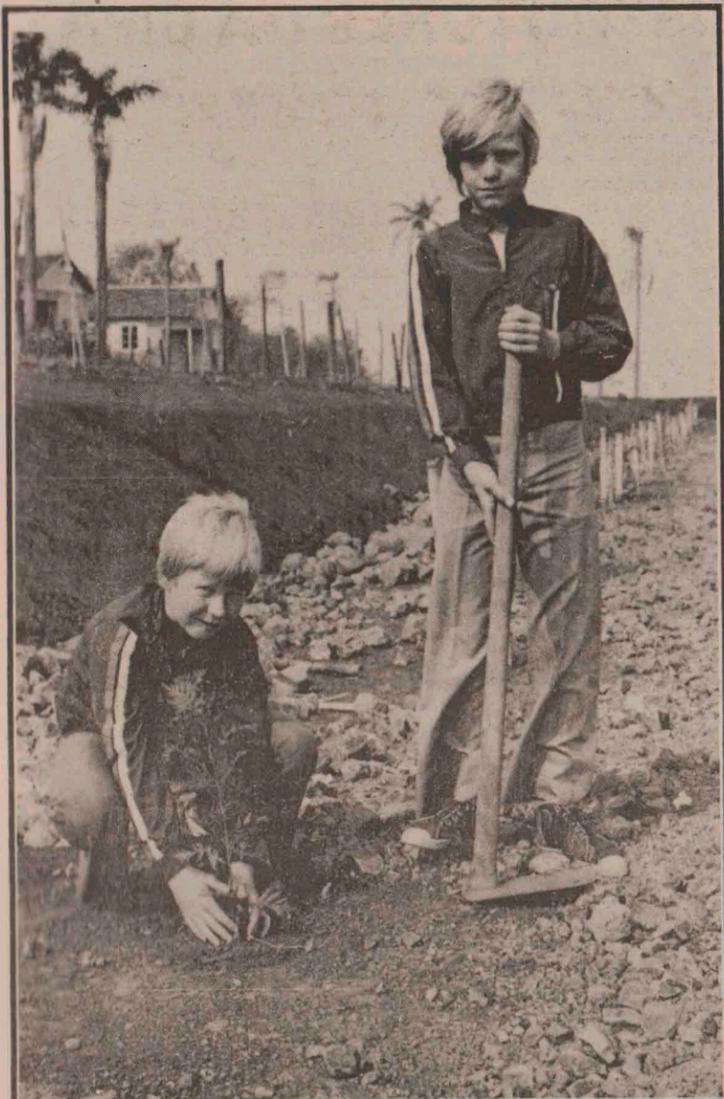
mento botânico tão necessário à regulação da vida na superfície da Terra. Foi, em verdade, uma homenagem a cerca de 1,8 por cento do território do Rio Grande do Sul, no que se refere ao nosso Estado, pois apenas essa ínfima extensão é coberta

por matas aqui.

Em nossa região há a ressaltar campanha que a COTRIJUI vem promovendo no sentido de despertar consciência ecológica na juventude, através de suas escolas. Conforme os especialistas em ecologia, o período es-

colar é o mais propício para que a juventude assimile e pratique os bons exemplos necessários à saúde moral da sociedade. Por isso insistem que as mais bem sucedidas campanhas de orientação à juventude devem ser a partir da escola.

A COTRIJUI promove programas de arborização e ajardinamento em três escolas da região, sendo uma em Ijuí, na Linha 7 Oeste; em Santo Augusto, na localidade de São Valentim e em Chiapetta, no distrito de As Brancas.



O programa de arborização de escolas da COTRIJUI já funcionou nas escolas "Ponche Verde", da Linha 6-Oeste, Ijuí; "São Roque", de Tupanciretã; Evangélica "Luterana Sião", de Ajuricaba; "Rui Barbosa", de Santo Augusto, localidade de São Valentim; escola "As Brancas", em Chiapetta; Escola Rural de Galpões, município de Coronel Bicaco; Escola de Formigueiro, Augusto Pestana; Escola Rural Irapuá, Miraguai e Escola Pinhal, em Ajuricaba, onde foram tiradas as fotos.

É na juventude que devemos depositar nossas esperanças de recuperação ecológica. As gerações que precederam a juventude de hoje, praticamente devastaram o país. Estão, portanto, sob suspeita de pretenderem destruir o pouco que nos resta de matas. Cabe à juventude de hoje, não só a sagrada missão de reflorestar como também policiar, conter os velhos, que habituaram-se a destruir. Os garotos que aparecem na foto são o símbolo do Brasil reflorestado de amanhã.

CURSO DE ATUALIZAÇÃO EM DEFENSIVOS

Tendo como objetivo a atualização dos engenheiros agrônomos, a Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul fará realizar de 11 a 16 do corrente, em regime intensivo de 30 horas de aulas, nas dependências de sua sede, um curso sobre Defensivos Agrícolas. Já confirmaram presenças como professores, a professora Maria Elisa Wohlers de Almeida, do Instituto Adolpho Lutz, biólogo Flávio Rodrigues Puga, o médico

Waldemar Ferreira de Almeida e o veterinário Dorval Melo, estes do Instituto Biológico de São Paulo. O curso contará, também, com professores do Ministério da Agricultura, da Secretaria da Agricultura e das Faculdades de Agronomia da UFRGS e da UFPel. As inscrições, no valor de 300 cruzeiros, encontram-se abertas na sede da Sociedade de Agronomia, av. Borges de Medeiros, 612 - 2º andar, Porto Alegre.

POEMA ECOLÓGICO

Segundo João do Sul

*Cheguei nu!
Me agasalharam,
Faminto!
Me alimentaram,
Meu choro!
Acalentaram.*

*Minha herança foi o mundo:
a terra, os mares profundos,
a imensidão do universo.*

*E havia flores,
perfume.
A escuridão fez-se
lume,
mal eu me senti desperto.*

*Ganhei tudo, num relance.
Os verdes campos, as matas,
rios cristalinos, cascatas;
colibris e pirilampos.*

*Os campos da minha terra,
mal despontava a primavera,
coloriam-se de flores.
E as aves, em revoada,
na sinfonia das asas,
compunham hinos de amor.
Eu aspirava um ar tão puro,
tão doce, tanto perfume,
que a essência era jasmim.
E no sussurro da brisa,
Bach, Haendel, em surdina,
solavam minuetos prá mim.*

*Mas hoje (que sentimento).
Ao fazer meu testamento,
atentem para o legado:
alguns quilos de excrementos
num deserto calcinado.*

*Cheguei nu! Me agasalharam.
Faminto! Me alimentaram.
Meu choro! Acalentaram.
Minha herança foi o mundo:
a terra, os mares profundos,
a imensidão do universo...*



MOROSIDADE DA RS-155 DESGOSTA A REGIÃO

O prazo para a conclusão das obras da RS-155 (estrada Ijuí-Três Passos), esgota em maio próximo. Como estamos ainda afastados oito meses da data prometida, achamos que ninguém tem o direito de duvidar da palavra do Governo. E a promessa formal do sr. Sinval Guazzelli, ao assumir o Governo foi: a estrada Ijuí-Três Passos estará concluída, até maio de 1977.

Reclamamos, no entanto, para o abandono no estágio atual da rodovia. Por exemplo, no trecho que vai de Ijuí a Santo Augusto, distância de cerca de 70 quilômetros, no dia 28 último (quando a reportagem percorreu o trecho), apenas uma patrula estava trabalhando em terraplenagem. Esse panorama é o mesmo até o município de Campo Novo, já nas proximidades de Três Passos, ponto final da estrada. Quer dizer: as obras da RS-155 estão na fase do marca-passo, da espera, e espera de que?

Os inconvenientes dessa paralisação são extremamente danosos aos moradores e usuários da estrada. Como o traçado desta praticamente é o mesmo da estrada primitiva, o tráfego depende do conjunto de ambas as rodovias. Ocorre que a estrada primitiva não tem a mínima conservação e a nova, paralisada na fase de abertura, cortes e terraplenagem, é um verdadeiro desafio à perícia dos motoristas e à capacidade das viaturas.

Os usuários da estrada, principalmente os camio-

neiros, que são os mais prejudicados devido ao peso de seus veículos, e os moradores ao longo da estrada, alegam que uma vez que as obras "pararam", que ao menos a companhia construtora — a EMPA — mantivesse equipes para manter a rodovia em condições de tráfego menos precária, patrulando os trechos em pior estado.

Nos desvios existentes nos cruzamentos, os caminhões pesados em seguida formam camaleões, que impedem o trânsito de carros baixos. Neste caso, qualquer descuido ou imperícia do motorista, e o veículo acavala sobre o obstáculo, de onde só sai a reboque.

O sr. João Oster, da estação rodoviária do distrito do Chorão alega que não pode melhorar o serviço e nem mesmo servir refeições aos interessados, pois a polvadeira é infernal, penetrando em tudo, à beira da estrada.

Na esperança que o asfalto chegasse, pois este é o sonho de todos, João Oster nem chegou a aceitar a indenização que tinha direito por parte do DAER. Mas sua esperança era que o asfalto chegasse breve.

A família Persich, que tem o posto de gasolina na mesma localidade, reclama do DAER o pagamento da indenização a que tem direito. Segundo Claudio Persich, o DAER desapropriou o terreno onde se encontra localizado o posto para instalar um canteiro de obras. No entanto, segundo alega Persich, o dinheiro correspon-

dente à indenização não veio, o que impede a transferência do posto para outro local.

O prefeito de Santo Augusto, sr. Carlos Alberto Castagna, diz que apesar da evidente boa-vontade do Governo do Estado, não chegou a ser criada uma prioridade para a RS-155. Como não foi estabelecida nenhuma prioridade, ele não vê possibilidade do término das obras antes de 1980. Disse que na parte que lhe cabe, tem manifestado o máximo de interesse pela continuação das obras. Inclusive, através de gestões promovidas em Porto Alegre, conseguiu a indenização para os proprietários cujas terras desapropriadas sediavam imóveis.

Estão asfaltados 10 quilômetros, distância entre Ijuí a Campo Novo.



Placas advertem os usuários: riscos por conta própria.



Trecho em fase de corte.

LIGAÇÃO IBICUI-JACUI TEM CONVÊNIO ASSINADO

Está programada para o dia 4 do corrente a assinatura do convênio entre o Governo do Estado e o Governo federal, para a elaboração do projeto final e início das obras de ligação das bacias dos rios Jacuí e Ibicui.

A informação foi prestada pelo governador Sinval Guazzelli, em entrevista que concedeu à imprensa de Porto Alegre ainda no aeroporto Salgado Filho, no último dia 17, ao desembarcar do avião que o trouxe de Brasília. O governador adiantou naquela oportunidade que todos os detalhes da minuta do convênio tinham sido ultimados durante sua estada na Capital Federal.

Conforme o COTRIJORNAL comentou em edições su-

cessivas de setembro de 1975 a maio de 1976, a ligação dos dois sistemas viários através de um canal de junção aproveitando as águas do rio Vacacai, pode ser considerada a maior obra já projetada para o Rio Grande do Sul, talvez do Brasil.

A idéia é bastante antiga. Data dos idos de 1840, portanto há mais de 130 anos, quando Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, proclamou a idéia, com o que demonstrou possuir excepcional visão do futuro.

Segundo os primeiros levantamentos de engenharia, os rios Jacuí e Ibicui serão ligados por um canal de cerca de 200 quilômetros de extensão, a profundidade de 2,5 metros. A obra

inclui nove barragens com eclusas, subindo e descendo o divisor de águas.

Essa interligação dos rios Ibicui e Jacuí, que se dará através do mencionado canal com mais ou menos 200 quilômetros, formará uma hidrovia de mais de 1.300 quilômetros de extensão, e isso sem contar nenhum de seus afluentes, bastando que sejam processadas retificações de leito no rio Uruguai.

Os estudos finais do projeto, com assinatura marcada para o dia 4, foram processados pelo GEIPOT, organismo do Ministério dos Transportes. De ordem direta, a interligação exercerá influência em dez municípios da bacia do Ibicui. Alegrete, Cacequi, General Vargas, Itaqui, Ro-

sário do Sul, Santa Maria, São Francisco de Assis, São Gabriel, São Pedro do Sul e Uruguaiana. Na bacia do Jacuí serão beneficiados outros dez municípios.

Se a ligação desses dois rios já era importante em 1840, conforme previu o Duque de Caxias, o que não dizer hoje, que fatores determinantes se avolumaram para justificá-lo. Basta citar três desses fatores modernos:

1 — Crescimento da produção agropecuária do Estado, com a manutenção da tradição gaúcha para o transporte de massa, isto é, de grandes volumes a valor unitário baixo. Esse é o tipo do produto que só é rentável por transporte hidroviário ou lacustre.

2 — Aumento do custo do transporte rodoviário devido a elevação dos custos de derivados de petróleo. Esse fato, cuja tendência é de se manter, obriga-nos a mudar a estratégia do sistema de transporte: mudar, paulatinamente, para o transporte hidroviário.

3 — Fixação do polo petroquímico na região da bacia do Jacuí.

Esses três fatores que pode-se dizer modernos, são a maior demonstração de que necessitamos realizar essa obra com a maior brevidade que nos proporcione a tecnologia de hoje e os recursos financeiros que se puder carrear para o empreendimento.

CENTRAL DE TELECOMUNICAÇÃO RURAL

Constituem a Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicação Rural um total de 10 cooperativas, nesta fase de fundação, localizadas nos municípios de Santo Angelo, Giruá, Três de Maio, Panambi, Cruz Alta, Tapera, Campo Real, Carazinho, Sarandi e Ijuí.

O conselho de administração da nova central cooperativa está assim constituído: presidente, Arnaldo Oscar Drews, da COTRIJUI; vice-presidente, Elias Valmor Marchese, da CO-

OPERA, de Carazinho. São conselheiros: Irmfried Otto Ingbert Harry Schmidt, da COTRIJAL; Osmar Firmino Dimeneghi, da COTAP; Volney Cigana Ferreira, COTRICRUZ. Suplentes — João Cesca, COTRIPAL; Irineu Orth, COTRISOJA e Getúlio Puhl Martini, da COTRIMAIO.

O conselho fiscal tem como titulares: Jordão Gheller, da COTRISAL; Karl Adolf Walter Tank, COTRIPAL; Adelar da Cunha, COTRIJAL. Suplentes: Alexis Setti, COOPERA; Clóvis

Adriano Farina, COTRIJUI, e Leonel Lorenzon Dal Forno, da COTAP.

A sede jurídica da Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicação Rural Ltda. é em Porto Alegre, á rua dos Andradas, esquina Vigário José Inácio, 17º andar, no edifício Galeria Malcon. No entanto, sua coordenação está se processando junto a COTRIJUI, em Ijuí, onde dá expediente seu presidente, sr. Arnaldo Oscar Drews.

A área de ação de cada

cooperativa componente da Central de Telefonia Rural, com seus respectivos quadros de associados, é a seguinte: Cooperativa Triticola de Sarandi — COTRISAL — área de ação, além de Sarandi, Ronda Alta, Rondinha, Liberato Salzano, Nonoai e Constantina. Número de associados, 5.800.

COTRISOJA, de Tapera. Área de ação, além de Tapera, Selbach e Victor Graeff. Número de associados, 2.150. COTAP, de Giruá. Área de ação, Giruá

e Independência. Número de associados, 4.200. COOPERA, de Carazinho. Ação em Carazinho e Chapada. Associados, 2.300. COTRIPAL, Panambi. Área de ação estendida a Condor, com 2.400 associados.

COTRIJAL, de Campo Real, com área de ação estendida a Colorado e Victor Graeff. Número de associados, 2.700. E Cruz Alta, COTRICRUZ, com atuação em Pejuçara, quadro social 2.936 associados.

CENTRAL GAÚCHA DE LACTICINIOS

Os jornais de Porto Alegre publicaram em suas edições de 24 último, que a Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL) vai implantar em área favorável para a indústria naquela capital, uma fábrica e um sistema de distribuição de leite com o objetivo de evitar a dispersão no setor. Também estão em estudo a construção de usinas em cidades-chaves das regiões produto-

ras do interior do Estado, de forma a que a distância entre as cooperativas e a usina respectiva nunca ultrapasse a duzentos quilômetros.

Essas duas iniciativas fazem parte do primeiro plano de ação da CCGL, sob a presidência do eng. agr. Frederico Gunar Dürr, ex-delegado regional do INCRA no Rio Grande do Sul, que esteve no final do

mês em Brasília participando do I Intercâmbio Nacional de Comercialização Cooperativista, e manteve contatos na área de interesse da nova cooperativa que preside, inclusive com a direção do Banco Nacional de Crédito Cooperativo.

Antes de viajar a Brasília, Dürr esclareceu que a CCGL está executando suas atividades iniciais em dois setores. O pri-

meiro diz respeito à coordenação da distribuição dos produtos das cooperativas associadas, a nível da Grande Porto Alegre. O outro setor abrange a coleta de elementos para especificar os tipos, dimensionamento e localização das indústrias.

Entre os objetivos da CCGL estão: o recebimento e distribuição do leite das cooperativas associadas, industrializa-

ção da matéria-prima e derivados, organização de um serviço de transportes eficiente, assistência técnica, e sanitária aos produtores, o controle de qualidade do produto, a manutenção de preços justos, entre vários outros assuntos urgentes e necessários. A CCGL está localizada na Galeria Malcon, 17º andar, a rua dos Andradas esquina Vigário José Inácio, em Porto Alegre.

CENTRAL DE MALTE EM ORGANIZAÇÃO

Um grupo de 13 cooperativas tritícolas do Rio Grande do Sul vai instalar em Carazinho uma indústria de malte. O empreendimento visa aproveitar os incentivos oferecidos pelo plano nacional de autosuficiência da cevada que será lançado pelo Governo federal.

A Central da Cevada e do Malte, cujo projeto já está em fase final de elaboração, por uma comissão de dirigentes de coope-

rativas do Planalto Médio, terá uma capacidade de produção de 45 a 60 mil toneladas de malte por ano. Sua matéria-prima, a cevada, proporcionará uma nova opção de cultura de inverno ao agricultor gaúcho.

O sucesso da Central Cooperativa pode ser analisado por antecipação, se se considerar a irrisória produção de malte no Brasil, em comparação ao consumo. Nossa produção é de apenas

25 mil toneladas/ano, ao passo que o consumo alcança 230 mil toneladas no mesmo período. O Brasil é o terceiro maior importador de malte do mundo, adquirindo no exterior, principalmente na França e no Canadá, mais de 90 por cento do consumo.

Esse volume importado implica numa evasão de divisas da ordem de 80 milhões de dólares por ano, ao preço de 350

dólares por tonelada. O solo da região atualmente destinado ao trigo no inverno e à soja no verão, é de excelente qualidade para a cevada. Somente na região do Planalto Médio cerca de 500 mil hectares de terra ficam desocupadas durante o inverno, pois o cultivo do trigo atinge apenas 50 por cento da área da soja.

Para produzir 45 mil toneladas/ano de malte, a indústria

gaúcha necessitará de um volume de cevada correspondente à ocupação de apenas 20 por cento da área desocupada na região, durante o inverno, ou seja, 100 mil hectares, segundo declarações do sr. Elias Valmor Marchese, vice-presidente da Cooperativa Triticola de Carazinho e que está coordenando a comissão que estuda a implantação da nova Central.

ESTÍMULO AO REFLORESTAMENTO

As cooperativas Tritícolas do Estado, preocupadas com o problema do desmatamento, que a cada dia se agrava mais, estão criando departamentos para estimular o plantio de árvores nativas entre seus associados.

Apenas 1,8% das áreas úteis do Estado possuem matas e por isto as indústrias são obrigadas a importar 90% da madeira que necessitam.

Visando diminuir o problema, a Cooperativa Triticola de Campo Real (Cotrijal), só no ano passado distribuiu 85 mil mudas de plantas nativas e de outras regiões aos agricultores locais. Estes serão beneficiados com mais áreas verdes e uma fonte extra de renda, vendendo madeira ou frutas, que serão cultivadas

em áreas que não servem para a lavoura.

O técnico agrícola Gilbert Appelt, encarregado do departamento de reflorestamento da Cotrijal, acredita que a fruticultura poderá mesmo ter grande importância econômica para a região, sendo ótima alternativa aos pequenos agricultores. Um hectare com pessegueiros, por exemplo, proporciona um rendimento três vezes maior do que um de soja.

Mas o agricultor parece que não está muito convencido das vantagens trazidas pelo cultivo de árvores frutíferas. Segundo Gilbert, trata-se de um problema de mentalidade imediatista, o que "torna difícil convencê-lo de

que a fruticultura ou a madeira podem ser complementos às outras atividades, como trigo e soja, que dão todo o ano".

Uma das queixas dos que tentam o reflorestamento com as árvores nativas é a de que existem pouquíssimos estudos a respeito e os colonos da região tentaram reflorestar com pinheiros americanos. Depois, não encontramos mercado para a madeira. "Além disso, o pinheiro americano não abriga pássaros porque não tem alimentos," acrescenta Gilbert.

Em Campo Real a cooperativa realiza experiências de adaptação da planta ao clima e ao solo da região. Num convênio com a prefeitura, Appelt está

preparando três hectares para plantar louro, cedro, imbuia, e caroba, numa tentativa de restaurar o equilíbrio ecológico na área. O técnico considera o desmatamento como a provável causa do aparecimento das pragas nas lavouras, justificando que na época em que o "equilíbrio ecológico era perfeito, a lagarta e o pulgão, por exemplo, tinham na própria natureza elementos para se alimentar, servindo também de alimentos para animais como a joaninha e os pássaros. A Cotrijal conta com 58 espécies de mudas diferentes que podem ser pedidas através da caixa postal 299470, Campo Real, correndo as despesas de frete e seguro por conta do comprador.



POR UMA TÉCNICA BRASILEIRA

Uma tecnologia brasileira, gerando produtos com marcas brasileiras para o país e para o mundo, é o sonho de empresários e executivos nacionalistas. Dai a importância, para estes, de instituições que operem no país, visando aquele objetivo.

Dentre estas instituições cabe ressaltar o Instituto de Tecnologia de Alimentos - ITAL - organismo pioneiro na pesquisa tecnológica de alimentos no Brasil, que funciona na cidade de Campinas, estado de São Paulo.

A revista "Exame", que se edita em São Paulo, em edição de 15 de setembro que passou, publica importante matéria focalizando o Ital. O texto de "Exame" prova, inclusive, que é mais barato pesquisar tecnologia do que importar essa mesma tecnologia. É que o Ital está fazendo, e bem.

Dada a importância do assunto, principalmente por se tratar de alimentação, o que caracteriza forte conotação com a situação do Rio Grande do Sul, pedimos licença à revista para publicar no COTRIJORNAL um resumo daquela matéria.

Diz "Exame" que existem hoje cerca de 100 projetos de produtos alimentícios em desenvolvimento no Ital, que podem ser comprados por empresas interessadas em produzi-los em escala industrial. Mas - confessa o Instituto - em 1975 apenas 12% da receita do Ital originou-se de projetos e pesquisas encomendadas pela iniciativa privada brasileira.

Quer dizer, nossos empresários, ou porque ignoram, ou talvez porque já estejam mentalmente colonizados, continuam usando tecnologia importada, que gostam de chamar de "know-how", pronunciando um nó-áu bem aberto.

Por isso o Ital vai lançar até o final do ano um Projeto de Venda de Tecnologia e Informação, com vistas a interessar a iniciativa privada brasileira pelos resultados de suas pesquisas.

A eficiência do trabalho do Ital pode ser medida pelos produtos já comercializados nos mercados interno e externo, graças a tecnologia desenvolvida em seus laboratórios. O suco concentrado de laranja, de que o Brasil é grande exportador; o macarrão enriquecido com soja, de grande consumo no Nordeste; o conhecido "tomate pelado" da CICA e o palmito tipo exportação, são alguns dos exemplos.

"Nós sabemos, nós criamos, nós inventamos", - diz o cientista Ágide Gorgatti Neto,

diretor do Instituto - "o grande problema é que a nossa tarefa não se limita a isto. Os resultados somente se viabilizam quando são adotados pelo setor reprodutivo".

DIFICULDADES

Pioneiro na pesquisa tecnológica no Brasil, o Ital nasceu em 1963 - através de um convênio entre o governo brasileiro e a FAO, - já ligado à Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Tem 440 técnicos trabalhando em 60 mil metros quadrados. O trabalho desenvolvido por seus técnicos nos primeiros cinco anos permitiu que, em 1968, fosse criada a Faculdade de Engenharia de Alimentos da Universidade de Campinas, para a qual foi transferida a tarefa de ensino da pesquisa, antes acumulada pelo Instituto.

O conjunto de laboratórios e as treze usinas-piloto do Ital - unidades fabricantes em escala semi-industrial - possibilitam a elaboração de projetos, o processamento de produtos e embalagens e o estudo de técnicas de transporte e armazenamento.

Ao lado da atividade básica de pesquisa, o Instituto mantém um programa de assistência e treinamento de pessoal especializado para as indústrias. Estágios, cursos especiais para técnicos de nível médio, consultas específicas e assistência direta dos seus técnicos podem ser solicitados pelas empresas privadas, sempre a custos baixos.

No entanto, o empenho do Ital em transferir os resultados de suas pesquisas para a iniciativa privada nem sempre tem sido bem sucedido. "O que ocorre hoje no Brasil, pelo menos no nosso setor, é que o processo de transferência de tecnologia encontra tamanha resistência que acaba exigindo um esforço quase tão grande quanto o de produzir tecnologia através da pesquisa", diz Gorgatti.

Como funciona - Formalmente, o Ital é apenas o executor dos projetos contratados pela iniciativa privada à Secretaria da Agricultura do Estado. Uma Comissão de Julgamento de Projetos do próprio Instituto faz uma análise preliminar da viabilidade da pesquisa, encaminhando depois a sua execução.

Na prática, contudo, o processo não tem sido tão simples. Segundo técnicos do Ital, o distanciamento das empresas com o mundo da pesquisa é tão grande que, ao consultar o Instituto, muitas vezes elas não têm uma idéia precisa dos projetos

do seu interesse. Nesses casos, o trabalho começa com um levantamento das possibilidades da empresa, do setor onde ela opera e do que o Ital pode oferecer-lhe.

O Serviço de Assistência Técnica (SAT) funciona, geralmente, como o canal intermediário entre as empresas e os técnicos do Ital. O SAT assessora as empresas, inclusive, quanto às fontes de financiamento da pesquisa. Gorgatti explica que existem inúmeros mecanismos oficiais de estímulo às pesquisas: "Atualmente, a Finep e os bancos de desenvolvimento estaduais oferecem linhas especiais de crédito para a pesquisa. E brevemente estas facilidades serão ampliadas, com a implantação da Companhia de Promoção de Pesquisa do Estado de São Paulo.

GOVERNO

Alguns projetos industriais do Nordeste tiveram assessoria completa do Ital, incluindo a parte financeira, localização, montagem industrial, obtenção de matéria-prima, utilização de subprodutos, treinamento de mão-de-obra e aspectos mercadológicos.

Mas este tipo de assessoria integral não é comum no relacionamento com a iniciativa privada sobretudo as grandes empresas. Como já possuem seus próprios centros de pesquisa - no Brasil, ou em suas matrizes no exterior - as grandes empresas, em geral, estão interessadas apenas em consultas, análises e treinamento de pessoal. "É nos programas do governo - como o Pronam - que o Ital tem participado integralmente, desde a fase de elaboração política e escolha dos produtos até a assistência técnica às indústrias que trabalharão na execução do programa", afirma Gorgatti.

Para o Ministério da Agricultura, por exemplo, o Ital elaborou o Plano Nacional Integrado de Tecnologia de Alimentos - Planita. Cerca de 120 projetos previstos no plano estão em execução, abrangendo a industrialização de frutas tropicais, substituição do trigo pela soja, cardápios para merendas escolares, industrialização de pescados, etc. "Boa parte dessa tecnologia já está disponível no Instituto, tanto na forma de técnicas para melhor conservação dos alimentos, como em produtos novos, adequados aos programas de alimentação do governo. Resta-nos, apenas, esperar que se implantem estes programas e que mais indústrias venham a se interessar,

futuramente, por essa tecnologia" diz Gorgatti.

Produzidos em pequena escala nas usinas-piloto do Instituto e, portanto, com viabilidade industrial comprovada, existem ainda o leite de soja Vita, bolachas enriquecidas, flocos de banana, macarrão enriquecido, polenta instantânea e sopas enri-

quecidas.

Opção política - O Ital tem como princípio simplificar os projetos, tornando-os acessíveis à empresa nacional. Existe a preocupação de utilizar, ao máximo, os equipamentos e recursos existentes no país, de forma a não onerar ainda mais o balanço de pagamentos.

VALOR DO NITROGÊNIO NAS PLANTAS

Segundo um comentário publicado há pouco no Correio do Povo, intitulado "Nitrogênio é vital para fazer crescer produtividade no RGS", no qual faz comparações entre a produtividade no Brasil, no nosso Estado e na Holanda, a explicação para nossa pequena produção é a baixa tecnologia que empregamos.

Conforme o citado comentário, na Holanda, em 1905, o uso de N (nitrogênio) na fórmula NPK era, em proporção, menor ao P (fósforo) e de K (potássio). Naquele ano, a fórmula mais usada era a de 1:6:3,7. Depois, sucessivamente, nos anos seguintes, foi registrada uma queda acentuada no uso dos dois componentes (P e K), na seguinte proporção:

Em 1922 a fórmula mais usada passou a ser 1:2,9:2,2. No ano de 1930: 1:2,2:2,2. Em 1938, 1:1,0:1,4. Em 1950, 1:0,77:1,0. Em 1960, 1:0,49:0,61. No ano de 1970, 1:0,38:0,34. Finalmente, em 1974, a proporção usada na Holanda passou a ser 1:0,26:0,27.

O primeiro elemento da fórmula, o N, manteve um uso constante, enquanto os outros caíram. Este fato, segundo os técnicos da CRN - Companhia Riograndense de Nitrogenados - e da ESPIN - Consultoria e Assessoria, torna evidente que em

países com agricultura altamente desenvolvida, onde são atingidos elevados índices de produtividade, é dada maior importância relativa ao nitrogênio, quando comparado com o fósforo e o potássio.

Diz o jornal porto-alegrense que a previsão é de que também no Rio Grande do Sul as formulações NPK deverão apresentar uma melhoria relativa na ponderação do elemento N, em detrimento do fósforo. O fato é atribuído, principalmente, à expansão dos cultivos, de trigo, sorgo, milho e arroz, que são grandes consumidores de nitrogênio.

Esta alteração é explicada, principalmente, devido ao incremento no uso de nitrogênio em pastagens e em adubação por cobertura; mas também atribuída aos elevados níveis de fósforo e potássio fixados no solo. E em muitos casos, resultantes de aplicações incorretas desses nutrientes, tanto no que se refere à época de aplicação quanto às condições de solo.

Com a fórmula usada na Holanda, prossegue o comentário do Correio do Povo, onde há predominância do N, os resultados na produtividade têm sido expressivos, conforme o que mostra o quadro a seguir.

COMPARATIVO DO RENDIMENTO MÉDIO DE ALGUMAS CULTURAS

CULTURAS	BRASIL kg/ha	R.G. SUL kg/ha	HOLANDA kg/ha
TRIGO	1.065	1.120	5.255
BATATA	6.731	6.100	36.829
FEIJÃO	650	800	2.862
TOMATE	17.391	13.200	131.872

Fonte: GAZETILHA AGRÍCOLA DOS PAÍSES BAIXOS - 3.4.75. - FEE - Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul.

Os técnicos apontam como elemento que deverá ter influência no maior consumo de nitrogênio - com relação ao fósforo e o potássio - o aumento considerável da adubação nitrogenada por cobertura que, de acordo com o estudo do mercado por cultivos, aumentará sua partici-

pação no consumo total de 24,7% em 1976, para aproximadamente 32% em 1980. A previsão, diz o jornal, estabelece como meta possível um mercado dimensionado de 220 mil toneladas de nutrientes nitrogenados em 1980.

CCGL REIVINDICA PADRONIZAÇÃO PARA PREÇO DO LEITE NO ESTADO

A variação de preços para o leite in natura vigente no Estado, segundo a Cooperativa Central Gaúcha de Leite - CCGL - recentemente criada, "gera uma grande insatisfação para todos os produtores".

Reunida em assembléia geral em Porto Alegre, a 27 de agosto, a CCGL aprovou o envio de proposição ao superintendente da SUNAB, sr. Ruben Noé Wilke, na qual solicita ao órgão controlador de preços que padronize o preço do leite ao produtor, em todo o território do Rio Grande do Sul. A correspondência da CCGL assinada por seu presidente, eng. agr. Frederico Martin Gunnar Dürr, com data de 3 de setembro último, tem a seguinte redação:

"Senhor Superintendente da SUNAB.

Em 27 de agosto reuniu-se nesta capital, em assembléia geral, a Cooperativa Central Gaúcha de Leite Ltda - CCGL, constando de sua pauta, entre outros assuntos, apreciação sobre os preços e incentivos concedidos à venda do leite pausterizado tipo "C", neste Estado.

Após exaustivo estudo concluíram as filiadas que os preços máximos por litro, estabelecidos pela portaria nº 43, datada de 27.07.76, dessa Superintendência, de Cr\$ 2,60 (dois cruzeiros e sessenta centavos) para a Região Metropolitana de Porto Alegre e de 2,65 (dois cruzeiros e sessenta e cinco centavos) para os demais municípios do Estado,

cria uma injustificável variação de preços para os produtores, consumidores e indústrias de leite, gerando uma grande insatisfação para os primeiros e uma série de problemas para os últimos.

Independente das consequências acima citadas, a portaria em referência ao estabelecer, em seu artigo nº 4, o subsídio de Cr\$ 0,25 (vinte e cinco centavos) por litro de leite comercializado na Região Metropolitana, motivou o surgimento por parte das usinas de beneficiamento, o desinteresse em comercializar o produto no interior do Estado, ou mesmo o abandono dessa área.

Não fora só isso as usinas de beneficiamento do interior, que comercializam o leite fora

da Região Metropolitana, operam com desvantagem, estando sujeitas a não auferir rendimentos ou mesmo operar com prejuízo.

Essa situação proporciona o surgimento do tão conhecido "passeio do leite", ou seja, o produto é faturado para comercialização na área subsidiada, passando por esta e indo ser vendido no interior, num flagrante desrespeito à intenção governamental, independente de prejudicar aqueles que atuam corretamente.

Diante do exposto, a assembléia concluiu que somente sendo estendido o subsídio de Cr\$ 0,25 (vinte e cinco centavos) a todo o Estado do Rio Grande do Sul, assim como o ta-

belamento do preço máximo em um só valor, para toda a área, haverá condições de beneficiar os produtores, remunerando-lhes em Cr\$ 2,10 (dois cruzeiros e dez centavos) na plataforma.

Por esses motivos, a Cooperativa Central Gaúcha de Leite Ltda. - CCGL, encarece que vossa excelência se digne reconsiderar a Portaria nº 43, de 27.07.76, levando em consideração o sugerido no parágrafo anterior.

Certos da compreensão que é peculiar nesse Órgão, colhemos o ensejo para enviar-lhe nossos protestos de apreço e consideração. Atenciosamente, Frederico Martin Gunnar Dürr, Presidente.

DEFENDIDA AGILIZAÇÃO DO CRÉDITO RURAL

Durante palestra proferida para os formandos da Escola Superior de Guerra, no último dia 17, o presidente do Banco do Brasil, Ângelo Calmon de Sá, de-

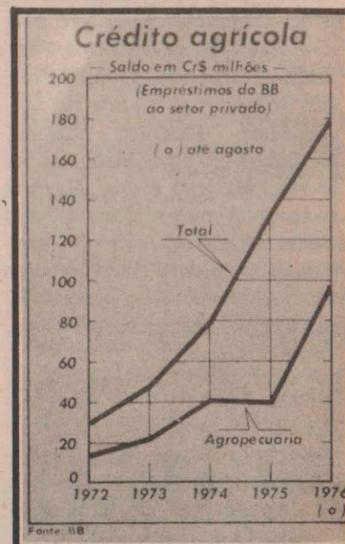
fendeu uma maior agilização para a ação do sistema nacional de crédito rural, a fim de tornar o país auto-suficiente em produtos agropecuários e grande supridor

mundial de alimentos e matérias-primas. Disse esperar grandes esforços dos bancos oficiais "que deverão elevar o saldo de suas aplicações, no setor, de 66 bilhões de cruzeiros em 1974 para mais de 130 bilhões em 1979, a preços de 1976".

O presidente do Banco do Brasil revelou na oportunidade que o setor bancário privado vem concentrando a maior parte de suas aplicações do crédito rural nas atividades de comercialização da safra. Ressaltou que até o mês de julho último, as 32 agências e escritórios do Banco no exterior, participaram de ope-

rações de crédito ao país, no valor de 3,666 bilhões de dólares.

Calmon de Sá disse ainda que o volume de empréstimos, até o mês de agosto foi de 97 bilhões de cruzeiros, dos quais 77,5 bilhões em créditos concedidos pela Carteira de Crédito Rural e o restante para comercialização através de operações da Carteira de Crédito Geral. Sobre as críticas que o Banco do Brasil vem recebendo por sua participação no sistema bancário, ele afirmou que o maior número de agências está localizada em regiões onde o setor privado tem hesitado em entrar. O gráfico ao lado é da "Gazeta Mercantil".



DIRETOR FAZ TREINAMENTO EM ECONOMIA COOPERATIVA NOS E.E.UU.

Encontra-se nos Estados Unidos desde 20 de setembro, o economista Oswaldo Olmiro Meotti, diretor-financeiro da COTRIJUI. O sr. Oswaldo Meotti foi a convite do Banco Lar Brasileiro S.A que é associado ao "The Chase Manhattan Bank", para submeter-se a um programa de observação e treinamento de diretores de cooperativas.

Consta do programa de treinamento apresentação

sobre a agricultura nos Estados Unidos, sistema cooperativo, palestras sobre "Commodities" e "Hedging"; reuniões com empresas agro-industriais, visita a Bolsa de Cereais de Chicago, com participação nos pregões e diversas viagens de visita no Illinois e estados próximos.

Cumprido o programa, o diretor Oswaldo Meotti deverá estar de retorno a Juí a 10 do corrente.

ESPERADA REDUÇÃO NAS IMPORTAÇÕES

Falando há pouco à imprensa, no Rio de Janeiro, o sr. Mário Henrique Simonsen, ministro da Fazenda, disse esperar uma "redução apreciável das importações nos próximos meses, em consequência das medidas de contenção ao crédito dos supérfluos, adotadas pelo Governo".

O Ministro recusou-se

porém, a fazer qualquer previsão sobre qual será nosso déficit comercial este ano ou qual a sua expectativa para o próximo ano de 1977. O máximo que posso adiantar - disse aos jornalistas - é que o Banco Mundial estima que o déficit da conta de comércio brasileiro será inferior a um milhão de dólares, no próximo ano.



CONCURSO DE PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DO MILHO

O Governador do Estado, em exercício, sr. José Augusto Amaral de Souza, assinou decreto no último dia 16 no Palácio Piratini, instituindo o concurso de produção e produtividade do milho.

O concurso tem por objetivo despertar os produtores do Rio Grande do Sul para as técnicas modernas de agricultura. Foi regulamentado pelo seguinte Decreto:

Art. 1º - É instituído, como parte integrante da Operação Milho, o Concurso de Produção e Produtividade do Milho, destinado a incrementar o plantio deste cereal em áreas prioritárias estabelecidas pelo Conselho Agropecuario do Estado do Rio Grande do Sul.

Art. 2º - As áreas prioritárias para as lavouras de milho, de que trata o artigo anterior, compreendem as seguintes Regiões, com seus respectivos municípios:

Região 1 - Integrada pelos municípios de Alpestre, Aratiba, Barão de Cotegipe, Barracão, Cacique Doble, Caiçara, Campinas do Sul, Carazinho, Chapada, Ciriaco, Condor, Constantina, Erechim, Erval Seco, Frederico Westphalen, Gaurama, Getúlio Vargas, Ibiaçá, Iraí, Itatiba do Sul, Jacutinga, Liberato Salzano, Marcelino Ramos, Machadinho, Marau, Mariano Moro, Maximiliano de Almeida, Nonoai, Paim Filho, Palmeira das Missões, Planalto, Passo Fundo, Rodeio Bonito, Ronda Alta, Rondinha, Sananduva, São José do Ouro, São Valentim.

Região 2 - Formada pelos

municípios de Camaquã, Canguçu, Dom Feliciano, Encruzilhada do Sul, Pedro Osório, Piratini, Santana da Boa Vista, e São Lourenço do Sul.

Art. 3º - Aos municípios integrantes das Regiões 1 e 2, vencedores do Concurso de Produção e de Produtividade de Milho, serão conferidos, observadas as normas estabelecidas, neste Decreto, os seguintes prêmios: troféu "Espiga de Ouro", troféu "Grão de Ouro", diploma.

Art. 4º - Fará jus ao troféu "Espiga de Ouro" e respectivo diploma: o município que na safra 76/77 alcançar a maior produção de milho, em toneladas; o município que, cultivando no mínimo 1.500 hectares de milho, em 1976, apresentar o maior rendimento médio por unidade de área em 1977 e, em consequência, maior produtividade; o município que apresentar a maior área de milho colhida mecanicamente em 1977.

Art. 5º - Receberá o troféu "Grão de Ouro": Sarandi, Seberí, Sertão, Severiano de Almeida, Tapejara, Viadutos e Vicente Dutra e, o município que apresentar o maior índice de utilização de semente híbrida de milho em 1976; o município que apresentar o maior acréscimo de rendimento médio entre as safras 75/7 e 76/77.

Art. 6º - O município, incluído nas Regiões 1 ou 2 que obtiver a maior produção de milho na safra 1976/77, será considerado "Município Campeão da Produção de Milho", merecendo, além dos prêmios e diploma especificados neste De-

creto, a realização, no ano seguinte, da Festa Estadual do Milho.

Art. 7º - O município, integrante de qualquer das Regiões que alcançar o maior índice de produtividade de milho, na safra 1976/77, verificado no concurso, será considerado "Município Campeão da Produtividade de Milho", fazendo jus, além dos prêmios estabelecidos, do Diploma de Mérito.

Art. 8º - Aos cinco produtores localizados nas Regiões prioritárias, que apresentarem maiores índices de produtividade de milho, em lavouras de, no mínimo 1 hectare, serão conferidos, pela ordem, os seguintes prêmios: 1º lugar, um trator; 2º lugar, 1 semeadeira; 3º lugar, 3 toneladas de adubo; 4º lugar, 2 toneladas de adubo; 5º lugar, 1 tonelada de adubo.

Art. 9º - Os prêmios a que se refere este Decreto serão entregues em solenidade especial presidida pelo Chefe do Poder Executivo.

Art. 10º - O secretário da Agricultura, mediante portaria, baixará o regulamento do Concurso de Produção e de Produtividade de Milho, bem como as instruções complementares que se fizerem necessárias.

Art. 11º - As despesas com a execução deste Decreto correrão à conta das dotações próprias da Secretaria da Agricultura.

Art. 12 - Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação".

AGRICULTURA É A MOLA DO DESENVOLVIMENTO

O presidente do "National Science Board", Norman Hackermann, disse durante o congresso "Duzentos anos de ciência e tecnologia pelo progresso da humanidade", realizado no começo de agosto em Milão, Itália, que a agricultura é o principal ponto de força atualmente da América do Norte.

Norman Hackermann, que foi reitor da Rice University até 1968, quando passou para o NSB, explicou em seu relatório que a agricultura no decorrer dos últimos dois séculos, despertando a ciência que se desenvolveu por sua consequência, permitiu um enorme aumento da população de alimentos, acompanhado de uma forte redução da população agrícola, em termos de porcentagem.

Por exemplo, antes de 1800, mais de 90 por cento dos norte-americanos viviam em fazendas, ao passo que hoje menos de 5 por cento trabalham a terra. Naquele tempo, a maioria da população, dedicando-se às lidas agrícolas, fornecia a si mesma alimentos, alojamentos e vestuários, enquanto agora cada agricultor norte-americano fornece alimentação e fibras têxteis para cinquenta e seis pessoas.

A maior parte de tais progressos data do começo deste século, como é demonstrado pelo fato de que atualmente os Estados Unidos produzem o dobro dos alimentos que produzem há vinte anos, com um número de agricultores reduzido em 60 por cento.

Qual o motivo deste extraordinário aumento de produtividade, que ainda continua? Segundo Hackermann, os motivos são vários, originados de desenvolvimentos científicos ou tecnológicos, de invenções e do largo emprego de melhores equipamentos agrícolas, começando pelo arado de aço de Lane e Deere, inventado em 1830 e que, em 1857, já tinha uma produção de dez mil peças anuais.

A cortadora mecânica, patente de 1834 de Cyrus McCormick, foi provavelmente a invenção mais importante introduzida naquela época. Ela fez para a agricultura do norte e oes-

te dos Estados Unidos aquilo que a seletora automática de algodão de Eli Whitney fez para o sul.

Outras novidades, grandes e menores, mudaram o aspecto do campo norte-americano com o passar dos anos. Importantes foram a invenção do arame farpado (com sua vasta aplicação na criação de gado) e a introdução de irrigação em grande escala, que permitiu o cultivo de vastas extensões de terrenos semi-áridos.

Porém, nem todas as melhorias agrícolas foram de caráter tecnológico. Ainda mais importantes, talvez, foram os progressos na biologia, química e instrução, que influenciaram fortemente a agricultura. Já desde 1873 os norte-americanos importavam gado selecionado para melhorar seus rebanhos e desde 1818 experimentavam novas sementes e novas plantas. No início do século passado, estavam em prova vários tipos de fertilizantes e os adubos comerciais começaram a ser postos à venda nos Estados Unidos, em 1849.

Outras tecnologias, afirmou Hackermann, poderão ser desenvolvidas e utilizadas no próximo século. Estão previstos outros tantos progressos importantes no campo dos recursos materiais, seja para satisfazer a necessidade de utilizar os materiais mais abundantes na natureza, seja para produzir materiais capazes de responder aos requisitos de novas e sofisticadas tecnologias.

Será necessário desenvolver novas ligas, capazes de resistir a temperaturas mais elevadas e às maiores corrosões e solicitações mecânicas. Haverá um emprego cada vez maior de fibras especiais na indústria das comunicações. Serão produzidas cerâmicas que possam substituir os metais nos motores. Serão desenvolvidos processos que produzirão matérias plásticas biodegradáveis dos amidos e permitirão empregar madeira no lugar dos derivados de petróleo como matéria-prima para a fabricação de material plástico, bem como uma grande quantidade de outros produtos.

PERDAS DE TRIGO POR AMASSAMENTO

Em Cornélio Procópio, no Paraná, na tentativa de diminuir as perdas por amassamento, estão sendo usadas rodas de menor largura nos tratores. Em uma lavoura de cerca de 500 ha de trigo está sendo empregada a substituição nos tratores dos pneus usuais por rodas metálicas de 10 cm de largura, semelhantes

as rodas de carroça. Este produtor de trigo paranaense tenta, desta forma, diminuir as perdas por amassamento, diminuindo a área de contato do trator. Este invento está sendo usado pela primeira vez em lavouras e parece estar apresentando bons resultados.

FEIJÃO, UM PRATO CADA VEZ MAIS DIFÍCIL

Mas enquanto o Governo do Estado procura estimular a produção do milho, o feijão preto torna-se cada vez mais difícil no prato do brasileiro. O produto importado ultimamente do México, da Argentina e até mesmo do Chile, prova que o agricultor nacional vem abandonando essa cultura tão tradicional ao nosso paladar.

Sem dúvida, algo deve ser feito em termos não somente locais, mas nacional, para ser ampliada a lavoura nacional de feijão preto.

O "Jornal do Brasil", que se edita no Rio de Janeiro, em sua edição de 13 último, publicou editorial intitulado o feijão e o sonho, chamando a atenção

dos poderes públicos para o problema do feijão.

Diz o jornal que, afinal, há quem reconheça no Governo que o feijão anda mal na agricultura. E pergunta: mas será que a escassez desse produto prosaico, de elevado peso no custo de vida dos assalariados deve-se apenas ao manejo inadequado dos preços mínimos? Ou o modesto feijão-com-arroz reflete uma realidade muito mais complexa para o interior brasileiro?

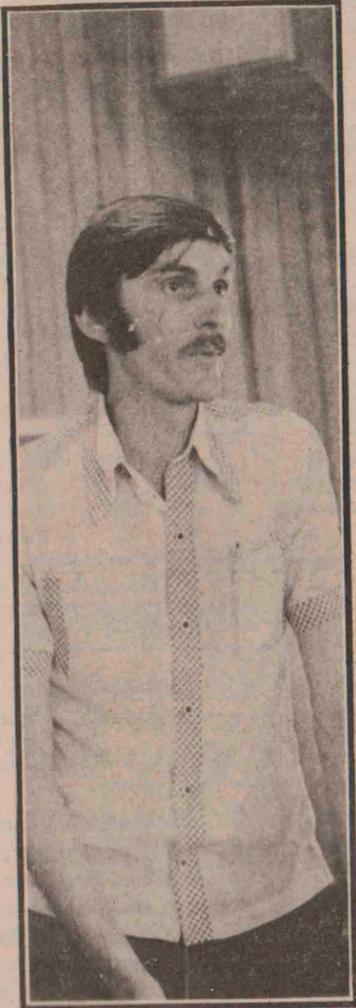
Em outro trecho do editorial diz o "Jornal do Brasil": "Como quer que seja, não se pode deixar passar sem registro esse enorme desastre para a mesa das pessoas de baixa renda, que consiste no fracasso da cultura do

feijão. Por certo não estamos diante de um fenômeno apenas de comercialização defeituosa: há, aí, a soma e a conjugação de mais de um erro. A área plantada desse gênero alimentício essencial para um país de dieta pobre diminuiu em comparação com as lavouras de exportação. Como fazer para recuperar o tempo perdido?"

E finaliza o editorial do JB: "Um bom caminho a seguir consiste, por certo, em deixar os preços funcionarem livremente."

O produtor sabe responder aos estímulos de mercado. Se não atrapalhar, o Governo já estará fazendo muito para as próximas safras".

PREVENÇÃO DE ACIDENTES DÁ ECONOMIA À EMPRESA



Valdir D. Zardim, atual presidente.

Os primeiros resultados da soma de benefícios da prevenção de acidentes, trabalho das CIPA que atuam na COTRIJUI, já mostram não somente benefícios humanos, mas também financeiros.

O fato foi mostrado por estatísticas durante o almoço de conagração dos funcionários dos diversos departamentos da cooperativa com seus orientadores, realizado no último dia 22, quando também assumiram os novos dirigentes da CIPA 454, com atuação na área de Ijuí e seus representantes nas unidades subordinadas.

Conforme comentou o diretor de Recursos Humanos da cooperativa, sr. Nelcy Rospide Nunes, a economia obtida pela COTRIJUI graças ao trabalho preventivo executado pelas CIPAS, "numa luta constante para reduzir os acidentes no trabalho, nos proporcionou uma redução na taxa de seguro de acidentes, conforme os percentuais seguintes:

Unidades de Vila Jóia e São Pedro (taxa incidente sobre a folha de pagamento para o INPS), baixou de 1,30% para 1,18%. Nas unidades de Ijuí, incluindo a sede e Linha 6-Norte; Santa Lúcia, Rosário, Linha

28 - Norte; Hospital Santa Teresinha (Santo Augusto), Tenente Portela, Sitio Gabriel, Coronel Bicaco e Tronqueiras, baixou de 1,83% para 1,18%. Nas unidades de Santo Augusto, Operações Ijuí, Chiapetta, Ajuricaba e Augusto Pestana, baixou de 3,00% para 1,18%. No Departamento Industrial de Ijuí (fábrica de óleo) e operações de Tenente Portela e Coronel Bicaco, de 3,66% para 1,18%. E no Terminal Marítimo "Luiz Fogliatto", de Rio Grande, baixou de 4,48% para 1,18%.

Essas reduções nas taxas, que incidem sobre a folha de pagamento ao INPS, apenas no período de março a julho deste ano, cinco meses, proporcionou uma economia à cooperativa de 212.544 cruzeiros e 16 centavos, que dá uma média mensal de 42.508 cruzeiros e 83 centavos. Essa economia reverteu em benefício do próprio quadro funcional, através da criação de um seguro de acidentes pessoais e vida, em grupo sem ônus para os funcionários.

A diminuição dos acidentes no trabalho, após a criação das CIPA na área de atuação da COTRIJUI, pode ser melhor analisada pela tabela que publicamos a seguir:

ANO	Nº EMPREGADOS	Nº ACIDENTES	DIAS PERDIDOS
1974/75	482	148	1.872
1975/76	726	83	1.430
DIF. (+)	344	(-) 65	(-) 442

A justificativa do aumento de funcionários no segundo período: foram criadas unidades novas em Augusto Pestana e Ajuricaba mais o Departamento de

Transporte, com uma frota de 50 caminhões graneleiros (Scania e Mercedes) e mais 32 automóveis de passageiros.

DIRETORIA DA CIPA-454

O funcionário Valdir Domingos Zardim, do Departamento Industrial da cooperativa, substituiu Luiz Roberto Capsa na presidência da CIPA -454, com sede em Ijuí, após a gestão deste último por um ano.

O ato, que teve lugar na sede da Associação dos Funcionários - AFUCOTRI - na Linha 3 - Oeste a 22 último, contou com a presença de orientadores do Ministério e Secretaria do Trabalho, dirigentes sindicais, diretores da cooperativa e grande número de funcionários.

Falaram na ocasião o sr. Luiz Roberto Capsa, que passou a presidência do órgão; o atual presidente Valdir Domingos Zardim; o professor Osvaldo Geraldo Vanin, do Ministério do Trabalho, que ministrou um curso de prevenção de acidentes em Ijuí para dirigentes sindicais e trabalhadores sindicalizados e do qual participaram 21 novos integrantes da CIPA - 454. Finalmente falou o sr. Nelcy Rospide Nunes, diretor de Recursos Humanos.

É a seguinte a nova diretoria da CIPA - 454: Valdir D. Zardim, presidente; Alberto Pa-

renti Filho, vice-presidente; Olavo Rieger, secretário. Os representantes da cooperativa - nos diversos departamentos e setores - João Maria Oliveria Mendonça, Jeovah Ortiz, Levi Hammarstronn e Coraldino Alves Garcia. Os representantes dos empregados são: Jorge Madruga, Walter Bruno Brick, Irandi Oliveira do Prado, Eloi Bueno da Silva, Luiz Carlos Bottega, Maria Santa de Miranda, Elzavir Queiroz, Osvaldo Alves Xavier, Antonio M. S. Falconi, Renate Maria Ramirez, Francisco Baldissera, Mário de Souza Rodrigues, Eruz Ruth Thorstenberg, Sadi Pereira, José Carlos Ferreira, Joaquim Teixeira Padilha, Egon Kruger, Wilson Sauer, Luiz Cirineu Guterres Pires, Olavo Metz e Olavo Escobar Lutz. São representantes da Unidades Regionais: Vila Jóia - efetivo - Arthur Bazzan; suplentes, Adair Santos da Cruz e Alfredo de Oliveira. Ajuricaba - efetivo - Moacir Antunes Soares; suplente, Clementino Marquezin. Augusto Pestana - efetivo - Erlei José Dambroz. Suplentes: Laurindo de Oliveira Belmonte e Moacir Roque Moticzka.

CUSTO DO ACIDENTE NO TRABALHO

Durante palestra proferida em Criciúma, quando ali se realizou a Primeira Jornada Catarinense de Medicina Operacional, o presidente da Associação Nacional de Medicina do Trabalho, professor Osvaldo Paulino, disse que em 1975 houve no Brasil mais de um milhão e 900 mil acidentes no trabalho, para uma população de 12 milhões e 996 mil operários registrados no INPS. Revelou ainda o professor Osvaldo Paulino que cada acidente custou mil cruzeiros per capita. Essa estatística, pelo seu volume sem precedentes no mundo inteiro, é simplesmente vexatória, disse Paulino.

"Nós sabemos que, exatamente,

te, a incidência maior dos acidentes é do trabalhador que não tem mão-de-obra qualificada, aquele que não está treinado para o seu trabalho ou que não está acostumado a usar o material de segurança necessário às suas atividades. Seja na construção civil, seja no tipo de trabalho que chamamos improvisado".

De acordo com o conferencista houve uma média de 6.283 acidentes por dia, no ano passado. Esse número fantástico de acidentes significa um volume muito grande de sofrimento moral, pela perda de entes queridos, ou por suas incapacidades para o trabalho.



Roberto Capsa, ex-presidente.



Dirigentes da cooperativa, autoridades e funcionários, momentos antes da solenidade de posse da nova diretoria.

CRIAÇÃO SUINA NO ESTADO

O Governo do Estado constituiu, por Ato n° 178/76, de 13 de janeiro último, Grupo de Trabalho, com a finalidade de estudar e indicar medidas tendentes ao melhoramento e ampliação da criação suína, principalmente ao porco tipo carne, visando a exportação.

O Grupo de Trabalho foi constituído na Secretaria da Agricultura, integrado por Sérgio Müller, zootecnista da Secretaria da Agricultura; Hélio Miguel de Rose, zootecnista da Associação Brasileira de Criadores de Suínos; Gelindo Zulmiro Ferre, representante da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul — FETAG; Pedro Carpenedo, representante do Sindicato da Indústria de Produtos Suínos no Rio Grande do Sul; Kurt Wehr, representante da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul — FARSUL. Sob a coordenação do zootecnista Sérgio Müller, o Grupo elaborou trabalho sob o título Suínos para Exportação, do que damos um resumo nesta reportagem.

A suinocultura, pelo seu vulto e disseminação territorial, constitui atividade básica da economia riograndense, especialmente nas regiões onde predominam as pequenas propriedades, regiões estas típicas de minifúndio. Estima-se que a suinocultura, em zonas de acentuado minifúndio, chega a ter na criação de suínos 70% de sua renda familiar.

Existem no Rio Grande do Sul um total de 227.339 proprietários de terra que criam suínos, com um rebanho de 3.397.871 cabeças, segundo levantamento feito pela Supervisão da Produção Animal, no ano de 1975.

A qualidade deste rebanho, infelizmente ainda deixa muito a desejar, existindo no total do rebanho de 3.397.871 cabeças, 58,8% do tipo banha e 33,2% do tipo misto, inviável à exportação, sendo que somente 8% do rebanho seria constituído de animais com condições para exportação.

A produtividade do rebanho é baixa, levando o criador 10 meses para levar seu porco ao frigorífico, com 80 a 100 kg de peso vivo. O número de leitões que chega ao abate é pequeno, bem como a qualidade do rebanho ainda deixa muito a desejar.

A baixa economicidade do setor é consequência da má qualidade do rebanho, da baixa produtividade, sendo esta resultante de uma assistência técnica insuficiente, desconhecimento das necessidades alimentares do rebanho a não utilização de um plano sanitário e deficiência de investimentos capazes de elevar o nível das instalações.

O rebanho puro de origem no Rio Grande do Sul está composto de 4.873 reprodutores, sendo 702 varrões e 4.171 criadeiras, distribuídos entre 154 cabanas, o que dá a baixa média de 30 reprodutores por propriedade, segundo levantamento feito pela Supervisão da Produção Animal da Secretaria da Agricultura, em 1975.

O abate de suínos tem se mantido numericamente estável nos últimos 10 anos. Em 1975 o abate atingiu a 2.070.224 cabeças e a qualidade deste abate foi muito baixa.

O número de indústrias de produtos suínos tem, também, diminuindo nos últimos anos. De 53 indústrias que abatem regularmente sob inspeção federal em 1965, existem atualmente em atividades 39.

O parque industrial não tem se aperfeiçoado com a mesma velocidade de crescimento das exigências dos consumidores, e não acompanhou a evolução dos demais setores da economia nacional, e ainda, a sua maior parte está estruturada para a produção de banha e foi constituída

em época que os óleos vegetais comestíveis não tinham expressão comercial.

OBJETIVOS

Racionalização das práticas de criação e do melhoramento zootécnico do rebanho suíno gaúcho e respectivas instalações; aumento da produtividade da criação de suínos; aumento da receita do criador de suínos e, com o desenvolvimento da suinocultura, aumento da renda Estadual; execução de amplo plano integrado de pesquisas, experimentação, defesa sanitária e extensão; concentração das atividades técnicas em zonas tradicionalmente suínicas; coordenação de esforços no sentido de que o produtor passe a produzir o porco tipo carne; introdução, no setor, de mecanismos de estímulo e controle, já conhecidos e usados em outros setores econômicos.

Objetivos específicos — Melhoramento zootécnico do rebanho suíno, com a introdução de reprodutores puros de origem, selecionados e inspecionados; eliminação de reprodutores de qualidade inferior fornecendo condições favoráveis ao produtor para tal fim; elevação do abate industrial com animais de melhor qualidade, visando a exportação; promoção da racionalização do sistema de comercialização, que elimine o intermediário especulativo entre o produtor e a indústria como entre esta e o consumidor; promoção de projetos integrados entre as indústrias e os produtores; controle de preços; estocagem de produtos básicos à produção suínica; criação de incentivos especiais ao desenvolvimento da suinocultura; adaptação do parque industrial, visando prioritariamente a elevação da capacidade de industrialização das carnes e seus derivados.

METAS

O programa se propõe alcançar as seguintes metas: aumentar a qualidade do rebanho suíno no sentido de que animais do tipo carne atinjam a curto prazo um mínimo de 60% do total do rebanho gaúcho; fomentar a criação de animais de origem de modo a que em 1976 o registro de animais ultrapasse a quantidade de 15.000, ou seja, um terço mais por ano de atuação do programa; melhorar a qualidade do porco terminado de forma que, no abate, se consiga um mínimo de 25% de carcaças do tipo exportação, e após, um aumento de 10% ao ano.

MEIOS A ATINGIR

Um dos fatores mais desestimulantes do desenvolvimento da suinocultura é a característica de oscilações cíclicas no preço

do porco pago ao suinocultor e dos produtos elaborados.

No período da safra ocorre o momento mais delicado: o produtor é obrigado a vender o suíno pelo preço vigorante para evitar o prejuízo do custo adicional em manter o animal. Isto ocorre após a safra de milho, quando o suíno atinge o peso ideal e convém que seja abatido. O tempo em que permanecer sem ser abatido, após atingir o peso ideal, traduz-se em maior acumulação de gordura, sendo inconveniente para a qualidade de industrialização e para o criador, pelo aumento dos custos adicionais. Ocorre então a baixa dos preços do suíno vivo, devido a má qualidade e a especulação do comprador.

Esta sistemática negativa ao progresso da suinocultura vem sendo executada desde a muito tempo, resultando melhores preços na entre-safra como estímulo ao produtor e baixa de preços no período da safra. Esta característica desestimulante do mercado provoca a falta de confiança e segurança para dedicar-se à criação de suínos.

É indiscutível que a variável preço é a que mais contribui para o crescimento e decréscimo da disponibilidade de matéria-prima. Esta política indesejável é inconveniente a longo prazo a todas as áreas da suinocultura: produtores, industrialistas, consumidores. Falta de matéria-prima em quantidade e qualidade conveniente, instabilidade nas entradas de matéria-prima na indústria, falta de lucratividade estimula a maior e melhor produção de suínos, instabilidade de preço e de oferta do produto elaborado no mercado consumidor, são consequências desta política.

Em relação à possibilidade de exportação existente atualmente no mercado internacional, a qual permitirá a entrada de necessárias divisas para o país, também é atingida por esta sistemática inconveniente.

O mercado internacional exige quantidade de qualidade que o industrial não pode oferecer de modo constante em contratos que permitam ao importador garantir-se de um fornecimento continuado. Assim sendo, não consegue o exportador firmar contratos convenientes não mantendo o cliente internacional, o qual prefere servir-se de outras fontes de compra, somente aceitando os exportadores nacionais como fornecedores quando as outras fontes estão impossibilitadas de suprir-lhes as necessidades.

Inicialmente, dois mecanismos básicos podem ser colocados em funcionamento, objetivando conduzir a uma nova política no setor: preço suporte para o suíno vivo, e toques regulado-

res de cereais, e, a curto prazo, criar condições que propiciem maior estocagem de carnes suínas.

Bases para estabelecer o preço suporte — O preço suporte deverá basear-se, inicialmente, na classificação do suíno vivo, na tipificação de carcaças e na relação porco/milho.

Classificação do suíno vivo — Sugere-se que, como modalidade de introdução a um sistema mais conveniente de comercialização do suíno, seja adotada uma classificação única do suíno. Classificação esta que deverá caracterizar os dois tipos básicos para a comercialização, a seguir descritos.

Tipo extra — O suíno que apresente características fenotípicas das raças de pelagem branca, tenha um peso vivo entre 90 e 110 kg., bem terminado, com idade menor de 7 meses.

Tipo carne — O suíno de raça pura ou suas cruzas, com peso de 85 a 115 kg, bem terminado, com idade inferior a 7 meses.

O Grupo de Trabalho sugere que, com base na classificação do suíno vivo, o tipo carne seja usado para o preço suporte de comercialização, e, o tipo extra receba 5% de bonificação sobre o preço suporte. Ademais, o Grupo de Trabalho sugere que, quando for viável o uso da tipificação de carcaça para esta finalidade, seja a classificação do suíno vivo abolida.

Tipificação de carcaça — Somente a tipificação de carcaça oferece condições seguras para o pagamento do suíno pela sua real qualidade. Outrossim, enquanto não for instituída a tipificação de carcaças, o G.T. sugere que seja adotada para efeito de bonificação de preço, a carcaça tipo exportação.

Carcaça exportação — Como sendo aquela em que a meia carcaça tenha de 28 a 38 kg e uma espessura máxima de tocinho, em qualquer ponto, inferior a 4 cm. O suíno cuja carcaça esteja dentro dos parâmetros da "carcaça exportação" terá uma bonificação de 10% a mais do preço suporte.

Relação porco/milho — Existe uma relação direta entre o custo do suíno e o preço do milho. Esta relação é reconhecida internacionalmente. Tal relação consiste no valor que permite produzir 100 kg de suínos, seja 10 a 12 vezes o preço do saco de 60 kg de milho.

O Grupo de Trabalho sugere que o preço suporte seja estabelecido com base nesta relação: o preço suporte de 100 kg de suíno deverá ser 10 a 12 vezes maior do que o preço corrente do saco de 60 kg de milho.

Estabelecimento do preço suporte e sua fiscalização — Sugere-se que o CODESU (Conselho de Desenvolvimento da Suinocultura), através da comissão agropecuária recentemente criada pelo governo do Estado, estabeleça periodicamente o preço suporte, dando ampla divulgação da resolução. Que a fiscalização do cumprimento, da divulgação do preço suporte, sejam feitas pelo produtor através dos sindicatos da FETAG e da FARSUL e dos núcleos da ACSURS, entidades estas que se representam no CODESU.

Estoque reguladores de alimentos para suínos — O milho e o cereal básico utilizado na produção de suínos. Há correlação direta das produções e comercializações de ambos. É necessário harmonizar estas duas produções pela utilização de me-

canismos que influam nesta correlação. Para tal, objetivando menores flutuações de preços e harmonização de ambas as produções, o grupo de trabalho sugere que seja formado pelo governo, estoques reguladores. Inicialmente, que sejam criados estoques de milho, farelo de soja e farelo de trigo a serem utilizados pelo suinocultor.

Com estas medidas de parte do governo, cria-se a possibilidade de fornecimento, nos períodos de entre safra, dos produtos

Table with columns for location (Santa Rosa, Erexim, Nova Prata, Passo Fundo, Bento Gonçalves, Santo Ângelo) and grain types (Milho, Farelo soja, Farelo trigo) with corresponding weight ranges in toneladas.

Entidade compradora dos estoques reguladores — O Governo do Estado, através de seus organismos especializados será a entidade compradora. Igualmente, sugere-se que para maior flexibilidade na execução da compra seja a verba destinada a esta finalidade, consignada a órgão da administração indireta que tenha experiência na aquisição de cereais e possibilidade de utilização agíl da mesma. Seja feita de imediato, pelo mesmo, a reserva do espaço para a armazenagem na CESA, de forma a propiciar a introdução deste instrumento ainda em 1976.

Outras entidades compradoras — Além das compras diretas efetuadas pelo governo, poderá o mesmo, através de seus organismos de crédito, estudar a possibilidade de financiamento específico para cooperativas e empresas particulares que trabalhem com suínos. Para tal, as beneficiadas deverão atender na distribuição as normas das entidades credenciadoras dos suinocultores. Tais condições deverão ser estabelecidas previamente, para que seja obtido o crédito especial.

Entidades credenciadoras do suinocultor — Dentro do esquema de distribuição dos alimentos para suínos, estocados neste sistema, a autorização para utilização dos referidos estoques pelos suinocultores, deverá ser feita pelas entidades classistas abaixo discriminadas.

ACSURS: com base nos pedidos dos núcleos de suinocultores a nível regional. FETAG: com base nos pedidos dos sindicatos municipais. FARSUL: com base nos pedidos dos sindicatos municipais.

Forma de distribuição dos estoques reguladores — A res-

ponsabilidade para que os estoques reguladores sejam adquiridos por suinocultores será das entidades credenciadoras em nível estadual: ACSURS, FETAG, FARSUL, que se representam no CODESU. As normas para credenciar o suinocultor serão estabelecidas pelo CODESU.

Considerações gerais — Os referidos estoques não objetivam suprimir toda a necessidade para a produção total de suínos. Principalmente tendo em vista que grande parte do milho utilizado para a produção suína é produzido pelo próprio suinocultor, sendo armazenado a nível de propriedade. Espera-se que as medidas preconizadas sejam o início para incentivar mudanças positivas de procedimento dentro da suinocultura.

Produção e fiscalização de rações — Sugere o grupo de trabalho (G.T.) que sejam colocadas em prática, com urgência, a legislação de rações visando assegurar o controle e garantia de qualidade do produto comercializado.

Financiamento de reprodutores — Sugere o Grupo de Trabalho que seja pleiteado financiamento para aquisição de reprodutores suínos, machos e fêmeas, com os seguintes critérios: financiar somente reprodutores suínos puros de origem e inspecionados; que na comercialização direta de reprodutores, de criador para criador, o teto máximo seja de 400 vezes o preço do quilo do suíno vivo; que na comercialização de reprodutores em exposição e feiras regionais, oficializadas, o teto de financiamento seja 50% acima de 400 vezes o preço de quilo do suíno vivo; que na comercialização de exposições e feiras estaduais, oficializadas, o teto de

financiamento seja 100% acima de 400 vezes o preço do quilo do suíno vivo; que na comercialização de exposições internacionais e importações consideradas oficiais o teto de financiamento seja sem limite.

Normas gerais de financiamento — Que seja criado plano especial de crédito para a suinocultura a exemplo dos planos existentes para a bovinocultura (CONDEPE, PRONAP) visando o desenvolvimento de projetos de produção integrados e de projetos para produtores individuais; alterações na legislação vigente, especialmente quanto aos seguintes itens:

Crédito para investimentos — Financiamento integral dos investimentos; investimentos fixos a serem realizados sirvam como parte das garantias hipotecárias; que haja suplemento de garantias através do FUNGAPEM, a favor do suinocultor carente de garantias próprias suficientes e que aderir ao programa; e que o mesmo agente financeiro ao liberar os recursos para investimentos, também o faça para o custeio; os prazos de investimentos sem fixo tenham dois anos de carência e três anos para amortização.

Crédito para custeio — Para criadores de suínos, o milho, o concentrado e a ração balanceada tenham crédito rotativo; garantir recursos às indústrias integradas no programa para a aquisição de insumos destinados ao fabrico de rações e concentrados.

Créditos especiais - Que sejam concedidos créditos especiais aos criadores que se dediquem especificamente ou a produção de leitões ou fêmeas de primeira geração ou somente de terminados; absorção pelo Estado (FUNDOBEM) dos juros necessários a investimentos do parque industrial, na área de máquinas, para maior industrialização ou na área técnico-sanitária para colocar a indústria em condições de exportação.

Resolução 69 do NCR — Que os recursos bancários provenientes da resolução 69 do NCR tenham um percentual destinado especificamente a suinocultura; que a ração pronta para suínos seja considerada, para efeito de financiamento, como insumo moderno; que sejam facilitados com rapidez os financiamentos para que a utilização dos empréstimos seja obtida em época adequada; quando da implantação de empresas suínas haja carência de dois anos nas amortizações de empresas suínas e constantes de matéria-prima de melhor qualidade para o abastecimento das indústrias de suínos, integradas ao programa; fomentar a especialização na suinocultura: cabanheiros, criadores e terminadores.

Melhoramento do rebanho puro de origem — Intensificar a inspeção zootécnica e o registro de produção nas criações; aumentar o dimensionamento das criações, tornando-as uma empresa especializada no produção de reprodutores; promover a difusão do melhoramento zootécnico através da realização de um maior número de feiras e exposições especializadas e oficializadas pelo governo do Estado; colaborar na implantação da inseminação artificial dando apoio ao convênio entre o Ministério da Agricultura, ABCS e Faculdade de Veterinária da UFRGS, com a finalidade de construção de uma estação de inseminação artificial de suínos em Estrela; promover a importação de reprodutores suínos e sêmen congelado de alto valor genético; maior apoio financeiro às estações de avaliação e teste de suínos de Santa Rosa e Montenegro.

Organização dos produtores — A suinocultura no Rio Grande do Sul é uma exploração típica de pequena propriedade. Assim sendo, essa estrutura de pequena propriedade exige uma organização dos produtores a fim de que muitos problemas de produção e comercialização sejam resolvidos. A solução está em criar nestes produtores um espírito associativo em torno da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul, entidade responsável pelo melhoramento do rebanho suíno, seu registro, controle de produção e certificação, e um espírito cooperativista. Caberá à ACSURS atuar no melhoramento do rebanhosuino através dos seus núcleos regionais e realizando feiras de reprodutores, visando dar a todos os criadores a oportunidade de adquirir reprodutores puros de alto valor zootécnico e inspecionados. Assistência técnica — Uma eficiente assistência técnica é indispensável para a execução do programa "Suínos para Exportação" é necessário para atingir as metas enumeradas. Há necessidade urgente de uma maior integração das entidades interessadas no setor: Secretaria da Agricultura, ACSURS, FETAG, FARSUL, ASBIPS. Há necessidade da criação de novas frentes de trabalho nas zonas de criação como também de melhores condições de trabalho, material e elemento humano para aquelas atualmente existentes.

Reivindicação na área federal — Que o Estado do Rio Grande do Sul reivindique junto aos órgãos federais um programa especial para a suinocultura.

Melhoramento do rebanho suíno — A substituição gradual de suínos de baixa mestiçagem, por animais de raças melhoradas; orientação dos criadores para a produção do porco carne; promoção da transformação de criações tradicionais em empresas rurais que propiciem o aumento da renda e possibilitem a elevação do padrão de vida do suinocultor; criação de condições para o abastecimento normal e constante de matéria-prima de melhor qualidade para o abastecimento das indústrias de suínos, integradas ao programa; fomentar a especialização na suinocultura: cabanheiros, criadores e terminadores.

Melhoramento do rebanho suíno — Intensificar a inspeção zootécnica e o registro de produção nas criações; aumentar o dimensionamento das criações, tornando-as uma empresa especializada no produção de reprodutores; promover a difusão do melhoramento zootécnico através da realização de um maior número de feiras e exposições especializadas e oficializadas pelo governo do Estado; colaborar na implantação da inseminação artificial dando apoio ao convênio entre o Ministério da Agricultura, ABCS e Faculdade de Veterinária da UFRGS, com a finalidade de construção de uma estação de inseminação artificial de suínos em Estrela; promover a importação de reprodutores suínos e sêmen congelado de alto valor genético; maior apoio financeiro às estações de avaliação e teste de suínos de Santa Rosa e Montenegro.

MELHORAMENTO DO REBANHO SUINO

Organização dos produtores — A suinocultura no Rio Grande do Sul é uma exploração típica de pequena propriedade. Assim sendo, essa estrutura de pequena propriedade exige uma organização dos produtores a fim de que muitos problemas de produção e comercialização sejam resolvidos. A solução está em criar nestes produtores um espírito associativo em torno da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul, entidade responsável pelo melhoramento do rebanho suíno, seu registro, controle de produção e certificação, e um espírito cooperativista. Caberá à ACSURS atuar no melhoramento do rebanhosuino através dos seus núcleos regionais e realizando feiras de reprodutores, visando dar a todos os criadores a oportunidade de adquirir reprodutores puros de alto valor zootécnico e inspecionados. Assistência técnica — Uma eficiente assistência técnica é indispensável para a execução do programa "Suínos para Exportação" é necessário para atingir as metas enumeradas. Há necessidade urgente de uma maior integração das entidades interessadas no setor: Secretaria da Agricultura, ACSURS, FETAG, FARSUL, ASBIPS. Há necessidade da criação de novas frentes de trabalho nas zonas de criação como também de melhores condições de trabalho, material e elemento humano para aquelas atualmente existentes.

Reivindicação na área federal — Que o Estado do Rio Grande do Sul reivindique junto aos órgãos federais um programa especial para a suinocultura.

PARQUE INDUSTRIAL

Que seja feito levantamento do Parque Industrial no sentido de constatar quais as indústrias com condições de integrarem o programa "Suínos para Exportação", dar assistência às indústrias que se integrarem no programa, dando prioridade às que realizarem projetos integrados, propiciar assistência tecnológica às empresas que aderirem ao programa e desejarem aperfeiçoar e adaptar suas instalações à exportação; promover condições para a qualificação e preparo de pessoal técnico e administrativo para a indústria suínica.

COMERCIALIZAÇÃO

Comercialização da produção — Uniformizar a classificação do porco de abate; implantar a tipificação de carcaças como norma de comercialização do suíno.

Comercialização dos produtos suínos — Promoção de maior consumo de carnes e produtos suínos; melhorar a apresentação e qualidade dos produtos elaborados; maior integração das indústrias visando o mercado externo.

ÁREAS PRIORITÁRIAS

Inicialmente o programa deverá atuar prioritariamente nas seguintes regiões: Colonial de Santa Rosa (sede: Santa Rosa) : Alecrim,

Boa Vista do Buricá, Campinas das Missões, Cândido Godói, Cerro Largo, Giruá, Guarani das Missões, Horizontina, Independência, Porto Lucena, Porto Xavier, Roque Gonzales, Santa Rosa, Santo Cristo, São Paulo das Missões, Três de Maio, Tucunduva e Tuparendi.

Alto Uruguai (sede: Três Passos); Crissiumal, Humaitá, Tenente Portela, Três Passos, Palmítinho, Caícará, Vicente Dutra, Frederico Westphalen, Erval Seco, Rodeio Bonito, Planalto, Alpestre, Redentora, Santo Augusto, Campo Novo, São Martinho, Coronel Bicaco, Seberi, Braga, Miraguaí e Iraí.

Colonial de Erexim (sede: Erexim): Aratiba, Barão de Cotegipe, Barracão, Cacique Doble, Campinas do Sul, Ciríaco, Erexim, Erval Grande, Gaurama, Getúlio Vargas, Ibiaciá, Itatiba do Sul, Jacutinga, Machadoinho, Marau, Marcelino Ramos, Mariana Moro, Maximiliano de Almeida, Paim Filho, Sananduva, São José do Ouro, São Valentim, Sertão, Severiano de Almeida, Tapejara e Viadutos.

Colonial Alto Taquari (sede: Guaporé): Anta Gorda, Arvorezinha, Casca, Davi Canabarro, Fontoura Xavier, Guaporé, Ilópolis, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Prata, Paraí, Putinga, Serafina Corrêa e Ibiraiaras.

Colonial Baixo Taquari (sede: Estrela): Arroio do Meio, Bom Retiro do Sul, Encantado, Estrela, Lajeado, Muçum, Nova Brésia, Rocas Sales, Venâncio Aires, Barra Cassal, Vera Cruz e Santa Cruz do Sul.

PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DA EXECUÇÃO O programa "Suínos para Exportação" será coordenado pelo Conselho de Desenvolvimento da Suinocultura (CODESUL), através de uma comissão executiva formada por um representante de cada uma das seguintes entidades: Secretaria da Agricultura, ACSURS, FETAG, FARSUL, ASBIPS. Caberá à comissão executiva a escolha de um executor, sediado numa das zonas prioritárias. Haverá tantos executores regionais quantas regiões prioritárias forem incluídas no programa. Inicialmente serão executados conforme as cinco áreas prioritárias acima estabelecidas.

RECURSOS FINANCEIROS O governo do Estado colocará à disposição do programa "Suínos para Exportação" através do CODESU os recursos para a implantação do programa. A aplicação do montante do recurso financeiro destinado ao programa será feito por intermédio do projetos estudados pela comissão executiva e aprovados pelo CODESU.

SUMÁRIO

O programa "Suínos para Exportação" visa a promoção do porco carne, tendo como meta o aumento das exportações de carcaças. Para tanto é previsto a curto prazo o melhoramento do rebanho suíno; o aumento dos animais registrados no PBB, aumento de produtividade e desfrute do rebanho, esperando-se, já para o corrente ano, a conquista do mercado externo.

Organização dos produtores — A suinocultura no Rio Grande do Sul é uma exploração típica de pequena propriedade. Assim sendo, essa estrutura de pequena propriedade exige uma organização dos produtores a fim de que muitos problemas de produção e comercialização sejam resolvidos. A solução está em criar nestes produtores um espírito associativo em torno da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul, entidade responsável pelo melhoramento do rebanho suíno, seu registro, controle de produção e certificação, e um espírito cooperativista. Caberá à ACSURS atuar no melhoramento do rebanhosuino através dos seus núcleos regionais e realizando feiras de reprodutores, visando dar a todos os criadores a oportunidade de adquirir reprodutores puros de alto valor zootécnico e inspecionados. Assistência técnica — Uma eficiente assistência técnica é indispensável para a execução do programa "Suínos para Exportação" é necessário para atingir as metas enumeradas. Há necessidade urgente de uma maior integração das entidades interessadas no setor: Secretaria da Agricultura, ACSURS, FETAG, FARSUL, ASBIPS. Há necessidade da criação de novas frentes de trabalho nas zonas de criação como também de melhores condições de trabalho, material e elemento humano para aquelas atualmente existentes.

Reivindicação na área federal — Que o Estado do Rio Grande do Sul reivindique junto aos órgãos federais um programa especial para a suinocultura.

PARQUE INDUSTRIAL

Que seja feito levantamento do Parque Industrial no sentido de constatar quais as indústrias com condições de integrarem o programa "Suínos para Exportação", dar assistência às indústrias que se integrarem no programa, dando prioridade às que realizarem projetos integrados, propiciar assistência tecnológica às empresas que aderirem ao programa e desejarem aperfeiçoar e adaptar suas instalações à exportação; promover condições para a qualificação e preparo de pessoal técnico e administrativo para a indústria suínica.

COMERCIALIZAÇÃO

Comercialização da produção — Uniformizar a classificação do porco de abate; implantar a tipificação de carcaças como norma de comercialização do suíno.

Comercialização dos produtos suínos — Promoção de maior consumo de carnes e produtos suínos; melhorar a apresentação e qualidade dos produtos elaborados; maior integração das indústrias visando o mercado externo.

ÁREAS PRIORITÁRIAS

Inicialmente o programa deverá atuar prioritariamente nas seguintes regiões: Colonial de Santa Rosa (sede: Santa Rosa) : Alecrim,

TENENTE PORTELA

CAMPANHA PLANTE ÁRVORES



Numa promoção da Rádio Municipal de Tenente Portela e com a colaboração da COTRIJUI, foi lançada aqui a 17 último, a campanha "Plante Árvores". No dia do lançamento da campanha foram adquiridas 1.500 mudas de essenciais vegetais nativas, cultivadas no viveiro

de mudas da reserva florestal do Turvo, ao preço de um cruzeiro a unidade. Ficaram registrados 5.000 pedidos para entrega futura, pois as mudas colocadas à venda foram todas adquiridas. Em frente a Rádio Municipal foi cultivada uma timbaúva, árvore nativa, ornamental e de

sombra, simbolizando a campanha lançada pela emissora e que pretende reflorestar todo o município.

Estiveram presentes ao ato, que foi totalmente irradiado pela Municipal, além de grande público, o prefeito Israel Capelari; o juiz de Direito, bacharel

Almendorindo Furtado; o secretário de Educação do Município, sr. Renato Roque Ruschel; o diretor da emissora, sr. Breno Becker e o eng. agr. Enio Hamilton Siqueira, diretor técnico da COTRIJUI no município, além de outras autoridades.

Falaram na ocasião, enalte-

cendo o ato, o prefeito Israel Capelari, o juiz Almendorindo Furtado, o diretor da rádio, Breno Becker e o eng. agr. Enio Siqueira. Além de um público constituído por agricultores, estiveram presentes também professores e alunos do Colégio Estadual de Tenente Portela.

SANTA ROSA

CCECAU EXAMINOU EDUCAÇÃO

O Centro de Comunicação e Educação da Região do Alto Uruguai, CCECAU, reuniu-se em Santa Rosa no último dia 24, para debater assuntos referentes a área específica de comunicação e educação cooperativistas. Estiveram presentes ao encontro de Santa Rosa, além da FECOTRI-

GO, INCRA e FIDENE de Ijuí, as seguintes cooperativas; COTRIPAL, COTRIJUI, COTRICRUZ, Mista São Luiz, COTAP, COTRIMAIO, COTRIFRED, CONTUL, COTRISA e COPALMA, além da cooperativa anfitriã, a COTRIROSA.

Participou como visitante

o professor Rafael Carbonell, que veio de São Leopoldo onde deu aulas num curso de pós-graduação em cooperativismo, na UNISINOS. Falando aos participantes do encontro do CCECAU disse o professor Rafael Carbonell, que é de nacionalidade espanhola, que o trabalho que

vem sendo realizado pelo órgão de comunicação e educação das cooperativas da região, é uma verdadeira universidade popular.

Dirigentes da COTRIROSA, a cooperativa que sediou a reunião, apresentaram um relatório histórico de suas atividades.

O próximo encontro do CCECAU será em Ijuí, de 15 a 17 de dezembro próximo vindouro, em dependências da FIDENE. No encontro de dezembro será feito um levantamento das realizações até aqui e será traçado um esquema de atuação do CCECAU.

ERECHIM

VI ENESCOOP: CONFRATERNIZAÇÃO
ESPORTIVO-COOPERATISTA

Erechim patrocinou o 6º Encontro Estadual de Cooperativas - 6º ENESCOOP - através da co-irmã Cooperativa Tritícola Erechim Ltda, COTREL, no período de 24 a 26 de setembro que passou.

Um total de 35 cooperativas procedentes das regiões Planalto Médio, Campanha, Missões, Médio Uruguai e Serra, transformou a bonita capital do Alto Uruguai num grande centro de confraternização cooperativista, onde o esporte e encontros sociais predominaram por tres dias.

A COTRIJUI esteve presente através da Associação dos Funcionários - AFUCOTRI -

que participou dos jogos de futebol de salão, classificando-se em quarto lugar na contagem geral. Na categoria futebol de salão a grande vencedora foi a Associação dos Funcionários da COTRISA, do vizinho município de Santo Ângelo, que foi seguida de São Borja, Ijuí e Erechim.

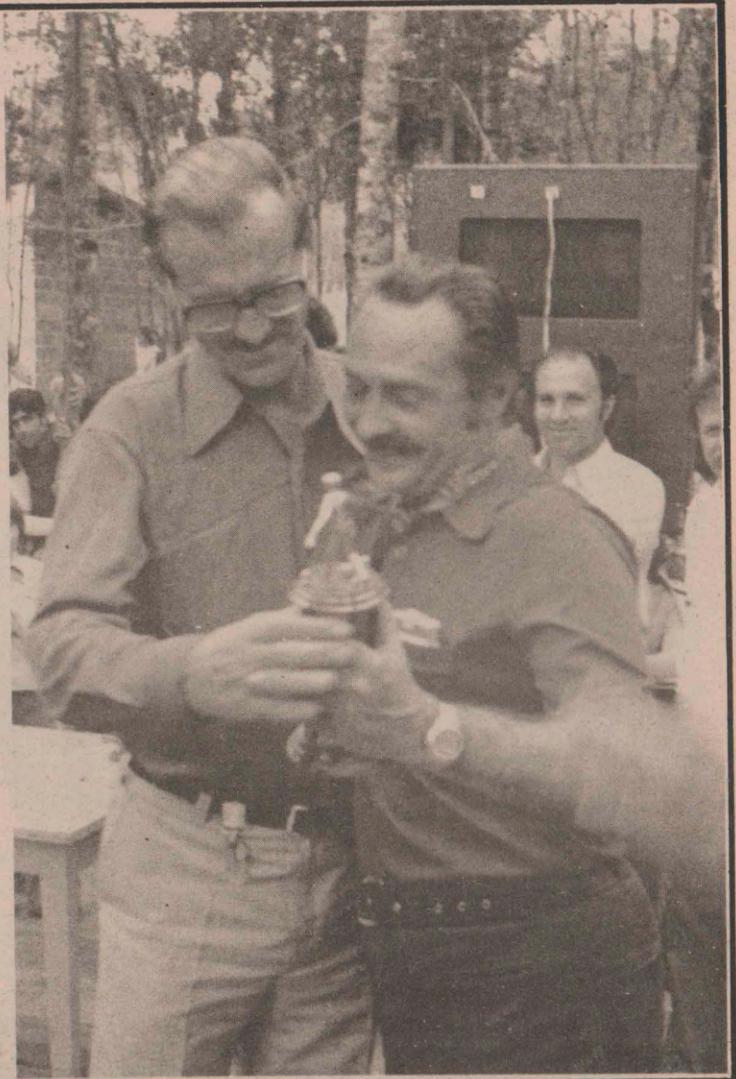
As demais categorias disputadas - ping-pong e bolão - tiveram como vencedoras as representações de Carazinho e Campo Novo.

A entrega dos troféus aos vencedores das diversas categorias esportivas ocorreu no dia 26, domingo, na sede campestre da COTREL, após um grande churrasco servido ao ar livre, com o

comparecimento de mais de 500 pessoas.

A parte social do 6º ENESCOOP também foi bastante movimentada. Na noite de 25, durante grande baile, foram escolhidas rainhas e princesas do Encontro. As escolhidas foram: rainha, a representante da COTRI-PAL, do município de Panambi, classificando-se como primeira princesa a srta. Vera Spohr, da COTRIJUI.

Na foto ao lado o representante da COTRIJUI e vice-presidente da AFUCOTRI, sr. Rui Michel, quando recebia das mãos do presidente da COTREL, sr. Ernesto Amaral, o troféu a que fez juz a Associação dos Funcionários da COTRIJUI.



SANTO AUGUSTO

CHURRASCO HOMENAGEM A BANCÁRIOS

A unidade COTRIJUI de Santo Augusto promoveu na noite de 23 último, tendo por local o CTG Pompílio Silva, um encontro de confraternização seguido de churrasco, ao qual com-

pareceram funcionários bancários de todos os estabelecimentos com agências sediadas no município.

Compareceram ao churrasco de confraternização, organiza-

do sob a chefia do sr. José Constantino Dalmás, gerente da COTRIJUI em Santo Augusto, o prefeito municipal, sr. Carlos Alberto Castagna; os juizes de direito, bacharéis Heitor Assis Re-

monti e Luiz Matias Flach; o diretor de obras do município, sr. Celso Bolivar Sperotto; o delegado de Polícia, sr. Aristóteles Jorge Bridi. Representaram a COTRIJUI no encontro, além

do gerente José C. Dalmás e o diretor técnico, eng. agr. Realdo Cervi, o sr. Euclides Casagrande, diretor de operações; o chefe do departamento de crédito, sr. Aramis Umberto J. Baptista.

TRÊS PASSOS

II FEIRA AGROPECUÁRIA-FEICAP

Realiza-se em Tres Passos, de 9 a 17 de outubro corrente, a 23ª Exposição Estadual de Suínos, 2ª Exposição de Gado Leiteiro e 2ª Exposição Filatélica de Tres Passos, tudo dentro da programação da II FEICAP.

A Comissão Central da Feira, integrada por representantes de todas as classes sociais e econômicas de Tres Passos, está convidando os empresários de

todo o país a participarem da promoção.

A Região Ceileiro, cujo centro geográfico é Tres Passos, compoe-se de 13 municípios.

Para a II FEICAP a Comissão Central oferece pavilhão de exposições para indústria e comércio com 2.100 metros quadrados de área, dotado de todas as instalações. A área externa tem cerca de 10.000 metros qua-

drados para exposição de máquinas e implementos agrícolas, veículos e equipamentos.

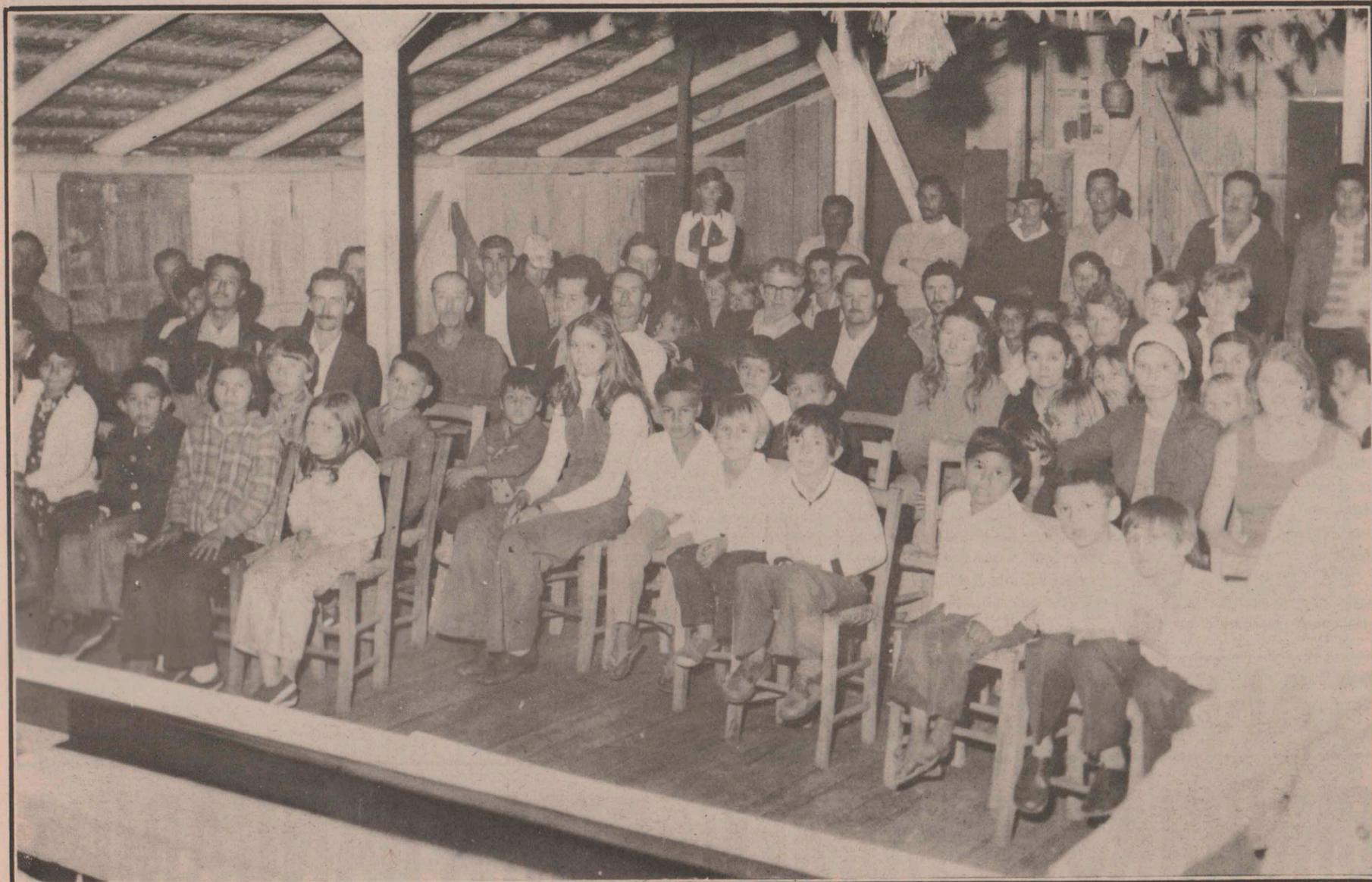
Estão montados 85 estandes. Ao todo são dois pavilhões de suínos, com exemplares de todas as raças criadas no Estado e dois pavilhões de gado leiteiro.

Para recreação do público, parque de diversões, restaurante, bares, estando programados bailes e espetáculos artísticos.



MIRAGUAI

SEMANA DE PROMOÇÃO RURAL



Realizou-se em Miraguai, de 7 a 13 de agosto, uma Promoção Rural promovida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O encontro promoveu palestras para associados e interessados em geral, cujo roteiro foi o seguinte:

Dia 10, em Sítio Gabriel e Bela Vista; dia 11 em Lajeado

Graxa e Água Fria; dia 12 em Esquina Ouro e Coxilha Ouro e dia 13 na sede e em Colonia Nova.

Participaram como palestrantes o sr. Edwino Werlang, assessor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura - FETAG; o sr. Canisio Weschenfelder, presidente do Sindicato dos

Trabalhadores Rurais de Humaitá; Ricardo Ferreto, do Convênio COTRIJUI/FIDENE, em Tenente Portela e o eng. agr. Enio H Siqueira, técnico da COTRIJUI em Tenente Portela.

Tomaram parte ainda, pelo sindicato organizador, os srs. Aldomiro Antonio da Silva, presi-

dente; João Albino Lopes, tesoureiro; Amélio Hermann e Lauro Petry, ambos do conselho fiscal.

A média do comparecimento por reunião foi de 150 pessoas, entre agricultores e familiares, o que atesta o interesse despertado pelo encontro. Foram tratados assuntos relaciona-

dos com associativismo, família, razões do êxodo rural, técnicas agrícolas, diversificação de culturas: soja, milho feijão preto e suinocultura. Na foto vista parcial do público presente a uma reunião, com destaque para as crianças que vão despertando para o cooperativismo desde cedo.

CHIAPETTA

ENCONTRO DE SINDICALISMO COMUNITÁRIO

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul - FETAG e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chiapetta promoveram neste município, de 9 a 11 de setembro, um encontro de trabalhadores rurais.

O temário do encontro versou sobre sindicalismo e associativismo, valor social do trabalho, organização comunitária familiar e assuntos de tecnologia agrícola em geral.

As reuniões, sempre com grande número de interessados,

realizaram-se nas localidades de Faxinal, na escola rural São Judas Tadeu; escola rural As Brancas; no CTG de Vila Nova, Rincão dos Estrada, Linha Iracema, Linha Modesta.

Participaram como conferencistas o assessor sindical da

FETAG, sr. Edvino Werlang; eng. agr. Tânio José Bandeira, da COTRIJUI; Carlos Carlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí e os técnicos agrícolas da COTRIJUI, Jandir Cabral e Romeu Rohde.

Participaram dos trabalhos

os seguintes membros da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chiapetta: Antoninho Boiaski Lopes, presidente; Eduardo Mattioni, secretário; Alfredo Blass, tesoureiro e os membros do conselho fiscal, Mariano Lisbinski e Gentil Ferrazza.

A SOJA NA ALIMENTAÇÃO HUMANA NO BRASIL

A professora Noemi Friederichs, responsável pelo setor de economia doméstica da COTRIJUI, esteve fazendo estágio em sua especialidade em Campinas, na Universidade Estadual UNICAMP e em Brasília, no Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição - INAN. O estágio entre Campinas e Brasília durou de 23 de agosto a dois de setembro, tendo a professora Noemi regressado entusiasmada com o que lhe foi dado observar em relação aos avanços tecnológicos no setor da soja para alimentação direta.

Ao elaborar o relatório de seu estágio, do qual damos resumo neste espaço, a professora ressaltou que a soja está presente na alimentação de estudan-

tes, inclusive universitários, tanto em São Paulo, como na Capital da República, elaborada de variadas maneiras, mas sempre consumida com o agrado do paladar. Ela conta que observou numa creche no município de Valinhos, região de Campinas, onde crianças com idades variáveis de 1 a 7 anos consomem soja na proporção 50% e mais 50% feijão rosinha.

No restaurante universitário da UNICAMP, em Campinas, também o feijão é na proporção de 50% para a soja.

Ela teve oportunidade de visitar a área do projeto na parte laboratorial propriamente dita, onde verificou os variados testes de aproveitamen-

to a que é submetida a soja bem como outros vegetais. Da mesma forma, ficou impressionada com os recursos financeiros e tecnológicos dedicados à pesquisa de alimentação em Campinas.

Seu estágio, na área da UNICAMP, foi orientado pelas professoras Maria Amélia Moraes e Ruth dos Santos Garruti. Em Brasília os contatos foram através dos professores Osmar G. Reis, João Sandolim, professor Vivacqua, da Universidade Federal e dr. Antonio Oswaldo, responsável pelo projeto PNS (Plano Nacional de Saúde).

Nas próximas edições do COTRIJORNAL a professora Noemi Friederichs irá comentando nesta seção as experiências no estágio.

COMO TIRAR MANCHAS DE ROUPAS

Quando uma roupa mancha, não é o caso de encostá-la como inutilizada. Com cuidado, qualquer mancha pode ser retirada facilmente. As formas mais comuns de retirar manchas são estas:

ALCATRÃO, piche - Embeber a mancha com um pouco de manteiga ou gordura para amolecê-la. Depois de retirado o excesso com uma faca ou espátula, limpar com benzina ou terebintina.

ANILINAS - Se o tecido foi linho ou algodão, basta estendê-lo e colocar água fervente sobre a mancha. Em tecidos de lã ou seda, molha-los com uma esponja umedecida em água morna. Depois pingar álcool e algumas gotas de ácido clorídrico. Se não der resultado, umedecer a mancha

com água oxigenada (10 volumes), misturada em quantidade igual de amoníaco diluído em água. Nos dois casos, enxaguar bem, em seguida.

BATOM - Esfregar a mancha em um pano molhado em éter.

BETERRABA - Mergulhar o tecido manchado em água com algumas gotas de amoníaco. Em seguida lavar normalmente.

CHÁ - Esfregar a mancha com glicerina e lavar o tecido com água e amoníaco. Manchas mais antigas desaparecem com suco de limão.

CHOCOLATE - Não usar sabão, que poderia fixar a mancha. Estender o tecido e colocar água fervente na mancha. Se ela for antiga, não usar água fervente, mas passar um

pouco de glicerina e depois água fria e álcool em igual quantidade.

FERRUGEM - Em roupa branca ou de cores firmes: pingar suco de limão sobre a mancha e estender ao sol até secar. Lavar em seguida.

FRUTAS E VINHO - Se o tecido for de cor, pingar gotas de limão sobre a mancha e lavar em seguida. Se for branco, molhar a mancha com água oxigenada (10 volumes) e pingar amoníaco, gota a gota.

GORDURA - Cincundar a mancha com benzina e cobri-la com sabão seco. Com um pano branco ou da mesma cor, esfregar o sabão, em círculos, em direção ao centro, para evitar que a mancha se espalhe.

LICORES - Como o principal in-

grediente dos licores é o açúcar, basta elimina-lo com água morna e tirar o restante com álcool.

MOLHO DE TOMATE - Manchas recentes saem com água quente e gotas de amoníaco; manchas mais antigas, com água oxigenada (10 volumes) misturadas com amoníaco.

OVO - Nas manchas de clara, usar somente água fria, porque a quente fixa a mancha. A gema mais difícil de tirar, sai com água fria, sabão neutro e amoníaco.

SANGUE - Tirar a mancha com água fria, pingar água oxigenada e enxaguar.

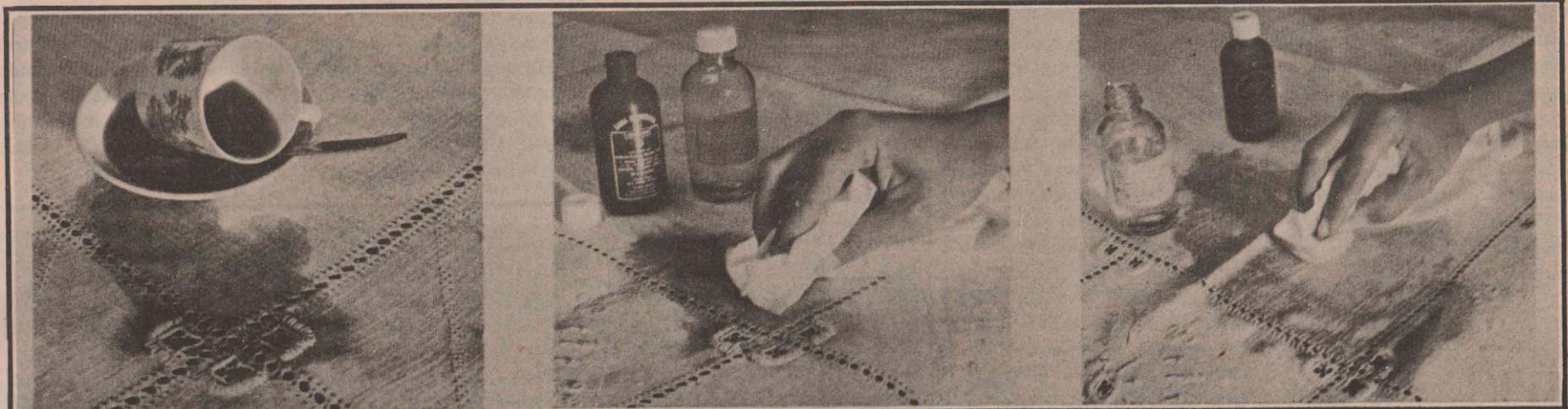
SUOR - Esfregar com água e algumas gotas de amoníaco. Depois lavar toda a peça com água fria.

TINTA DE ESCREVER - Pingar álcool ou leite sobre a mancha e lavar se o tecido for grosso. Em lãs e sedas, pingar suco de limão.

TINTA A ÓLEO - Esfregar levemente com essência de terebintina.

VELA - Raspar o pingo com uma faca. Colocar a mancha entre dois pedaços de mata-borrão ou papel de seda e passar a ferro até desaparecer. Ao retirar-se qualquer mancha e esta sair deixando um círculo em volta deve-se pulverizar talco e depois escovar.

CAFÉ - Para tirar manchas de café, basta seguir as instruções contidas nas fotos abaixo. Baseado na Enciclopédia da Mulber, volume 2, da Editora Abril Cultural.



ASSADO DE SOJA

INGREDIENTES: 3 xíc. de soja cozida e amassada ou os resíduos da extração do leite - 1 cebola média - 250 grs de tomate - 1 xíc. de farinha de trigo - 2 ovos - sal e alho a gosto - cheiro verde, salsa, louro picadinho (2 folhas) 1 xíc. de queijo ralado - 1 xíc. de farinha de rósca. 2 colheres (de sopa) de óleo.

Refogar a cebola e os tomates picadinhos. Juntar em seguida os outros ingredientes, colocar em uma fôrma untada, enfeitando com rodela de tomate, pincelar com gema de ovos. Assar no forno quente.

SOPA DE SOJA

INGREDIENTES: 4 batatas de tamanho médio - 1 litro de água - 1 cenoura - 50 grs. de queijo - salsa - cebolinha verde, alho e sal, 1 colher de farinha de soja torrada - 1 colher de aveia - 1 colherinha de manteiga - 1 tomate. Cozinhe as batatas na água. Passe-as no liquidificador ou passe por peneira. Adicione o queijo, a farinha de soja e os tempêros, inclusive a água onde se cozinhou as batatas. Se as batatas forem passadas por peneira, devem ser levadas ao fogo por mais 15 minutos, para que sejam servidas quentes.

QUE SABE VOCÊ SOBRE "VOTO DE CABRESTO?"

Exceção feita a Getúlio Vargas, nenhum outro presidente brasileiro, durante todo o período republicano, marcou a sua presença a frente dos destinos da nação como Arthur da Silva Bernardes, um mineiro de Viçosa, de origem rural e cujos ancestrais não possuíam nenhuma tradição política. Foi, por assim dizer, o roceiro que mais medidas recebeu de uma classe política praticamente contemporânea ao Império e de uma sociedade que suspirava a saudade dos bailes na Côrte.

A História plasmou em seus anais a trajetória desse presidente austero, que governou sob eterno estado de sitio, sufocando esboços de revolta; fortalecendo o coronelismo e, através deste, o chamado voto de cabresto.

Foi um nacionalista na completa acepção do vocábulo. Nacionalista antes da Presidência durante a Presidência e após a ela, quando já beirando os 80 anos de idade bateu-se pelo monopólio estatal do petróleo, ou seja, a PETROBRAS.

Esta reportagem é uma tentativa de análise do homem, do cidadão e do estadista, no esboço da síntese permitida pelo espaço.

Arthur Bernardes nasceu de uma família próspera economicamente, porém, obscura. E não fora o fato de ter casado com moça herdeira de dotes políticos — os Vaz de Melo, que mandavam em Viçosa — e Arthur Bernardes talvez não ultrapassasse os limites, já de si honrosos, de ser um talentoso advogado.

Depois de ter conhecido a severa disciplina do Colégio Caraça e estudado algum tempo em Ouro Preto, formou-se em direito pela Faculdade de São Paulo, a já então famosa "Arcada", do largo do São Francisco. Contava, ao formar-se, 25 anos.

Durante o estudantado revelou-se orador de méritos. De tal sorte que, ao retornar para Viçosa e apaixonar-se por Clélia Vaz de Melo, filha de Carlos Vaz de Melo, várias vezes deputado-geral do Império e principal chefe político de Viçosa, viu traçado seu destino.

Sua trajetória política foi fulminante, quase meteórica. Vereador, em seguida presidente da Câmara, deputado estadual em 1907, federal em 1909, Secretário da Fazenda de Minas Gerais de 1910 a janeiro de 1915 quando assume uma cadeira na Câmara Federal. Recebera do sogro o primeiro impulso, mas logo abriu caminho e adquiriu prestígio pelo próprio talento e esforço. Em 1917 elegeu-se Presidente do Estado de Minas Gerais.

Antes de passarmos à fase seguinte de Arthur Bernardes, que foi a Presidência da República, vejamos o por quê de seu nacionalismo antes da Presidência, conforme foi ressaltado linhas antes.

Segundo relata Grandes Personagens da Nossa História, da Editora Abril Cultural, enquanto Bernardes ia-se firmando no Governo mineiro e submetendo seus opositores, Epitácio Pessoa, na Presidência da República, aceitava as propostas de Percival Farquhar, testa de ferro da Itabira Iron Ore, para a exploração do ferro brasileiro. Divulgados os termos do acordo, a opinião pública atemorizou-se: a Itabira iria possuir estradas de ferro e portos privativos além de ser dispensada do pagamento de impostos de importação durante 60 anos. Não se obrigava a utilizar matéria-primas nacionais, nem mesmo o carvão, que seria trazido da Inglaterra. Teria concessão sobre as jazidas de ferro de Minas Gerais sem pagamento aos cofres do Tesouro. Enfim, o Governo estava dando a Itabira Iron Ore o direito de retirar do país as reservas de ferro sem que o Brasil lucrasse coisa alguma, exceto o salário de três mil réis por dia que seria pago aos operários.

O Tribunal de Contas da União negou registro ao contrato entreguista, considerando-o altamente lesivo à nação. Mas Epitácio ignorou a decisão do Judiciário.

Com a grande força política do país — os cafeicultores — desinteressada do problema, que não lhe dizia respeito direto, julgava-se o presidente Epitácio

com força suficiente para passar por cima dos tribunais e fazer valer o seu entreguismo. E teria conseguido, não fora o nacionalismo de Arthur Bernardes.

É que para ser válido, o contrato da Itabira necessitava da aprovação do Estado em que se localizavam as jazidas: Minas Gerais. E Bernardes recusou.

No futuro, ele teria oportunidades de voltar a provar seu patriotismo. E o fez quando, já octogenário, simples deputado por Minas Gerais, bateu-se pela Lei 2004, que criou a PETROBRÁS. Que a nação jamais esqueça esse gesto.

Mas voltemos ao Arthur Bernardes político.

Eleito presidente da República, após um pleito que se processou violento, com cartas apócrifas, muitas prisões e quebra-quebra, assumiu o Governo a 15 de novembro de 1922, já sob estado de sitio decretado pelo Congresso.

Os inimigos ou pretensos inimigos políticos eram presos e desterrados para a Amazônia; os militares remanejados, passa-

vam a servir nas unidades mais longínquas. As tentativas de revoluções se sucediam. No segundo aniversário da revolta de Copacabana, eclodiu uma revolta em São Paulo, sob a chefia do general Isidoro Dias Lopes. Após 20 dias de combates, convencidos da derrota iminente, retiraram-se para o interior do Estado e em seguida para o Paraná.

A 29 de outubro, nova revolta, desta vez no Rio Grande do Sul. Era a Coluna Prestes, que atravessou o país, desfazendo-se na Bolívia, dois anos depois.

A 15 de novembro de 1926, após quatro anos de constante estado de sitio, Arthur da Silva Bernardes entregava o Governo para um paulista, o sr. Washington Luis Pereira de Souza. A chamada República Velha marchava para o seu fim: pois foi durante o Governo Washington Luis que se passou a proclamar a frase: "Se as urnas mentem, que em seu lugar falem as armas". Eram os preparativos para a Revolução de 30, que eclodiria a 3 de outubro do citado ano, sob a chefia do sr. Getúlio Dornelles Vargas.

Bernardes participa da Aliança Liberal em 1930. Mas dois anos depois adere à Revolução Constitucionalista de São Paulo. É preso, exilado para Portugal, com os direitos políticos suspensos por três anos. Retorna à vida política em 1934, na presidência do Partido Republicano Mineiro. Em 1935 elegeu-se deputado federal. Em 1937, com o advento do Estado Novo, perde o mandato. Em 1943, é um dos signatários do Manifesto dos Mineiros, pela

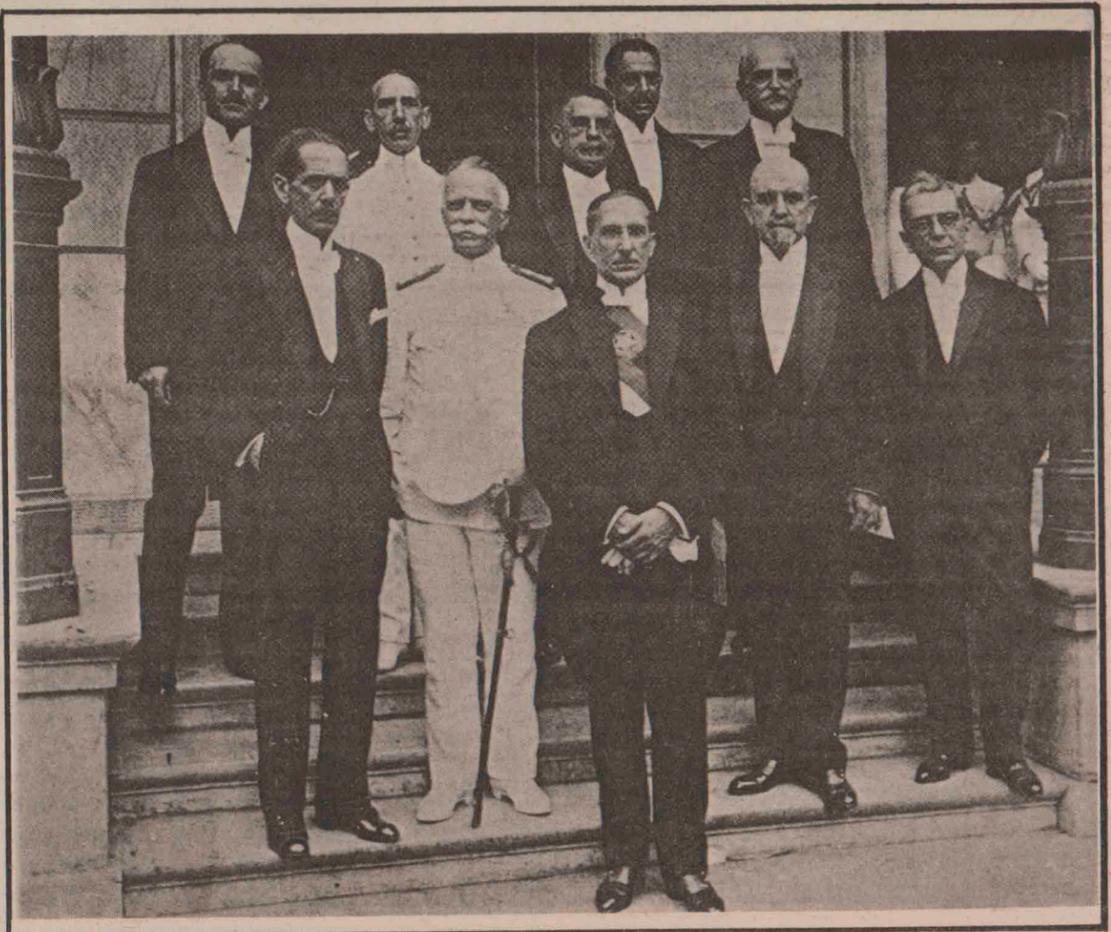
redemocratização do país.

Em 1946 participa da Assembleia Constituinte. Em 1950 não consegue eleger-se deputado, ficando numa suplência. Mas em 1954 é eleito com sobras, e passa a atuar intensamente na campanha nacionalista do petróleo. No mesmo período luta tenazmente contra o projeto do Instituto da Hiléia Amazônica, que nada mais era do que a tentativa de grupos econômicos norte-americanos para internacionalizar aquela região brasileira.

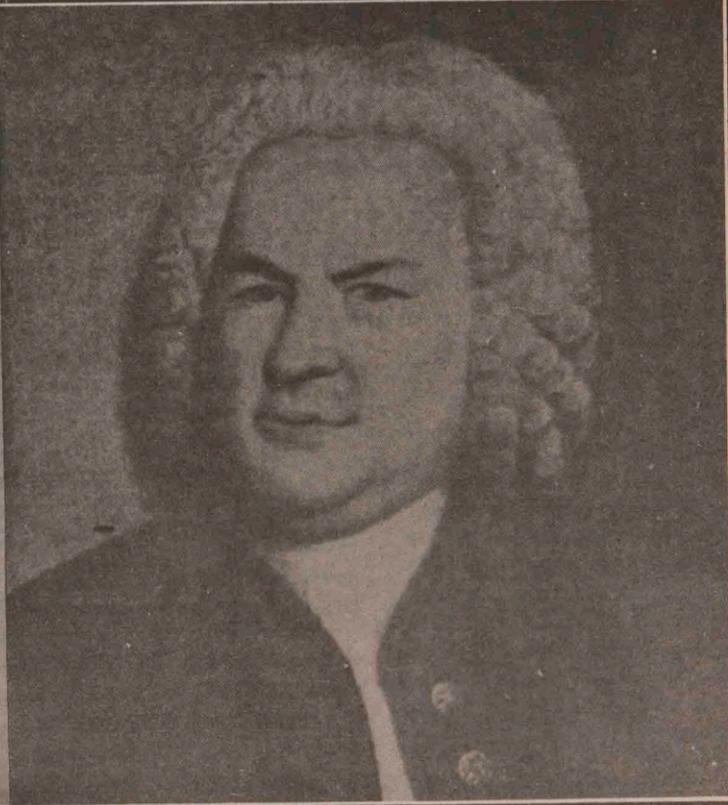
Arthur da Silva Bernardes faleceu no Rio de Janeiro, a 23 de março de 1955.

A política ao tempo de Arthur Bernardes, sistema que persistiu até a Revolução de 30, era um "negócio" de família. Na sede das fazendas, nos casarões dos povoados, reuniam-se os grandes proprietários de terra, os donos de engenho, plantadores de café, de cacau, o advogado, o médico e o padre do lugar. Eles eram a Câmara Municipal e o Prefeito, o deputado: todos juntos formavam o partido.

Fora desse grupo não havia carreira política possível. Os proprietários de terra controlavam os votos dos trabalhadores semi-alfabetizados de seus domínios. Em dias de "eleições" carregavam-nos até aos postos de voto e indicavam-lhes os nomes que deviam assinalar. O voto era público. Mesmo que um operário fosse suficientemente lúcido para votar contra o Governo não o faria, pois na certa sofreria teríveis represálias. Chamava-se a isso, voto de cabresto.



Arthur Bernardes ao tomar posse.



BACH, UM NOME QUE SIMBOLIZA MÚSICA

A maioria dos compositores célebres distinguiram-se por esta ou aquela ópera; esta ou aquela sinfonia, prelúdio ou cantata. Por exemplo: Bizet lembra Carmen; Mascagni, a Cavalaria Rusticana; Rossini, o Barbeiro de Sevilha; Beethoven, a Nona Sinfonia; Borodin, o Príncipe Igor; Mozart, as Sinfonias 40 e 41 (sendo esta última cognominada a Júpiter); Gounod e Schubert, as Ave-Marias. Até mesmo os clássicos nacionais não conseguiram fugir a essa regra. Quem não associa instantaneamente ao nome de Carlos Gomes a ópera O Guarany e a Villa-Lobos, as Bacchianas Brasileiras? Pois com Bach é diferente. Duvidamos que alguém, por

mais erudito em música clássica, consiga provar o surgimento maior desse genial alemão num ou outro concerto, coral, ou minueto. Integralmente privilegiado, dá-nos a impressão que o cérebro de Bach foi criado para captar e harmonizar sons, o que fez com excepcional mestria durante a maior parte da vida. A totalidade de sua obra é harmônica, parelha, maciça. São salmos, antífonas, motetes, oratórios, concertos, sonatas, sinfonias, e em todos esses gêneros, o vestígio inigualável de seu gênio. Com Bach, jamais se poderá prescindir de seu nome. Bach, é Bach, é sinônimo de música.

Podemos dizer: vou à ópera, hoje dá Rigoletto. Mas quan-

do o programa inclui Bach, este nome não pode ser omitido. A imponência, a majestosidade gradual do seu nome, foi imposta por uma obra apoteótica que somou em relação ao nome de seu criador. Se a obra bacchiana é um todo monolítico que se eternizou no mundo do clássico, a própria obra não conseguiu e nunca conseguirá sobressair-se ao mestre.

Johann Sebastian Bach nasceu na Turingia, o coração alegre da Alemanha, a 21 de março de 1685. Nasceu de uma família de músicos. Seu pai, João Ambrósio Bach, era maestro da orquestra da igreja local.

Mas João Sebastião sofre o golpe de perder os pais quando ainda não completara 10 anos de idade. E teve que enfrentar a vida. Recolhido pelo irmão mais velho, João Cristóvão, organista em Ohrdruf, tem a felici-

dade de receber além da alimentação e vestuário, os rudimentos de uma educação musical. O jovem órfão, que tem uma sede insaciável de música, aprende composição e execução em órgão, cravo e violino. Mas não se satisfaz. Copia de noite, à luz da lua, para exercitar-se.

Aos 15 anos, Bach tem uma boa voz. Seu primeiro trabalho foi cantar no coro da igreja de São Miguel, na cidade de Lüneburg. Esse primeiro trabalho, é pela troca do sustento. Mas assim, pelo menos, ele deixa de ser pesado ao irmão, onde o pão era escasso.

No ano de 1703, contando 18 anos, figura na orquestra da corte de Weiner, como violonista. A seguir, a história assinala-o como organista em Armstadt. Em 1707 desempenha o mesmo cargo na igreja de São Braz. Casa nesse mesmo ano e é

elevado à categoria de "maestro". A partir daí, não para mais de tocar e compor.

Suas obras se sucedem; uma melhor do que a outra.

Mas, conforme acontece com a imensa maioria dos grandes vultos da humanidade, seu sucesso como compositor é lento. Praticamente Bach passou a vida sem gozar o bafejo da glória pública. Ao morrer, a 30 de julho de 1750, seus contemporâneos não chegaram a se aparecer que tinha desaparecido um gênio. Cabe a Mozart a glória de ter promovido movimento em favor da obra bacchiana, isso já no final do século XVIII. Em 1788 o autor da Júpiter ouviu um motete de igreja. Recebeu tão forte impressão que exclamou: "Por fim, ouço algo divino e aprendo algo novo". Este "algo novo" era de Bach, e datava de 70 anos atrás.

O HOMEM DO AMENDOIM

Raul QUEVEDO

Os jornais têm apresentado o candidato democrata ao governo dos Estados Unidos, sr. Jimmy Carter, como o homem do amendoim. Os diários que circulam a 1º de outubro chegaram a estampar uma foto do candidato tendo envolto ao pescoço um colar feito com aquela leguminosa.

Antes de tudo, é importante ressaltar que o sr. Jimmy Carter é fazendeiro no estado da Georgia, tendo como o produto principal, na propriedade, o amendoim.

A insistência com que a imprensa brasileira vem apresentando essa realidade do candidato, abastecida que é pelas agências noticiosas de dentro dos Estados Unidos, poderá dar a im-

pressão ao leitor que aja na América do Norte qualquer tentativa no sentido de deslustrar a figura pública do candidato, dando-o como simples e rude agricultor e, portanto, não habilitado para o cargo de Presidente dos Estados Unidos.

Na verdade não é nada disso. E bem ao contrário. A agricultura e seus símbolos, nos Estados Unidos, está presente no contexto da vida nacional de forma marcante e altamente respeitável. Mas não só a agricultura, também a pecuária e a ecologia em geral, recebem do povo norte-americano um respeito e proteção de caráter quase que religiosos.

A propósito desse respeito e dessa veneração, constatamos

naquele país aspectos curiosos, não raro cômicos, mas que para eles faz parte de uma filosofia educacional que vem, praticamente, do berço.

Na cidade de Hudson, Iowa (onde está a sede da "American Soybean Association"), é altamente honroso usar gravata desenhada com ramos de soja e prender à ela alfinete tendo um grão dessa oleaginosa, como emblema.

Numa pequena cidade do sul do Alabama há um monumento em homenagem ao orgulho do algodão. Ele foi construído em 1910, em sinal de agradecimento do povo do lugar a essa praga que, destruindo as plantações de algodão, obrigou os agricultores a dedicarem-se a outras culturas. Como tiveram êxito, resolveram plasmar no bronze seu reconhecimento ao orgulho. E lá está o monumento até hoje.

Em New Ulm, cidade rural do Minnesota, as mulheres não

comparecem ao clube sem ostentar bem visível no quase sempre volumoso busto seu "pig is beautiful". Trata-se de um pregador com dois porquinhos em atitude alegre e a palavra — porco é bonito.

Em Nova Orleans, o prédio mais famoso (é mostrado para qualquer turista) é o chamado "corn stalk" (a cerca de milho). Sua história é a seguinte: Na época em que a Louisiana passava de mão em mão (França, Inglaterra, Espanha), um francês enriquecido pelo jogo nos barcos do Mississipi, tanto fez que se não fugisse dos arredores de Memphis, perderia o escalpo. Mas ao fugir levou junto uma bailarina de can-can por quem se apaixonara.

Na Louisiana, a moça que era do Kentucky, exigiu uma casa decorada com milho para amenizar as mágoas de estar longe da "My old Kentucky home". Se a história é verdadeira ou não,

não sei, mas a "corn stalk" é famosa no Quarteirão Frances (French Quarter) de Nova Orleans, hoje uma atração turística.

Esses são alguns fatos pitorescos. E os verdadeiros?

— Cada estado da federação americana tem o seu pássaro símbolo, a sua árvore e a sua flor símbolos. São estabelecidos por lei federal. Em cada ato do poder público e em cada gesto do povo, está a preocupação para com a natureza. As festas de maior concorrência são as de origem agrícola. O "Farm Progress Show", em Fort Dodge, por exemplo, é um acontecimento de âmbito nacional.

De sorte que, ao insistirem em apresentar Jimmy Carter como homem de raízes agrícolas, os propagandistas de sua campanha estão usando um motivo relevante para sensibilizar as massas. E se continuarem assim, o homem do amendoim poderá ganhar a eleição.

HORA ZERO, UM LANÇAMENTO EDITORIAL IJUIENSE

"Cheio de piedade, eu vi todos esses homens desfilar em frente dos meus olhos. Em pranto, choraram de vergonha. Prostados, pediram clemência.

Porém, mal o homem se reabilitara das suas emoções, as suas mãos tintas de sangue se crispavam. As suas lágrimas haviam secado. E, num gesto aterrador, com seus cabelos desgrenhados e os olhos a lhe saltarem das órbitas, a boca transbordante de espuma, o insensato se ergueu tomado de ira e dominado pelo ódio, olhou por sobre os campos desolados e bradou selvagemmente: Vingança! Vingança! Vingança!

Dentro, bem no fundo, numa névum de fumaça, ouviu-se uma gargalhada feroz, multitronante. Era o homem dos armamentos que sustentam as guerras. E o homem continuou forjando o ferro e o aço. O pesquisador se voltou para os laboratórios de guerra. As armas se aperfeiçoaram e o poder de destruição se multiplicou..."

Esse o epílogo de A Hora Zero, livro do sr. Alceu Krug Ferreira — Alferr — que teve lançamento festivo a 18 de setembro último, com seção de autó-

gráfos no CTG—Clube Farroupi-lha. Mas A Hora Zero, conforme pode dar a entender o trecho citado de sua parte final, não chega a se constituir em peroração apocalíptica. E ao contrário, chega a ser poético em muitos de seus estágios. Este, por exemplo: "Assim como a flor que traz no pólen fecundador a continuação da espécie, assim a mensagem da esperança tem o poder de fecundar o espírito e acudir o homem".

Este outro: "Não há mensagem sem esperança, como não há esperança sem fé. Aquela nos vem com o primeiro sopro da vida. Esta é a soma de nossas conquistas, fruto de confiança que nos inspira o Poder Divino."

E ainda este: "Com esperança e fé, nos surgem as forças que nos animarão a participar do sublime concerto da criatividade, nos justificando como a obra-prima da natureza".

Já se vê, pois, que o livro do sr. Alceu Krug Ferreira, longe de soar como um martirológico das culpas acumuladas dos séculos que o animal homem habita a Terra, se constitui, em verdade, num brado de fé; numa mensagem de esperança.

É verdade que a obra anali-

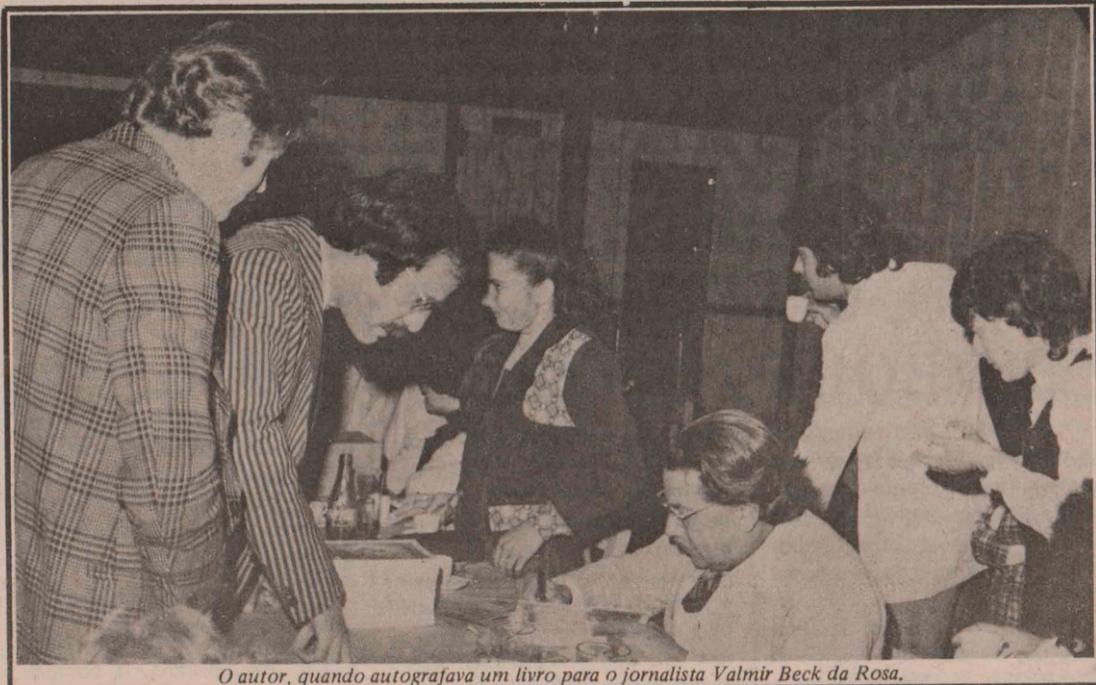
sa o indivíduo e julga o comportamento humano, chegando as vezes ao ponto de manifestar descrença, como neste trecho, por exemplo: "Por onde passei, o meu espírito se encheu de tristeza e minha alma chorou tomada de angústias. Por onde passei eu encontrei a mentira, a traição, o vilipêndio, a escravidão, a am-

bição, a usura. Eu vi a opulência tripudiando a miséria; a fartura ao lado da fome. Eu vi a desolação e os rastros horrorosos da guerra. Eu vi o homem cheio de saúde, numa fração de segundos, se transformar num farrapo humano, mutilado pela violência das armas.

E as águas dos rios se mancharam de sangue do homem. E as searas do homem haviam-se incendiado. As suas cidades arrasadas, se transformaram em ruínas. A natureza parou e a vida morreu. Eu vi a mãe, em prantos erguer nos seus braços mutilados, o filho que amamentava. Eu vi milhares de vidas ceifadas por um só gesto do outro homem".

Mas aqui neste outro, o livro sabe falar de amor: "Lá fora a chuva cai de mansinho. Uma gotinha atrevida veio brincar sobre o vidro de minha janela. Talvez o beijo que me enviaste.

Sei que estás comigo e, se outra gotinha cair sobre a tua vidraça, saberás que ali vai o meu beijo. Dorme meu amor! Em corpo, alma e espírito. O teu amanhã será cheio de sol e alegria". Um livro para ser lido e meditado. De parabéns a Empresa Jornalística Ulrich Low S.A., por tê-lo editado. O livro tem sugestiva apresentação brochura, com capa do próprio autor sobre tela de Pordany. Preço, 40 cruzeiros, já nas livrarias.



O autor, quando autografava um livro para o jornalista Valmir Beck da Rosa.

CONCURSO UNIBANCO DE LITERATURA

O Grupo financeiro UNIBANCO e a Editora Abril, lançaram o concurso Unibanco de Literatura, com vistas à revelação de autores novos. O concurso, destinado exclusivamente a trabalhos inéditos, vai distribuir aos classificados, entre o primeiro e o décimo lugar, um total de

300 mil cruzeiros.

O objetivo é a descoberta de autores novos para a literatura brasileira, com a divulgação de trabalhos inéditos, podendo participar quaisquer pessoas residentes no território nacional, independente de nacionalidade.

Os trabalhos concorrentes,

de livre escolha do autor, terão que ser inéditos. Isto é, não poderão ter sido publicados nem em jornais, rádio, televisão, cinema ou qualquer outra forma de comunicação pública.

Os trabalhos concorrentes terão que ser redigidos em português, no máximo de 15 folhas

datilografadas em tamanho oficial, de um só lado do papel, em espaço dois, obedecido o limite de 20 linhas por folha, sendo apresentados em duas vias. Os trabalhos serão entregues em qualquer agência UNIBANCO, até o dia 30 de novembro próximo. Os classificados terão prêmios

na seguinte ordem: 1º lugar, 100 mil cruzeiros; 2º lugar, 75 mil; 3º lugar, 45 mil; 4º lugar, 25 mil; 5º lugar, 15 mil; 6º lugar, 12 mil; 7º lugar, 10 mil; 8º lugar, 7.000; 9º lugar, 6.000 e 10º lugar, 5.000 cruzeiros. Maiores informações nas agências do UNIBANCO.

COOPERATIVISMO NA PRAÇA PARA DESTACAR O LIVRO

De 27 de outubro a 14 de novembro será realizada em Porto Alegre a 22ª Feira do Livro. Como nas vezes anteriores, cerca de 50 barracas serão montadas na Praça da Alfândega, no cen-

tro da Capital, para a venda de livros com 20 por cento de desconto sobre o preço da capa.

Este ano, uma das novidades da Feira do Livro será a barraca especializada da Cooperati-

va dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda. (COOJORNAL). Esta barraca da Coojornal venderá exclusivamente livros de comunicação, de cooperativismo e de humor.

No caso dos livros sobre cooperativismo, a Coojornal está interessada inclusive em que as cooperativas do Estado dêem sugestões sobre as obras que poderiam ser colocadas à venda. Além

disso, as próprias cooperativas poderiam aproveitar a Feira do Livro para adquirir os livros de seu interesse, com vinte por cento de desconto. Muito importante a iniciativa do COOJORNAL.

LEMRADO "DIA DA IMPRENSA"

Tendo em vista a passagem do dia 10 de setembro, quando se comemora o "Dia da Imprensa", recebemos as seguintes correspondências:

CÂMARA MUNICIPAL DE IJUÍ

À direção do COTRIJORNAL, nesta cidade.

Com prazer levamos ao conhecimento de V. S. que o Legislativo ijuiense, acolhendo proposição de ambas as bancadas desta Casa, houve por bem consignar em ata voto congratulatório a esse dinâmico órgão de imprensa, pelo transcurso do Dia da Imprensa.

Augurando a continuidade do êxito até o momento alcançado, sem mais, firmamo-nos atenciosamente. Vereador José Henrique da Silva, presidente.

AUTO MECÂNICA SABO LTDA

À direção do COTRIJORNAL, nesta cidade. Atenção do sr. Raul Quevedo.

Nesta data em que se comemora o "Dia da Imprensa", vimos transmitir a V. S. e a todos aqueles que trabalham nesse jornal, os nossos parabéns.

Esse órgão de imprensa vem há muito transmitindo informação e cultura ao povo de Ijuí e da região Noroeste do Estado e dessa maneira colaborando para o progresso desta comunidade, do Estado e do País.

Fazemos votos para que esse órgão de imprensa continue durante muitos anos a oferecer ao povo de Ijuí e da região Noroeste do Estado, os inestimáveis serviços que reconhecemos e apreciamos. Atenciosamente, Auto Mecânica Sabo Ltda. Assinado, Hilário D. Raineski, sócio-gerente.

CADERNETA APESUL DE POUPANÇA

Prezados Senhores: A APESUL, Associação de Pou-

pança e Empréstimo, tem a satisfação de felicitar a direção e funcionários desse jornal pela passagem do "Dia da Imprensa", que por merecimento lhes é consagrado.

Desejando-lhes sucesso e sempre maior engrandecimento desse veículo de cultura, subscrevemo-nos atenciosamente. Economista Gervino G. Michel, gerente.

N. da R. — Agradecemos a lembrança de pessoas e entidades que em alusão ao 10 de setembro, nos escreveram. No entanto, considerando que muitos leitores manifestaram estranheza pelo fato do COTRIJORNAL que circulou em setembro não ter manifestado qualquer alusão ao chamado "Dia da Imprensa", reiteramos que essa data nada significa para nós, que propugnamos a transferência do Dia da Imprensa Brasileira para 25 de março (data que assinala o nascimento de Hipólito José da Costa) ou o dia 1º de junho, quando circulou o CORREIO BRAZILIENSE, o primeiro jornal genuinamente brasileiro que circulou no Brasil, a despeito de, por razões plenamente justificáveis, haver sido editado desde Londres.

REVISTA AGRICULTURA E PECUÁRIA

"... Assoberbado com o dia-a-dia da Editora, só agora venho dar as felicitações pela passagem do 3º aniversário do COTRIJORNAL. Como há dois anos, quando ele aniversariou, exprimo agora igualmente a minha sincera alegria pelo sucesso desse empreendimento que, para orgulho, vi nascer.

Mas é necessário, por igual, que ao mesmo tempo que parabenizo-me pela circulação dessas trinta e tantas edições, vibre e felicite ao jornal e a COTRIJUI, pela justa premiação conquistada em São Paulo, a nível nacional, da ABERJE.

... Abraços a toda equipe e em especial ao doutor Renato Borges de Medeiros, que tem ajudado, através de seus escritos, fortalecer o contexto técnico-científico da nossa Revista Agricultura & Pecuária Brasileira. Pedro Belmonte, editor."

BANCO NOROESTE DE SÃO PAULO

"... Ressaltamos a ótima apresentação e a importância do material redatorial do COTRIJORNAL, e esperamos continuar incluídos no rol dos que são agraciados com o mesmo.

Atenciosamente, Rosina Ilda Maria D'Angina, assessora de comunicações e Unidade de "Marketing" — Banco Noroeste do Estado de São Paulo. Rua Alvares Penteado, 216 — 01012 — São Paulo."

INSTITUTO DE FOMENTO À SOJA

Prezados Senhores: Pela presente solicitamos que seja incluído na lista dos agraciados em receber o COTRIJORNAL, o eng. agr. João Augusto Oliveira, cujo endereço é o seguinte: A.C.A.R.E.S.C. — Rodovia Leoberto Leal, s/nº, Bairro Agromômica — Caixa Postal, 502 — 88.000, Florianópolis, SC.

NELSON SCHUTZ, DE IBIRUBÁ

Senhor diretor. Solicito de V. Sa, se possível, conceder-me uma assinatura do COTRIJORNAL, pois estou cursando o Técnico Agrícola e encontro nesse jornal uma fonte de elevados conhecimentos para minha futura profissão.

Esperando contar com a vossa atenção, antecipo meus agradecimentos e aproveito o ensejo para reiterar os protestos de elevada estima e distinta consideração. Atenciosamente, Nelson Schütz, Santo Antonio do Bom Retiro — 98.200 — Ibirubá, RS.

SALVADOR LA PORTA NOVO ENDEREÇO

A firma distribuidora — livros e revistas — Salvador La Porta & Cia. Ltda., de Porto Alegre, comunicando o novo endereço à rua General Bento Martins nºs. 54 e 60.

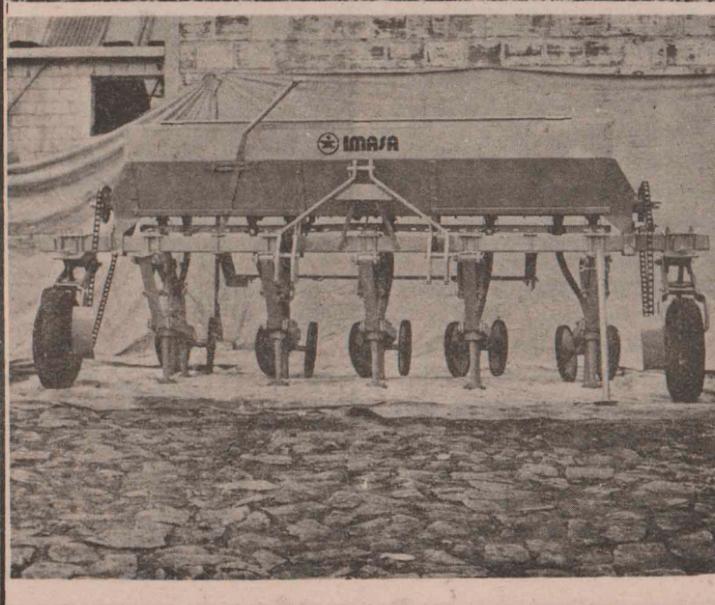
ALBERTO EMMANUEL WHITAKER

Prezados Senhores: Iniciando atividades na agropecuária e tendo conhecimento por intermédio da Livraria Veras Ltda., com sede nesta capital, que Vv. Ss. editam o COTRIJORNAL, gostaria imensamente de recebê-lo. Atenciosamente, Dr. Alberto Emmanuel Whitaker. Rua São Bento, 470, 17º andar, 01010 — São Paulo — SP.

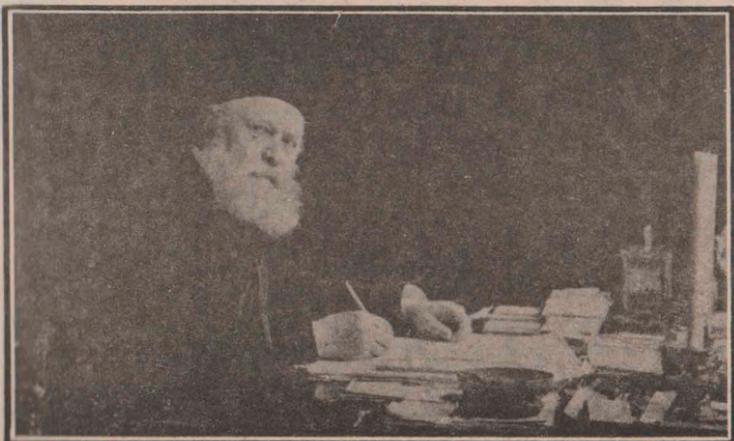
ESTUDANTES DE TRES DE MAIO

Os srs. Alvino Fronza e Jefferson Smaniotto, ambos cursando técnicas agrícolas no Colégio Presidente Vargas, de Três de Maio, RS, solicitando o envio do COTRIJORNAL.

PLANTIO DIRETO IMASA



— A IMASA NÃO PRODUZIU UMA MÁQUINA GRANDE, e sim, a grande máquina esperada pelos agricultores de todo o Brasil. Está provado: Quem planta direto, economiza tempo e dinheiro, melhora a rentabilidade e promove a conservação do solo. Conheça os resultados do plantio direto com a Máquina IMASA, que também faz plantio convencional e um excelente trabalho de capina. MÁQUINA IMASA DE PLANTIO DIRETO: Qualidade, Rapidez e Durabilidade, JUSTIFICANDO SEU INVESTIMENTO.



A SABEDORIA DO POVO NA TRADIÇÃO POPULAR

Na edição anterior apareceu uma nova página no COTRIJORNAL. Seu título, Folclore. Como normalmente temos problema de espaço (desejavamos destacar o Festival Estadual de Estudantes Tradicionalistas promovido em Ijuí de 20 a 22 de agosto), não nos foi possível fazer a apresentação da nova página e seu tema, que mensalmente estará circulando com nosso jornal.

Folclore é vocábulo universal, que expressa "sabedoria do povo, estudos, conhecimentos de nível mais ou menos genérico e de variações que apenas se acentuam de região para região. É o caso do Rio Grande do Sul, por exemplo, que em face da variação de elementos alienígenas que o habitou em diversas épocas, possui talvez o mais rico folclore do Brasil, em termos de variações e cores características.

Enquanto a campanha gaúcha resalta os costumes ibéricos, a região dita colonial preserva usos e costumes oriundos da Alemanha, Itália, Polônia, Rússia, etc.

Publicamos a seguir um comentário de Pedro Darci de Oliveira, poeta e estudioso de temas tradicionalistas.

POVO SEM TRADIÇÃO É POVO SEM PASSADO

PEDRO DARCI DE OLIVEIRA

Falar sobre tradição e folclore é uma tarefa árdua. Primeiro, o que é tradição? Segundo, o que é folclore? Terceiro, o que é tradicionalismo? Quarto, qual a relação entre os dois? E mais uma infinidade de outros porquês, como e quais.

Tradição — Segundo Estevão Cruz, vem do latim "traditio" (entregar, transmitir, ensinar), é a transmissão oral de um testemunho através de uma série ininterrupta de pessoas. A tradição divide-se em tradição histórica e tradição popular. Tradição histórica é aquela que se baseia em documentos (calendários, anais, biografias, cartas, monumentos, restos, vestígios). A tradição popular é o registro na experiência coletiva de hábitos individuais que se generalizam.

A tradição popular é preservada pela oralidade ou pela imitação.

Folclore — O neologismo folk-lore foi criado pelo antiquário inglês William John Thoms, em 12 de agosto de 1846, que escrevia uma carta a uma revista londrina, "O Atheneum", sob o pseudônimo de "Ambrose Merton".

A carta foi publicada na revista nº 982 a 22 de agosto de 1846. Assim nasceu o neologismo que daria nome a uma nova ciência. Duas velhas expressões anglo-saxônicas: folk, que significa povo e lore, que significa saber, formam folclore, que é o saber tradicional de um povo ou sabedoria popular.

No Brasil, com a reforma ortográfica, o k foi substituído pelo c e com o decorrer do tempo caiu o hifem, derivando as formas folclore, folclorista, folclorização, folclorismo.

Em 1878, com a fundação em Londres da "Folk-lore Society", é que começou a organizar-se a ciência. Conceito de folclore: é a ciência que estuda os fatos e culturas transmitidas tradicionalmente, isto é, sem o ensino formal, de geração em geração nos povos de cultura não escrita.

Tradicionalismo — É o apego às coisas tradicionais de um povo. Ex. o vestido de noiva no casamento.

SÚPLICA

Me empresta a luz dos teus olhos
negros brilhantes e puros
Que eu tenho cantos escuros
guardados dentro do peito
Me empresta todo este jeito
feliz de encarar a vida,
que em minh'alma dolorida
só existem sonhos desfeitos.

Me empresta um dos teus sorrisos
que os meus todos são tristonhos.
Me empresta um só dos teus sonhos
que há muito não sonho mais,
Meus dias são tão iguais;
Me empresta esta cor morena
e este jeito de açucena
que nasceu entre os ervais.

Me empresta teus 15 anos
que são tão cheios de encanto.
Pra quem o orvalho do pranto
nem sempre quer dizer dor.

Me empresta todo o calor
que eu sinto nos teus carinhos.
E dá-me ao menos um pouquinho
do muito que é o teu amor.

SINFONIA DO PAMPA

Victor RUSSOMANO

Médico, historiador e político, Victor Russomano nasceu em Pelotas a 11 de outubro de 1890 e faleceu a 20 de setembro de 1937 em Caxias do Sul, vítima de mal súbito, quando discursava num comício batendo-se pela candidatura Armando de Salles Oliveira à presidência da República.

Escreveu "Um vulto na Coxilha", "Adagiário Gaúcho", "Valor Mental da Assembléia Constituinte", "A História Constitucional do Rio Grande do Sul", esta última lançada em 1932 como subsídio à reconstrução do país, após a Revolução de 30.

Como atestado de suas incursões no mundo da poesia, deixou ao morrer, inacabado, A Sinfonia do Pampa, poema livre no gênero épico. Seu filho, Mozart Victor Russomano, atual ministro corregedor do Supremo Tribunal do Trabalho, concluiu-o em 1945.

O Diário Popular de Pelotas, na Seção Querência, em sua edição de 4.1.1976, publicou um arranjo do poema de Victor Russomano organizado pela União Gaúcha J. Simões Lopes Neto, do qual destacamos os seguintes trechos:

Esta voz é a voz distante
da querência,
na sua muda eloquência,

evocando a gente heróica
dos rincões,
que têm por lar o teto
dos galpões.

As carretas gemendo pela
estrada.
As chaleiras ardendo
no brazeiro.
As planícies cobertas
de geada.
A vida sem pousada do
tropeiro.
O minuano a chicotear
os ares
Como um silvo de um bando
de chacais,
varrendo o espaço, refervendo
os mares, e arrastando prá longe
os temporais.

A raça tantalizada,
no entrevero do combate
deixou cravada na arena,
sua bandeira escarlate.

Seus pulsos hoje são livres.
Acabaram-se os tormentos.
Derreteram-se as algemas,
na chama dos sofrimentos!

Vede! Este é o Rio Grande,
que amo e que conheço.
Rio Grande valente e temerário,

ninho de heróis e da
dignidade.
Onde o braço do povo e
do operário,
escreveu um hino à liberdade!

O Rio Grande que espera!

O Rio Grande do umbu!

Das coxilhas, da tapera!

Da corda de couro cru!

Das cuias de chimarrão!

Do cantar das pionadas!

Da doma, da marcação!

Das tropas e das

xarqueadas!

Dos ponchos soltos no

espaço,

como bandeiras em

trapos.

Da canhada, que é o

regaço

onde dormem os Farrapos!

Gente que a História

acoberta de glória

e que sabe morrer

murmurando na boca

ensanguentada,

tendo no coração o nome da Pátria

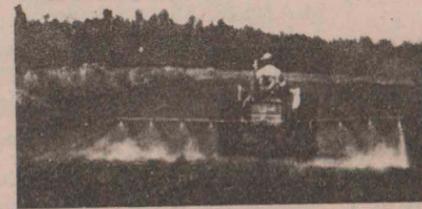
eterna e sagrada,

por entre a orquestração

deste drama sinfônico

do Pampa.

POR TRATOR OU POR AVIÃO, LAÇO É A SOLUÇÃO.



LAÇO na soja, aplicado por trator, economiza tempo, mão-de-obra e dinheiro. Não precisando ser incorporado, permite a aplicação

juntamente com o plantio da soja, em uma só operação, acoplado ao pulverizador à plantadeira. LAÇO pode também ser aplicado com pulverizadores comuns acoplados ao trator, após o plantio, antes da emergência das ervas.

Aplicado por avião, LAÇO na soja economiza tempo, equipamento, mão-de-obra e dinheiro.



LAÇO é o resultado de pesquisas e testes conduzidos com os recursos da mais avançada tecnologia. É o herbicida ideal para a soja brasileira.

oferecendo absoluta segurança para o seu investimento.

Laço

UM HERBICIDA **Monsanto**

Comercialização e Serviços Técnicos no Brasil, pela Divisão Agrícola de

Indústrias Monsanto S.A.
01301 Rua da Consolação, 881 - 1º andar
C Postal 8341 - Tel 257-7966
Telex 011-21883 - São Paulo - SP

LAÇO é marca registrada da Monsanto. C

**LAÇO NA SOJA,
DIVISAS PARA
O BRASIL.**

O TEMPO, SEGUNDO OS MERIDIANOS

A viagem do presidente Geisel ao Japão, com suas rotas de escala para adaptação e descanso em Los Angeles (EUA) e Havai (em pleno Oceano Pacífico), despertaram a curiosidade de muitos sobre fusos horários constantes das convenções internacionais.

Realmente, uma viagem ao Oriente, ou vice-versa, constitui-se numa experiência curiosa e tremendamente excitante. Os aviadores costumam dizer que é uma "viagem contra o tempo", ou uma espécie de "vida às avessas". Por exemplo: sair hoje de Tóquio e chegar ontem ao Alasca. Ou então, na mesma viagem, descer em Nova Iorque uma hora após a partida, depois de sete horas de vôo, tudo isso é possível no fuso do Oriente. O termo "geografia" aplicado no cabeçalho desta página, em verdade não deve ser aceito na sua interpretação literal, uma vez que a geografia física nada tem a ver com o fenômeno. O fator é mais ou menos imaginário, pois se resolve com algumas voltas a mais ou a menos nos ponteiros do relógio.

Se na viagem de Brasília, via Los Angeles e Havai (escalas feitas pela comitiva do presidente Ernesto Geisel), até o Japão perde-se 31 horas de vôo e mais 12 horas pelo atraso nos relógios em consequência dos fusos, a passagem no sentido contrário devolve o tempo perdido. . .

Quem parte do Rio de Janeiro às 14 horas de um dia 3, por exemplo, viajará cerca de 31 horas para chegar às 21 horas do dia seguinte (4) ao Japão, pelo horário brasileiro. Mas a diferença de 12 horas pelos fusos horários entre Rio e Tóquio deixará o passageiro, na realidade, às 9 horas da manhã do dia 5. E isso porque a convenção da Linha Internacional de Datas estabelece que o dia começa no Japão. E como o Brasil é seu antípoda, o calendário brasileiro está sempre um dia atrasado com uma diferença de 12 horas.

Em sentido contrário — um vôo de Tóquio para o Rio — a situação naturalmente se inverte, beneficiando o viajante. Ele ganha uma noite ou um dia e passa a experiência de viver duas vezes um mesmo período de tempo. Nesse trajeto o curioso é não somente viver dois períodos como também voltar ao tempo.

O avião parte de Tóquio às 10 horas da manhã de uma segunda-feira, por exemplo. Viaja seis horas e desce em Anchorage, no Alasca, às 22 horas de domingo anterior. Por que? Porque ele

avançou no tempo sobrevoando a calota polar e conseguiu a correspondência exata entre a hora do Japão (16 horas) e Anchorage (22 horas).

Na sequência para Nova Iorque chega-se no mesmo dia em que se saiu de Tóquio, mas a diferença de duas horas a mais, mesmo depois de ter viajado 13 horas seguidas, em vôo direto. Se o vôo tiver escala no Alasca, gasta-se entre 14 e 15 horas.

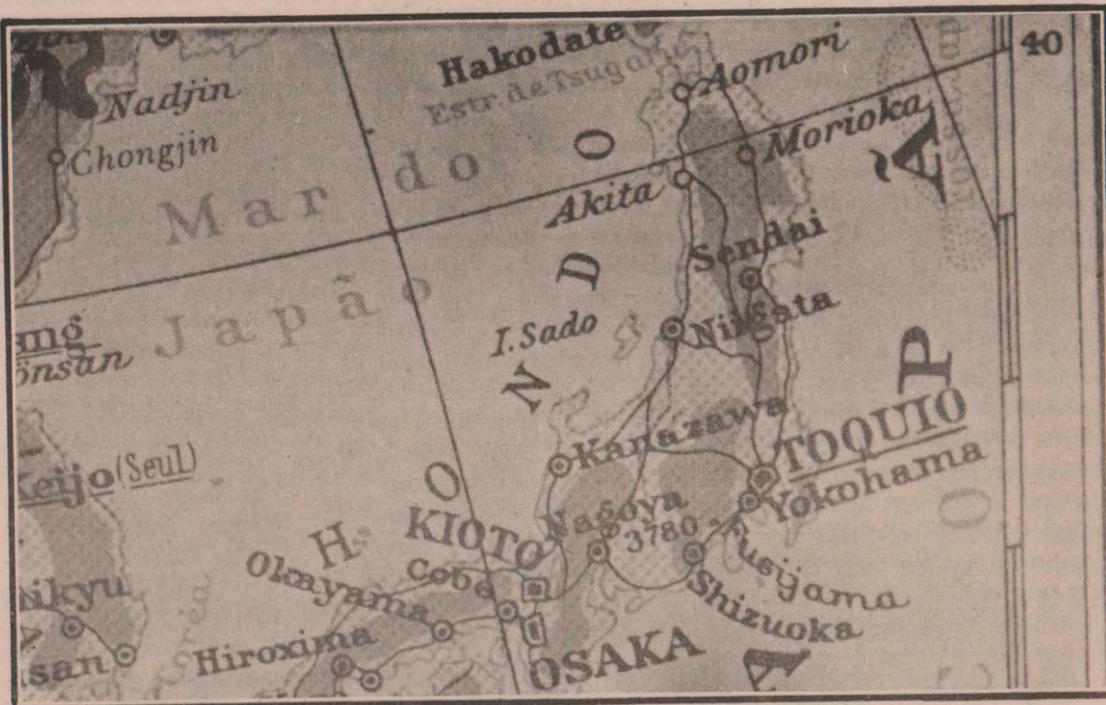
O avião parte, por exemplo, às 13 horas de Haneda, Aeroporto Internacional de Tóquio numa quarta-feira, e chega no mesmo dia a Nova Iorque, às 15 horas (local). Essa vantagem dá ao viajante a oportunidade de viver 35 horas num mesmo dia, em que ele passou 13 horas em Tóquio, mais 13 viajando e as 9 horas restantes em plena Nova Iorque, após sua chegada às 15 horas (local).

Nos dois sentidos da viagem, vivendo menos ou ganhando um dia, o passageiro paga um tributo físico e vivencial aos caprichos dos meridianos. Embora o atendimento e os serviços de bordo suavizem, a longa jornada, a diferença horária torna o avanço ou o recuo no tempo uma experiência exaustiva, que descondiciona até mesmo os mais habituados a essa experiência, que são os tripulantes de aviões.

Além da estafa que tal viagem impõe, a simples correção de calendário e relógios provoca um descondiçãoamento e total inversão de hábitos. Isso sem falar nas características diferenciais entre os países. O retorno ao mecanismo da rotina e a acomodação do corpo e da mente aos padrões horários da vida local exige algum tempo.

Os entendidos aconselham aos viajantes primários dessa sensacional rota, a simplesmente ignorar o tempo. Ignorando dia e hora, a mente trabalha menos e o corpo também suporta melhor os padrões de horário da vida local. Preocupando-se com a revolução do tempo, persiste a sensação de sono atrasado e refeições feitas também fora dos padrões.

Não deve haver nada de comparações como "almoçar em Tóquio na hora em que se prepara para dormir no Brasil, ou jantar na hora do café da manhã ou ainda amanhecer em Tóquio quando no Brasil seria hora de assistir o tele-notícia das 20 horas. Essas preocupações de nada adiantam e só contribuem para acentuar a impressão de viver às avessas. Condensado da AJB .

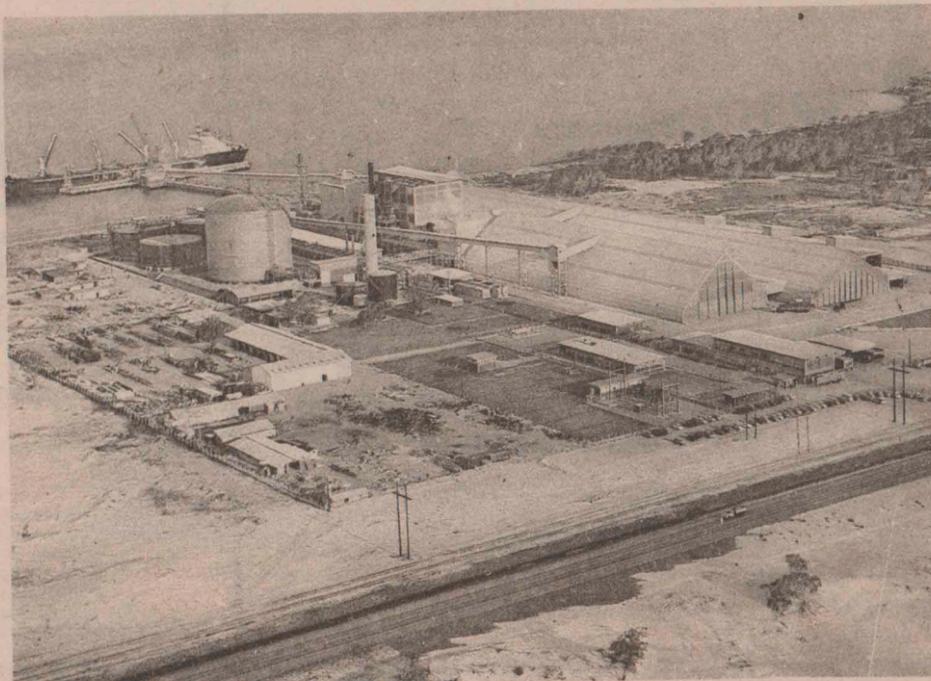


1976

Na década da agricultura, o segundo ano de uma grande indústria no Superporto de Rio Grande.

- terminal marítimo, próprio, para navios de até 60 mil toneladas
- capacidade de descarga automática: sólida - 500 t/h e líquida - 700 t/h
- capacidade de produção: 620 mil t/ano - 170 mil de Superfosfatos e 450 mil de NPK e DAP

ADUBOS  TREVO



SETÁRIA KAZUNGULA: OPERAÇÃO FENO

ESTE PASTO VAI BEM

Eng. Agr. Renato Borges de Medeiros

A cultivar Kazungula de Setária anceps é um ecótipo coletado na Zâmbia e desenvolvido na África do Sul em 1955. No Rio Grande do Sul o seu primeiro cultivo talvez tenha sido realizado em 1968 na Estação Experimental Zootécnica de Tupanciretã.

É uma espécie de produção estival que atinge alturas superiores a 2m e se pereniza por pequenos rizomas. Tem sido considerada uma excelente forrageira para as áreas subtropicais que apresentam precipitações superiores a 762 mm. Apresenta ampla adaptação aos diferentes tipos físicos de solo, tendo inclusive uma certa tolerância à umidade.¹ Esta ampla adaptabilidade às condições de clima e solo lhe conferem características de produtividade e persistência. Associa-se muito bem com as leguminosas tropicais, apresentando um longo período de crescimento. A ocorrência de geadas provoca o seu crescimento, mas não interfere na sua persistência. Segundo Guterres (informação pessoal), na Estação Experimental de Tupanciretã ela apresenta boa adaptação.

Revedo a bibliografia, os únicos resultados de que se tem notícia no Estado foram obtidos na Estação Experimental de Tupanciretã.² Neste trabalho conduzido por Saibro e outros durante 4 anos, procurou-se determinar em condições de parcelas, o potencial produtivo de cultivares de Setária e Panicum. Em função das observações realizadas duran-

te este período (1970/73), os autores indicaram a cultivar Gatton de Panicum e a cultivar Kazungula de Setária como muito promissoras para as condições ambientais da região onde se realizou o estudo. De outra parte algumas áreas estabelecidas para pastejo em diferentes regiões do Estado possibilitam fazer uma série de observações que valorizam as conclusões obtidas na Estação de Tupanciretã. Em São Gabriel, na propriedade do professor Ismar Leal Barreto, existem áreas de Setária consorciadas com Desmódio que vem há 4 anos apresentando excelente comportamento produtivo. Áreas estabelecidas na primavera de 1973, na região das Missões, tem suportado lotações em torno de 3 cabeças/ha durante um período de pastejo superior a 200 dias. Não há referências com relação ao desempenho dos animais, mas tem se observado que eles apresentam excelente ganho de peso. Em Queensland, na Austrália, a Setária tem apresentado rendimentos semelhantes à pangola, que com altas doses de fertilizantes tem produzido aproximadamente 1.000 kg/ha ano de peso vivo com lotações superiores a 5 animais/ha.³

No Estado a Setária Kazungula tem se estabelecido bem nas sementeiras realizadas nos meses de setembro e outubro. A bibliografia, de um modo geral, recomenda a distribuição de 3 kg/ha de sementes em misturas com leguminosas tropicais. Na região do Planalto Médio e Mis-

sões, em virtude da maioria dos solos formarem crostas que dificultam a emergência das plantinhas, deve-se utilizar densidades superiores a 6 kg/ha de sementes, mesmo em consorciação com Desmódio ou Siratro.

Bibliografia

- (1) Hutton, E. M. & Davies, J. G. 1970, Austrália Grassland, Australian National University Ross, Canberra.
- (2) Saibro, J. C. et alii, 1974, Introdução e Avaliação de Plantas Forrageiras no Rio Grande do Sul. Anuário Técnico. Instituto de Pesquisas Zootécnicas, Secretaria da Agricultura, Porto Alegre (1):129:32, mai.
- (3) Mc Ilroy, R. J. 1972 Introducción al Cultivo de los Pastos Tropicales, Limusa México.

Sob o título "Operação Feno" - Quem enfarda não perde, a Secretaria da Agricultura do Estado acaba de lançar importante monografia com variado material ilustrativo, de autoria de uma equipe de técnicos cujo coordenador foi Vicente de Paula Schell da Silva.

A monografia, que tem apresentação do secretário da Agricultura, sr. Getúlio Marcan-

tônio, aborda em linguagem simples e direta. As pastagens nativas e suas limitações manejo das pastagens, feno e fenação, palhas de cereais e de leguminosas para gado de corte, o efeito residual de inseticidas em pastagens e resíduos de fungicidas em palhas. Em Ijuí, Operação Feno está sendo vendido na Inspeção Veterinária, ao preço de 10 cruzeiros o exemplar.

MINERALIZE SEUS ANIMAIS

As grandes descobertas relacionadas com o papel desempenhado pelos minerais na alimentação animal estabeleceram definitivamente a necessidade desses elementos serem incorporados na rotina alimentar dos rebanhos. No entanto, isto não justifica o uso indiscriminado de produtos comerciais caros e que algumas vezes nem mesmo se ajustam às ne-

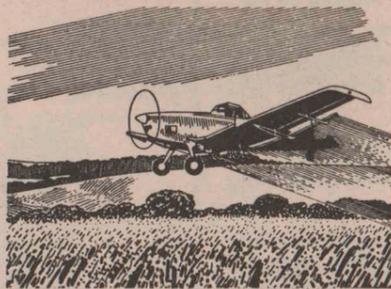
cessidades específicas do rebanho.

Por esta razão, excetuando-se aqueles casos em que deficiências notórias de determinados minerais sejam observadas, o Depto. Técnico da COTRIJUI recomenda apenas o uso habitual da seguinte formulação: 70 kg de farinha de osso; 30 kg de sal comum; 5 kg de sal mine-

Comunicado da Shell Química:

O USO DE ALACRAN UBV NO CONTROLE DOS PULGÕES DO TRIGO

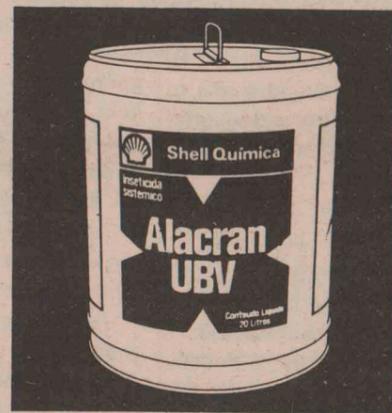
A Shell Química comunica a cooperativas, revendedores, agrônomos, técnicos agrícolas e agricultores em geral que seu produto Alacran UBV provou também alta eficácia no combate aos pulgões do trigo.



Como sua aplicação por avião é altamente eficiente, Alacran UBV permite eliminar os pulgões, mesmo durante o espigamento, sem causar dano às plantas pelo uso de tratores ou outros equipamentos agrícolas.



Nosso representante poderá dar informações mais detalhadas sobre como obter melhor produção por área plantada de trigo e soja com o uso de Alacran UBV.



PEÇA FOLHETO AO SEU FORNECEDOR

Belo Horizonte - R. Cláudio Manoel, 1124 - c/101 - t/26-5012
 Campo Grande - R. 14 de Julho, 441 - 3.º - s/3D - t/4-8629
 Londrina - Av. Paraná, 453 - 12.º - s/1205 - t/22-0578
 Porto Alegre - R. Uruguai, 155 - 8.º - t/24-1135
 Recife - Estrada de Belém, 3425 - t/21-0222
 Ribeirão Preto - R. S. Sebastião, 539 - 1.º - t/34-4344
 Rio de Janeiro - Praça Pio X, 15 - 5.º - t/221-3027
 São Paulo - Av. Eusébio Matoso, 891 - tel.: 212-0111
 Vitória - Av. Robert Kennedy, 280 - 1.º - São Torquato - Vila Velha - t/6-0774
 Uberlândia - R. Monte Alegre, 120 - c/3 - t/4-6321



Shell Química

técnica e pesquisa
a serviço de
um mundo melhor

PASTAGENS DE VERÃO

Procure formar suas pastagens de acordo com as recomendações do departamento técnico.

Espécie Forrageira	Época de Semeadura	Densidade kg/ha
Pasto Italiano	Até dezembro	20
Sorgo P/Silagem NK-326	Até dezembro	10
Feijão Miúdo	Até dezembro	30
Panicum Gatton	Até novembro	60
Setária Kazungula	Até novembro	
Rhodes Callide	Até novembro	10
Pensacola	Outubro	20
Desmódio Intortum	Até novembro	2
Siratro	Até novembro	3
Alfafa Crioula	Outubro	15

CONSORCIAÇÕES RECOMENDADAS

- 6 kg/ha de Panicum Gatton + 2 kg/ha de Desmódio Intortum ou 3 kg/ha de Siratro.
- 6 kg/ha de Setária Kazungula + 2 kg/ha de Desmódio Intortum ou 3 kg/ha de Siratro
- Mudanças de Pangola + 2 kg/ha de Desmódio Intortum ou 3 kg/ha de Siratro.
- Mudanças de Coastal Bermuda + 2 kg/ha de Desmódio Intortum + 3 kg/ha de Siratro.

SIMPÓSIO NACIONAL DE TELEPROMOÇÃO RURAL

O Simpósio Nacional de Telepromoção Rural realizado recentemente em Porto Alegre, reuniu 60 participantes numa promoção do Ministério do Trabalho, Delegacia Regional do Trabalho e da Fundação Educacional Padre Landell de Moura - FEPLAM, deixando resultados significativos, tendo em vista a formação de pessoal para o setor primário.

Neste trabalho, os especialistas participantes e que representaram organismos voltados para a promoção do homem do campo, concluíram o Simpósio deixando inúmeras recomendações, entre as quais destacamos: maior participação das entidades que atuam na área de telepromoção rural, com o objetivo de uma melhor utilização dos recursos financeiros, materiais e humanos; maior entrosamento entre os organismos responsáveis pela produção de cursos e programas

destinados a Telepromoção Rural, face aos objetivos comuns apresentados por estes órgãos e ainda que se continue realizando encontros como este, em outros estados brasileiros, possibilitando o intercâmbio de cursos e programas da Telepromoção Rural entre os diversos organismos atuantes.

Segundo os participantes do Simpósio, os treinamentos destinados a promoção do homem da área rural, devem ser aplicados em circunstâncias que favoreçam tanto a utilização dos referidos cursos e programas quanto dos veículos de comunicação social empregados na transmissão das mensagens e naturalmente onde sejam recomendadas a utilização destes meios, devidamente compatibilizados com a conveniência e adequação da região.

Assim, para a veiculação dos cursos e programas da Tele-

promoção Rural, devem ser considerados aspectos básicos como: os problemas e necessidades de informação e instrução que devem ser semelhantes e compartilhados por grande número de pessoas; a dispersão destas pessoas em grandes áreas; a falta de recursos humanos habilitados para encontrar e aplicar soluções nas áreas em questão e ainda a falta de tempo para aplicação de vários sistemas de treinamento.

Por outro lado, a aplicação da Telepromoção Rural, nessas situações, deverá partir do levantamento de necessidades dos grupos a serem atingidos, concludas à realidade e interesses do governo em seu planejamento; a conscientização sobre as limitações e possibilidades de melhoramento, evitando uma ênfase excessiva nas reivindicações e aspirações, mostrando que os meios de comunicação aplica-

dos à educação devem situar sua meta em ajudar o homem do campo a entender seus problemas e suas causas mediante um desenvolvimento de suas habilidades intelectuais de observação, análise, compreensão e solução de problemas.

A Fundação Educacional Padre Landell de Moura, entidade executora do Simpósio, é um dos organismos que vem trabalhando na área de Telepromoção Rural através de duas séries de Cursos e Programas destinados ao homem do campo. A primeira destas séries é a de "Desenvolvimento Rural", que possui um caráter informativo, destinada ao público rural e transmitidas através do rádio.

A outra série, de caráter formativo, transmite conhecimentos técnicos para a aplicação no trabalho do homem da área rural, é a "Capacitação Rural", elaborada em convênio com

o Ministério do Trabalho e apresenta 13 cursos: olericultura; conservação do solo, administração rural; suinocultura; fruticultura; avicultura; citricultura; orizicultura; cultura de forragens; maquinaria agrícola; cultura do milho, trigo e soja; bovinocultura; vitivinicultura; que são transmitidos através do circuito fechado (cassete) e tendo instrumentos de apoio audiovisuais e manuais.

De 1972 a 1976, com a aplicação das séries Desenvolvimento Rural e Capacitação Rural, a FEPLAM atingiu um total de 90.680 agricultores gaúchos, num trabalho conjunto com o Ministério do Trabalho - Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra, Prefeituras Municipais, Sindicatos Rurais, Cooperativas, Delegacias de Educação. ASCAR, Secretaria da Agricultura e empresas privadas.

CURSO DE FORMAÇÃO EM PASTOREIO VOISIN

Patrocinado pela Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio, da Prefeitura de Porto Alegre, será realizado no Parque Saint Hilaire, em regime intensivo, de 18 a 23 do corrente, o 15º Curso de Formação sobre pastoreio racional Voisin.

O curso é destinado exclusivamente à formação de técnicos, engenheiros-agrônomo, e zootecnistas - para a direção de projetos PRV, que estão sendo implantados no País. Poderão participar, mas apenas como ouvintes, outros profissionais.

Os técnicos que frequentarem o curso e forem aprovados na avaliação a que serão submetidos, receberão diploma. Os que não alcançarem grau de aprovação bem como os demais participantes receberão certificado de frequência.

Estudantes dos dois últimos semestres de Agronomia e Zootecnia, poderão frequentar o curso nas mesmas condições dos técnicos. Porém, se aprovados, o diploma só lhes será entregue após o registro no respectivo conselho profissional.

O preço de inscrição é de 2.600 cruzeiros incluindo almoço e janta no CAD. Para os que ficarem alojados no CAD, com pensão completa, 3.000 cruzeiros.

As inscrições poderão ser feitas na SMPIC, avenida Carlos Gomes, 2120 ou no Instituto André Voisin, praça Dom Feliciano, 78, conjunto, 704. Telefone 21-0751, no expediente da tarde, em Porto Alegre. Correspondência para o Instituto André Voisin, Caixa Postal, 672 - Porto Alegre.

MOBRAL EM IJUÍ

A Comissão Municipal do Mobral de Ijuí, através da responsável pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, profª Valduzi S. Friederich, está informando os locais onde estarão funcionando os novos postos de alfabetização do mobral, recentemente instalados em Ijuí.

São os seguintes os postos de alfabetização do mobral em Ijuí, com seus respectivos dias e horários de aula:

Sede do Bairro São Paulo, com aulas de segunda às sextas-

feiras, das 20 às 22 horas e aos sábados à tarde das 14 às 16 horas; Escola Municipal Dona Leopoldina, com aulas segundas, quartas e sextas-feiras, das 20 às 22 horas; Centro de Promoções Humanas do Bairro Burtet, às segundas, quartas e sextas-feiras, das 15 às 17 horas; Escola Municipal do Bairro Storck, às segundas, quartas e sextas-feiras, das 20 às 22 horas. E Sede do Bairro Assis Brasil, com aulas aos sábados às 14 horas e aos domingos às 9 horas da manhã.

Eis a marca da Herbitécnica: duas mãos defendendo uma planta em perfeito equilíbrio.

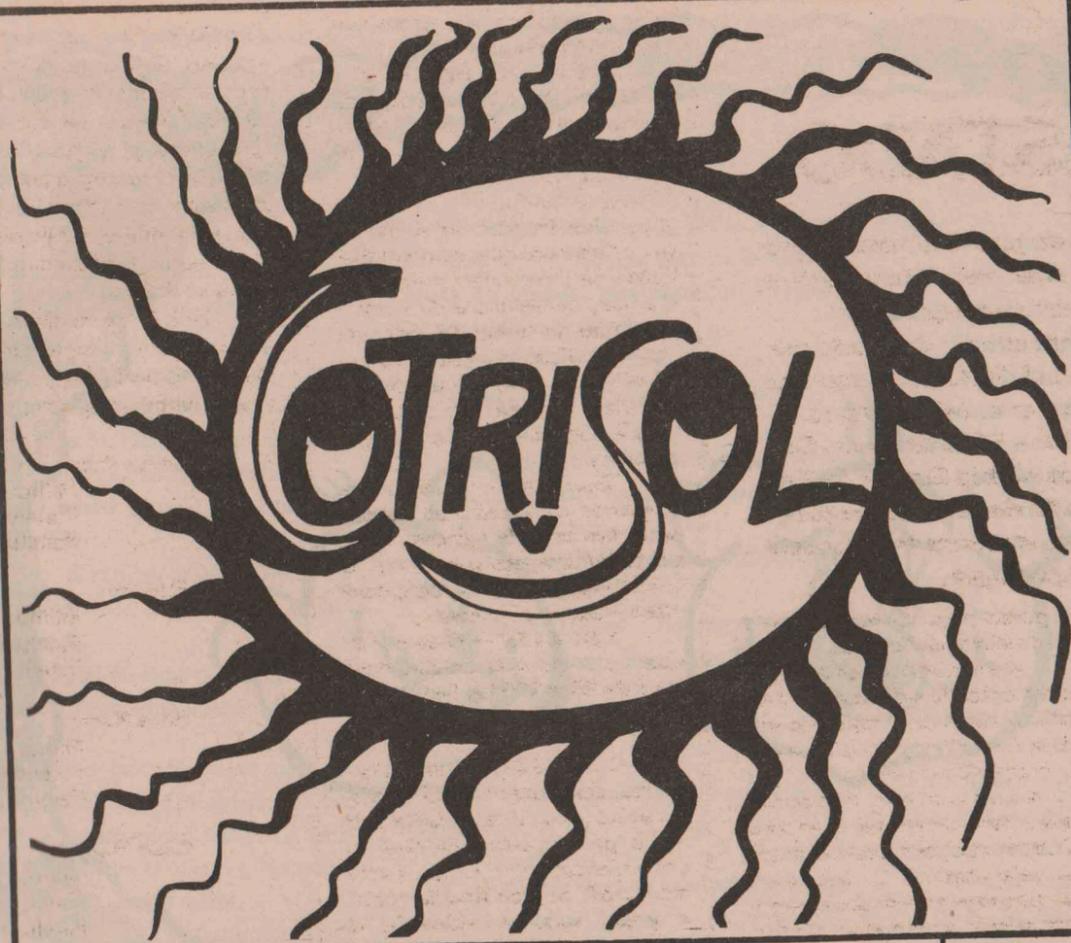
Na realidade, a Herbitécnica é isso: agrônomos sempre à disposição da lavoura, com herbicidas, fungicidas e inseticidas para dar a mão quando a planta precisa.

Mas com equilíbrio, para não prejudicar a planta, a ecologia e o bolso de quem planta.



PORTO ALEGRE - LONDRINA - MARINGÁ - CASCAVEL - BAURU - RIBEIRÃO PRETO - DOURADOS

PROTEÇÃO NA DOSE CERTA



SUPLEMENTO INFANTIL - OUTUBRO - 76

ELABORAÇÃO: marita kelm-iselda sausen-v.f. frantz

Escolinho
de Arte
da
FIDENE

O tatu teimoso

(Belina Ferreira - poetisa mineira, alcançou o primeiro prêmio de literatura infantil (1972))

Amarra o tatu na toca,
que o tatu tentou voar.

O' maninha, o mundo vai, se acabar!

O tatu pediu tristinho
as asas da borboleta.

Se um dia o tatu voar, o' maninha,

O mundo vai, se acabar!

Roubou as penas compridas
do perigoso condor,

O' maninha, se um dia o tatu voar

O mundo vai, se acabar!

O tatu sempre tentando
saindo do toco e do chão
funtou dinheiro e comprou
a passagem de avião

Enfim, o tatu voou, O' maninha,

O mundo não se acabou...

de
criança
para
criança



"Se eu fosse uma pombinha
Eu voava ligeirinho
Para ir lá no COTRISOL,
Buscar o meu jornalzinho".

Esta bonita rima, nos foi enviada por Joelson M. dos Anjos, aluno da Escola Municipal João Vergílio de Coronel Bicaco.

Joelson, a tua Escola, está de parabéns. Tu e teus colegas nos enviaram ótimas contribuições. Continuem!

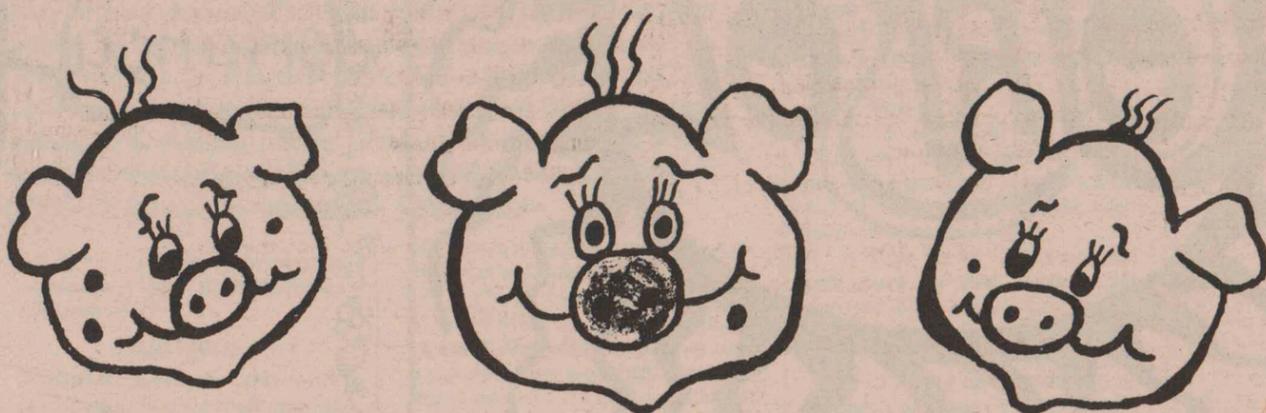
Rosalina Martins, Clarice dos Santos, Nelson da Silva, Irani dos Santos Dornel, Vera Maria da Rosa, Margarete Dornelles Marques são os coleguinhas de Joelson que escreveram para o COTRISOL, alguns já serão publicados na última página.

Maria Rosane Pereira - 8 anos - 2ª série de Capão do Tigre, Augusto Pestana, juntamente com Marta Rosecler Mallmann - 7 anos, Jane Klant, 9 anos - 3ª série, nos enviaram suas colaborações.

Agradecemos também a contribuição de nossa leitora mirim Leci Terezinha Felber da Escola Professor Romalino Torres.

Esperamos que a Página Infantil deste mês, traga para todos, momentos de distração de alegria e de enriquecimento.

Até o próximo número!



OS TRÊS PORQUINHOS POBRES

Érico Veríssimo, escritor gaúcho (Cruz Alta), sempre escreveu livros para gente grande, como *O Tempo e o Vento*, *Olhai os Lírios do Campo*, *Israel em Abril*, *Senhor Embaixador*, *Clarissa* e muitos outros. Até que um dia, resolveu escrever livros para crianças e montou uma pequena coleção com histórias maravilhosas.

Escreveu: *As Aventuras do Avião Vermelho*, *Os Três Porquinhos Pobres*, *Rosa Maria no Castelo Encantado*, *O urso — com — música — na barriga*; *A vida do Elefante Basílio*, *Outra vez os Porquinhos* (Editora Globo — Porto Alegre — 1976)

Escolhemos, *Os Três Porquinhos Pobres*, para reproduzir em parte para vocês. Vocês vão gostar.

No final de cada parte formularemos algumas perguntas, para que vocês possam discutir junto aos colegas, qual, a continuidade que dariam e nos posteriores números do COTRISOL, comparar com a continuidade que Érico Veríssimo deu. Topam? Então vamos com a primeira parte!

Era um vez uma casa. A casa tinha um quintal. O quintal tinha um chiqueiro. O chiqueiro tinha três porquinhos. Os porquinhos eram irmãos. O mais velho se chamava Sabugo e era preto. O do meio se chamava Salsicha e era ruivo. E o mais moço se chamava Lingüicinha e era malhado.

O quintal era muito pobre. Tinha um cachorro magro, um galo gordo, uma galinha arrepiada e um burro orelhudo.

O cachorro vivia triste porque não encontrava gato para brigar com ele. A galinha andava muito contente porque era magra e a cozinheira não se lembrava de levá-la para a panela. O galo era um sujeito vaidoso, cantava como tenor e sabia sempre as horas direitinho — isto só porque tinha engolido um relógio despertador. O burro pensava que era muito importante: contava histórias para outros bi-

chos, assim, como eu estou contando agora para vocês. (A diferença é que eu não sei ainda sacudir as orelhas nem zurrar; estou aprendendo.)

Um dia Sabugo botou a mão na cabeça, fechou os olhos e começou a roncar. Salsicha olhou e disse:

— Está doente. Comeu demais.

Lingüicinha soltou uma risada e falou:

— Mano Sabugo está pensando na namorada.

O porco mais velho tinha uma namorada que morava no chiqueiro da casa vizinha.

Mas Sabugo abriu os olhos e disse:

— Nossa vida é muito triste. A gente vive dentro deste chiqueiro. Não vai aos cavalinhos. Não vai ao cinema. Não vai a parte nenhuma. Isto é uma vida de cachorro!

O galo ouviu a conversa, trepou em cima da cerca, esticou o pescoço, abriu o bico e cantou:

— Cocoricó! Cocoricóóó! Quem nasceu porco fica porco a vida inteira!

Sacudiu as asas, desceu para o chão e começou a passear muito orgulhoso, como se fosse um general.

— Au! Au! — latiu o cachorro — Nunca ouvi voz mais horrível que a desse galo gordo.

O galo não deu importância ao que o cachorro dizia.

A galinha arrepiada bicou uma minhoca e disse baixinho:

— A voz desse galo gordo é a mais bonita do mundo. Nunca vi ninguém tão invejoso como esse cachorro vira-lata.

— Quem é que é vira-lata? — berrou o cachorro.

Tinha ouvido tudo. Estava de ore-

lhas em pé. Deu um pulo e atirou-se de boca aberta em cima da galinha. A coitada da galinha começou a correr e a gritar por todo o quintal. O cachorro, atrás. O galo achou melhor trepar de novo na cerca e ficar olhando. Os três porquinhos se puseram na ponta dos pés e espiaram por cima das tábuas do chiqueiro.

Então veio o burro, segurou o cachorro e disse;

— Não briguem, meninos!

Eu disse que o burro tinha óculos? Não disse. Pois é. Tinha óculos escuros. Não enxergava bem, era muito velho.

Pois o burro limpou os óculos e continuou a falar:

— Não devemos brigar. Todos os bichos são filhos de Deus. Todos os bichos são irmãos.

O galo falou de cima da cerca:

— Eu não sou irmão desse cachorro malvado.

Por que o galo foi dizer isso? O cachorro ficou furioso e já queria avançar no cantor. O burro pediu calma. A galinha arrepiada estava tremendo. Ninguém sabia se era de frio ou de medo.

Os porquinhos se sentaram cada um na sua cadeirinha.

— Vida triste! — disse Lingüicinha, suspirando.

— Somos três prisioneiros! — exclamou Salsicha.

Então Sabugo começou a cantar uma cantiga muito sentimental, muito

tristonha, uma cantiga de voz tremida, uma cantiga que era assim:

Sou um pobre prisioneiro

Que vive neste chiqueiro

E que nunca tem dinheiro. . .

E. . . e. . .

Sabugo embatucou. Tinha a mania de fazer versos. Achava que era o melhor poeta do mundo. Mas começou a gaguejar e o verso não terminava. . .

Então Sabugo ficou vermelho e acabou chorando. Era porco mas tinha vergonha na cara.

De repente Lingüicinha teve uma idéia e começou a dançar. Sempre que tinha idéias, dançava.

— Vamos fugir, minha gente! — gritou ele.

Salsicha torceu o rabinho para pensar melhor. Sabugo ficou num pé só para clarear as idéias.

— Vamos consultar o burro — disse Salsicha.

— Vamos consultar o burro — repetiu Sabugo.

Foram.

O burro estava na sua casa fumando cachimbo e lendo jornal.

— Seu Burro — disse Lingüicinha — o senhor é um homem muito inteligente e nós viemos lhe perguntar se devemos ou não fugir deste quintal.

O burro dobrou o jornal e largou-o em cima da mesa. Deu um chupão no cachimbo, cruzou as pernas, olhou para os

três porquinhos por cima dos óculos e falou:

— Meninos, não sejam loucos. Não é direito fugir. Cada um deve ficar contente com a vida que tem.

Salsicha deu dois passos à frente e gritou:

— O senhor diz isso porque é burro e não corre o perigo de ir para o forno no dia de Natal. . .

Sabugo também se meteu:

— Não é o senhor que vai para a mesa assado, todo enfeitado com rodinhas de limão!

Lingüicinha se entusiasmou, deu uma viravolta e disse:

— Não precisamos dos seus conselhos. Vamo embora, pessoal!

Os três porquinhos voltaram para casa.

O burro encolheu os ombros. Não tinha nada com a vida dos três irmãos. Estava velho e não queria meter-se em barulhos. Anoiteceu. Apareceu no céu uma Lua de cara inchada. O galo saiu para o meio do quintal e cantou:

— Corococó, boa noite, Dona Lua!

A Lua fez careta e respondeu:

— Não me amole, galo bobo! Estou com dor de dente.

Então o cachorro, que era muito intronmetido, ladrou:

— Au! Au! Au! Se a senhora está com dor de dente por que não vai ao dentista?

— É mesmo! — gritou a Lua, admirada. — Eu não me lembrei disso!

Botou o chapéu na cabeça e foi para o dentista. O céu e a Terra então ficaram muito escuros. Sozinhas, as estrelinhas não tinham força para alumiar. E mesmo começaram a tremer de medo e acabaram entrando para dentro de suas casas. Aproveitando a escuridão, os três porquinhos saíram na ponta dos pés na direção do portão da rua.

— Meu coração está fazendo toc-toc. . . toc-toc. . . — disse Salsicha.

— O meu está quase parado. . . — disse Sabugo.

Lingüicinha quis dizer que era muito valente e inventou:

— Pois eu não tenho coração! Encontraram o portão aberto e fugiram.

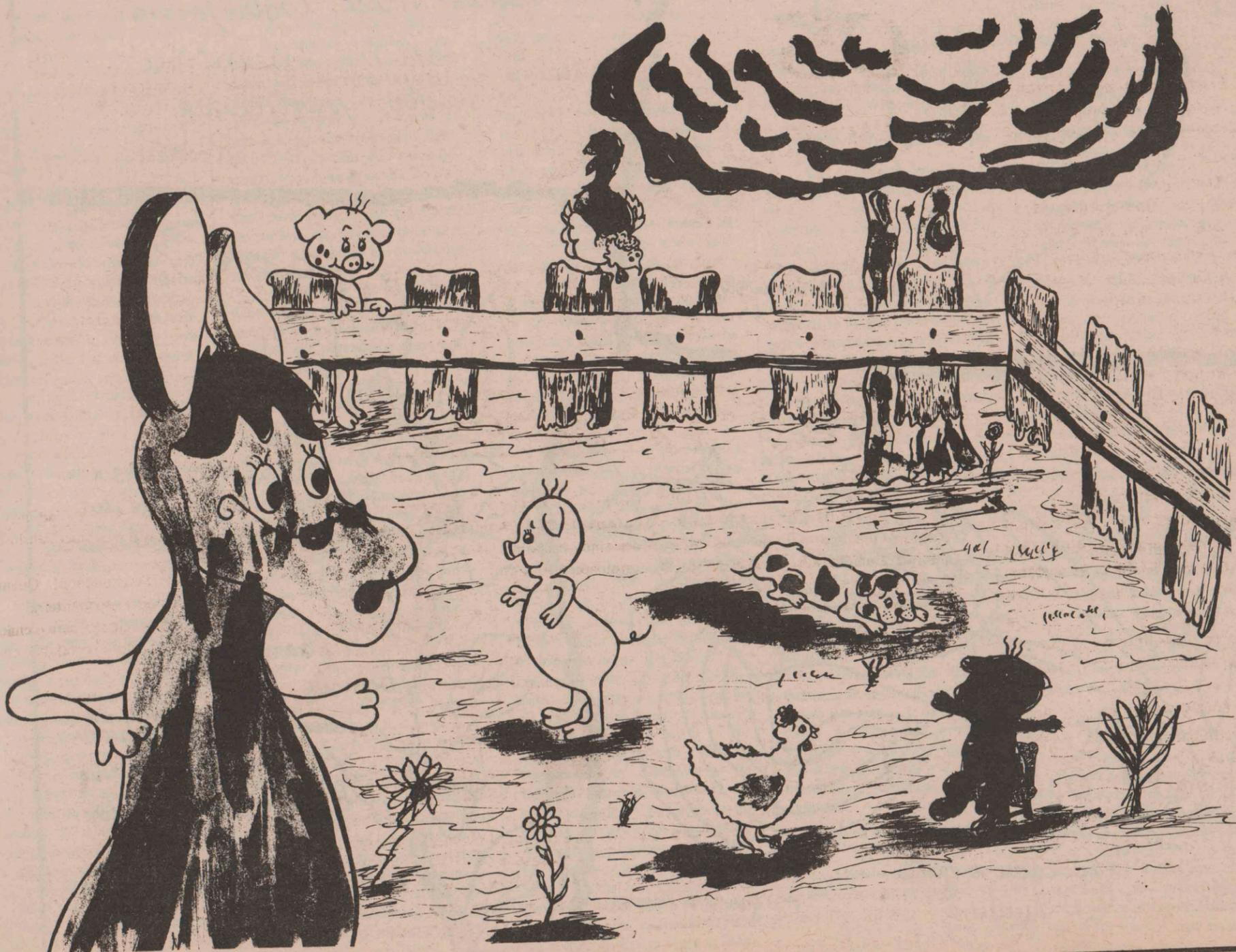
(Continua na próxima edição)

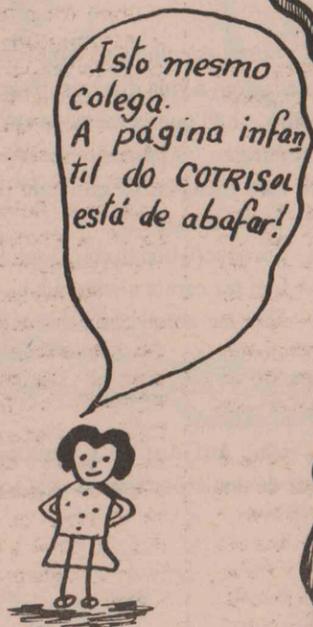
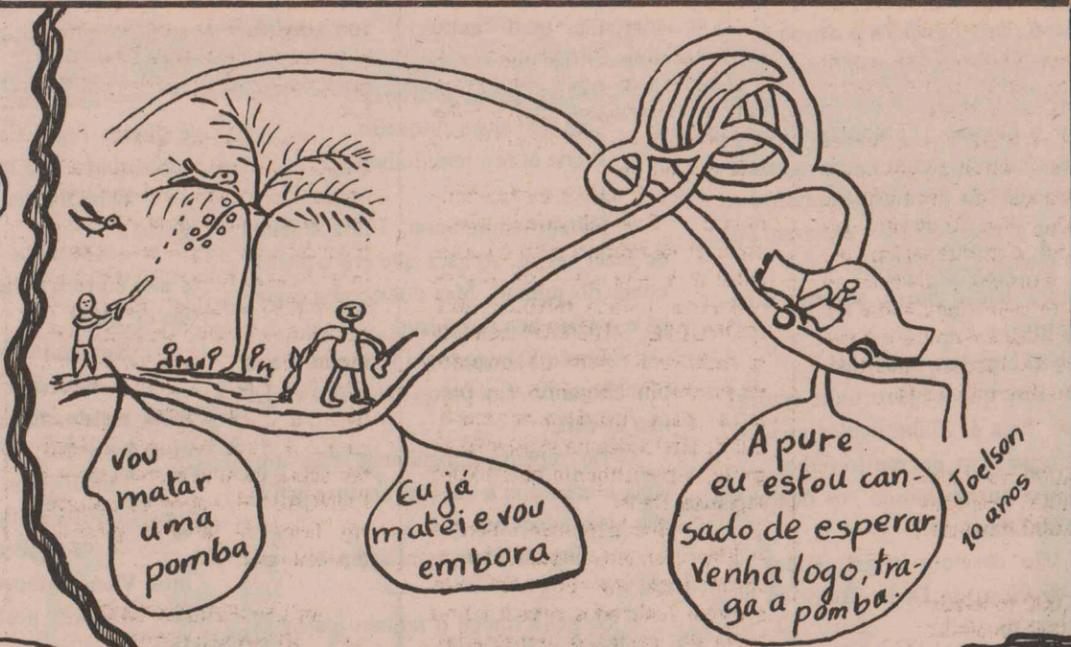
— Como vocês acham que eles se sairão nesta aventura?

— Vocês acham que três porquinhos fora do chiqueiro poderão sobreviver?

— Experimente observar, os porquinhos, ou outros animais de sua casa. Serão eles capazes de organizar uma aventura como esta?

— Vocês gostaram da ilustração da história? Façam uma ilustração do quintal de suas casas e enviem para o COTRISOL.

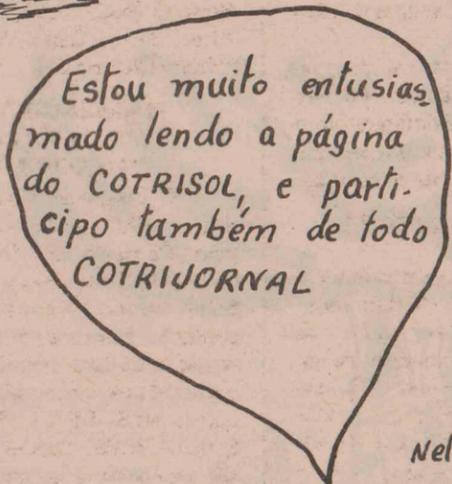




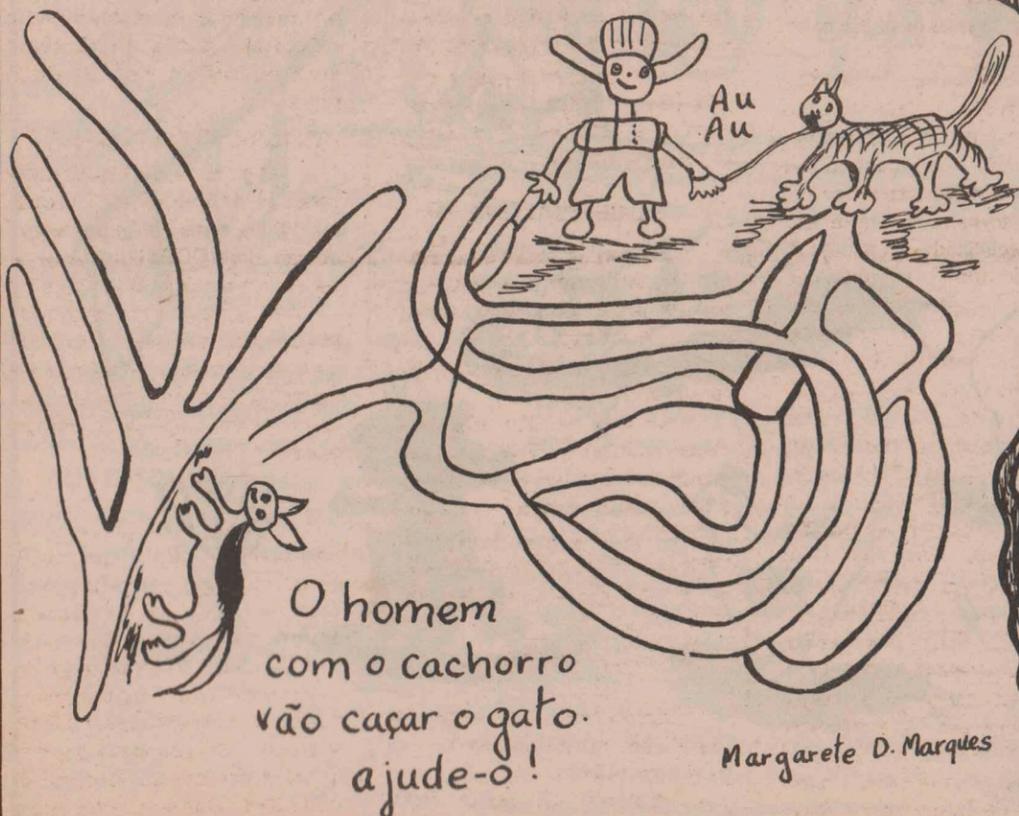
Esta árvore é plantada
Na frente do meu quintal
Onde todo dia leio
A página do Cotrisol

Na minha escola recebo
Todos meses Cotrijornal.
Por isso me incentivei
E resolvi participar...

Rosalina 10 anos



Nelson Adenor da Silva



Margarete D. Marques

